

CATALDO PARÍSIO SÍCULO

MARTINHO VERDADEIRO SALOMÃO

POR

DULCE DA C. VIEIRA

E

A. COSTA RAMALHO

**Poemata
Catalois**

COIMBRA — 1974

(Página deixada propositadamente em branco)

MARTINHO, VERDADEIRO SALOMÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

CATALDO PARÍSIO SÍCULO

MARTINHO, VERDADEIRO SALOMÃO

PRÓLOGO, TRADUÇÃO E NOTAS
DE
DULCE DA CRUZ VIEIRA

INTRODUÇÃO E REVISÃO
DE
AMÉRICO DA COSTA RAMALHO



COIMBRA
1974

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

O *Verus Salomon, Martinus*, ou seja, *Martinho, Verdadeiro Salomão* é um poema laudatório em dísticos elegíacos, escrito em honra de D. Martinho de Castelo Branco (c. 1456-1527), conde de Vila Nova de Portimão, «veador da Fazenda del rey Dom João e del rey Dom Manuel e camareyro mor del rey dom João o terceyro»¹. É dedicada a composição, em 690 versos elegíacos, ao conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses (c. 1487-1543), que foi o discípulo dilecto e um dos protectores do humanista Cataldo Parísio Sículo (c. 1455-c. 1517), poeta novilatino e autor do *Verus Salomon, Martinus*.

No segundo volume da correspondência de Cataldo anda uma carta² que elucida as circunstâncias em que foi composto o poema com que o humanista pretendeu saldar os serviços que D. Martinho lhe prestara, nomeadamente, no pagamento de vencimentos em atraso, que lhe eram devidos pelo erário régio. A versão portuguesa dos versos e as notas finais esclarecem o caso e, por isso, me não ocupo aqui das dificuldades financeiras do Sículo.

Aproveitarei antes alguns trechos da carta para mostrar o interesse histórico deste poeta latino do Renascimento, que se ocupa de personagens do começo do século XVI, beneficiárias e fadoras de uma moda literária da época, corrente na Europa culta, a saber, a Literatura em latim.

¹ *Academia Portuguesa de História, Livro de Linhagens do Século XVI*. Introdução do Académico Correspondente António Machado de Faria, Lisboa, 1956, p. 281.

² *Cataldi epistolarum et quarundam orationum secunda pars*, fol. E iij vº-E iv vº, reproduzida nas pp. 13-15. Designarei abreviadamente este livro por *Ep. II*. A transcrição do latim será a consentânea com as práticas filológicas modernas, conservando todavia os nomes próprios em minúsculas, como no original.

Cataldo, como se depreende da carta referida e de uma outra ³, e também do começo do poema, enviara o *Verus Salomon*, *Martinus* de Santarém ⁴, onde se encontrava, e onde gostava de viver, para Vila Real onde residia temporariamente o discípulo, nos domínios de seu pai, o 2.º marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses.

A carta que mais nos interessa contém já o eco dos comentários de D. Pedro de Meneses ⁵ ao elogio de D. Martinho de Castelo Branco. O conde de Alcoutim, ao que parece, não reprova os encómios ao *Verus Salomon*, mas estranha a pouca importância dada, nos versos de Cataldo, à mulher de D. Martinho, D. Mécia de Noronha, filha de João Gonçalves da Câmara, 2.º capitão do Funchal. E compreende-se: D. Mécia era ainda sua parenta, pois descendiam ela e os marqueses de Vila Real, de D. Afonso, conde de Noronha e Gijón, filho bastardo do rei D. Henrique II, de Castela ⁶.

As circunstâncias familiares do herói do poema, descritas na carta, são confirmadas pelo *Livro de Linhagens do Século XVI*, citado na nota anterior. Acontece mesmo que a carta de Cataldo é mais exacta do que o linhagista, que omite um dos onze filhos (D. João), para seguidamente o mencionar já casado.

Destes onze ⁷ filhos de D. Martinho, Cataldo recorda no poema três rapazes; e na carta menciona ainda dois mais novos e cinco filhas, das quais quatro já casadas. Mas é sobretudo um dos quatro genros que prende a sua atenção: «João Rodrigues de quem eu não sei dizer em que mais se distingue, se na bela presença física, se no talento, se na modéstia e excelente carácter, se na suave eloquência ou na aptidão

³ «Cataldus illustrissimo marchioni. S. (...) Ad comitem libellum mitto versu elego conscriptum, qui verus salomon martinus inscribitur, ut si quando ab aprorum leporumque uel auium uenatione cessauerit, perlegendo animum oblectet suum, donec quaedam alia, quae incepimus, ad calcem, deo fautore, perducamus. Valeat, T[ua] A[mpl]itudo» *Ep. II*, fol. C iv (reprodução fotográfica na p. 16).

⁴ Cf. A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, p. 73 e segs.

⁵ Sobre D. Pedro de Meneses, 2.º conde de Alcoutim (1499) e 3.º marquês de Vila Real (1524), ver, além do livro citado na nota anterior, o artigo na *Enciclopédia Verbo*, 13, 335-336; e ainda A. COSTA RAMALHO, «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas*, xxiii-xxiv, Coimbra, 1971-72, pp. 448 e segs.; Idem, «V-Três documentos respeitantes a Salvador Fernandes», *Ibidem*, p. 477.

⁶ Cf. o livro citado na nota 1, p. 221.

⁷ Outros dão-lhe treze filhos. CRISTÓVÃO ALÃO DE MORAIS, *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. 2.º, Porto, 1944, p. 487, atribui-lhe 12 filhos, entre eles D. Brites de Noronha, sm.er de A.º (ou L.º) Piz. Pantoja, f.º de P.º Pantoja», que não figura no *Livro de Linhagens do Século XVI*.

para a vida. Ainda novo, graças a um bom natural, ajudado do esforço próprio, de tal modo brilhou, que facilmente e em breve superou quantos mestres teve. E não se contentou com os bens de pais e avós, como é habitual em quase todos os nobres nestes tempos que correm, mas consagra-se às letras com tanto afincio, lendo e interrogando os que mais sabem, como se por elas tivesse que procurar o sustento».

E o Sículo continua, depois de garantir a ausência de lisonja nas suas palavras: «Não tinha convívio algum com ele. Encontrara-se comigo uma ou, quando muito, duas vezes, perguntando-me cortesmente não sei o quê. Mas quando, há pouco, me dirigi a casa do sogro para qualquer coisa do meu interesse (como acontece a toda a gente, pois sem a sua ajuda nenhuma pessoa decente vive decentemente neste país), fui recebido com toda a benevolência pelo sogro, e não menos pelo genro, e conheci melhor esse rapaz, por ter podido ouvi-lo, falar com ele e trocar impressões. E não pude regressar senão com um presente. O sogro mandou-me trazer da sua arca uma capa cor de escarlate para que, ao sentar-me à mesa de trabalho, eu a usasse, por amor de si»⁸.

Segue-se a descrição da casa, magnificamente situada com vista sobre o mar (i. e. sobre o Tejo), com seu pomar circundante, — mansão confortável que o rei D. Manuel e a rainha D. Maria gostam de visitar⁹. E a carta termina com um breve *curriculum* civil e militar de D. Martinho e a indicação da sua aparência física e idade, ao tempo: jovem, robusto, com poucos cabelos brancos, nos seus quase cinquenta e cinco anos («...cum iam quinquagesimum et quintum annum attingat»). Cataldo promete ocupar-se dele nas Crónicas que pensa escrever, se a vida lho consentir.

⁸ «Nec possum ... silentio praeterire ex quattuor ioannem rodoricum qui pulchrane corporis dispositione an ingenio, modestia, optimisque moribus, an loquendi suavitate et rerum peritia excellat, magnopere dubito. Qui adulescens adhuc natura duce et suo ingenio adeo enituit, ut quoscumque habuit praeceptores facile et breui superauerit. Nec contentus opibus paternis et auitis ut omnium fere generatorum hac nostra tempestate natura est, sed litteras ita uigilanter persequitur, tum legendo, tum peritiores scitando, ac si per illas foret sibi uictus quaerendus [...] Nulla fuerat mihi cum illo consuetudo: semel aut ad summum bis me conuenerat modicis uerbis nescio quid interrogans. Verum cum nuper rei cuiusdam meae causa socerum in propriis domibus (ut ceteri omnes et sine quo nemo bonus bene uiuet in regno) adissem, exceptusque a socero benignissime nec minus a genero iuuenem perfectius auditu, colloquendo et conferendo cognoui. Nec aliter ab illis recedere potui nisi munere donatus. Nam socer ex multis in gazophilacio positis uestimentis, togam coccineam mihi afferri praecepit, ut in pluteo studens illa indutus sui ipsius amore uterer». (*Ep. II*, fol. E iij vº-E iv).

⁹ Ficava na Ribeira de Lisboa, nas vizinhanças da porta da Oura, segundo JÚLIO DE CASTILHO, *A Ribeira de Lisboa*, 2.^a ed., vol. IV, Lisboa, 1943, p. 60.

A idade de D. Martinho permitiria datar a carta com exactidão, se algumas indicações cronológicas dadas no poema (vs. 291-292) fossem exactas e não apenas aproximação encomiástica: D. Martinho e D. João II seriam da mesma idade, e, portanto, nascidos ambos em 1455. Deste modo, a carta teria sido escrita em 1510.

Mas num epitáfio citado por Braamcamp Freire, em *Brasões da Sala de Cintra*, III, p. 377, diz-se a respeito de D. Martinho que «de quinze anos servira em Toro, de sessenta e dois levava a infanta a Sabóia e de setenta e um morrera». E o erudito investigador argumenta: «Quem tinha quinze anos em 1476, não podia ter sessenta e dois em 1521, e para qualquer destas datas que estivesse certa, vinha a ser o falecimento do conde, aos sessenta e dois anos, em 1533 ou 1531, e já lá acima ficou dito que ele morreu em 1527».

Se procurarmos, a partir destes pontos cronológicos, deduzir a idade, do ano a que ela se reporta, encontraremos o ano do nascimento; e se a este juntarmos os 55 anos que, segundo Cataldo, tinha o conde de Vila Nova, quando lhe enviou o poema, acharemos a data em que foi escrito. Três datas diferentes, mas uma delas muito próxima daquela a que Cataldo nos permite chegar:

$$1) 1476 - 15 = 1461 + 55 = 1516$$

$$2) 1521 - 62 = 1459 + 55 = 1514$$

$$3) 1527 - 71 = 1456 + 55 = 1511$$

Das três datas do epitáfio, a que tem naturalmente mais probabilidades de estar certa é a do falecimento, por ser a mais recente e próxima da altura em que foi gravado o epitáfio. Ora é esta que nos conduz à data mais aproximada da oferecida por Cataldo: $1455 + 55 = 1510$.

Por outro lado, é natural que, ao dizer no v. 292 que D. João II e D. Martinho eram «aetate aequales», o poeta tivesse em vista sublinhar lisonjeiramente a igualdade na idade, juntamente com outras semelhanças entre os dois amigos, a saber, de espírito, de físico, de inteligência: (*Aequales animis, aequales paene figuris, | Aetate aequales, ingeniisque pares*).

Deste modo, é possível que tenha exagerado um pouco a semelhança de idades, sendo D. Martinho afinal mais novo do que o rei, nascido em 1455. Creio, pois, que pode, como hipótese de trabalho, fixar-se o ano de 1456 para o nascimento do valido.

Assim sendo, o poema *Verus Salomon, Martinus*, enviado ao conde de Alcoutim, em data anterior à da carta de que nos vimos ocupando, deve ter chegado às mãos de D. Pedro de Meneses, em princípios de 1511.

Cataldus comiti alcotini. S.

Quæ si tuis cognoui quantū gauisus sis libro illo nfo: quem ad te na
per ex sancterena ad villam vsq; regalem transmisiimus. cuius titl^o
verus salomon martinus est idq; duabus causis tibi p̄tigisse clare intelle
xi: tum quia foetus nros gaudes lectitare: tum quia tanti viri laudes in il
lo celebrantur. cui lustranie reges omnes p̄ncipes et generosi: nedū popu
li plebesq; plurimū debent. Et vti ex debitoribus vnus maximas habes
mibi scriptori gratias. Verū fuisse te miratū et fere doluisse dicebas. cum
de viro cumulate scripserim: vxorem foeminā nobilissimā: honestissimam
modestissimā: ac castissimā dominā missiaz norognam qualē hacten^o be
speria hec nra: nec forte altera hesperia vnq; habuerit: tam oblit^o mei na
lla de ea facta mētionē tacuerim et quedā alia notabas quasi me negligem
tem arguentia. Fateor equidē mi doctissime comes si aliqua culpula mea
id cōtigisset: non solum reprehensione me dignū. sed verberibus asperri//
nis esse dignissimū. sed locus et tempus vbi et quando illud opus cōpo//
sui: honeste me excusant. nominis ignoratio fecit. ignorabā. n. illius no
me. nec quosdā rogans valui fieri certior. nā mores: pudiciam: honesta
tem: prudentiā fidez: genus: et ceteras animi corporisq; dotes fama bene
noveram. videbatur mihi hec omnia scribere proprio dimisso nomine nō
esse conueniens Sperabā aliqñ scito et noto longe diffusius et meli^o de
ea me scripturū. Satis antea audieram eam filiā et neptē generosoz quo
rundā: domini hērici alūnozū. quē in fantē vulgo dicunt. qui gubernabāt
regebāt et veluti proreges cum mero mixtoq; īperio materarū insulas tā/
q; eaz; primi inuentores possidebant: et ad hūc vsq; diem istius domie fra
tres possident. appellantur vulgari lingua capitanei. Nec ego diuine co
mes hec tibi scribo qui mīto melius. hec omnia. me scribēte cognoscis sed
externis et ijs qui huius modi nesciunt: mani festare gaudeo. Nec erit a
proposito alienū hic cōmemorare quod in libro illo quacūq; causa cōtigi
rit: omisim^o. Dñs petrus eiusdē cognominis frater: paulo ānis minor: nō
minus gñosus q; strenuus eques: et ioāni quondaz et nuc emanucli regi
familiaris et charissimus semper extitit. Accepi preterea a dñi martini fa
miliaribus illū vltra quattuor maritatas et nuptui decentissime traditas
filias: duas habere in nuptas: vnā marie regie dīcatā: alterā puellulā domi
secum cōmorantes: Et preter cōmemoratos illos tres mares: inueni duos
alios minores antoniū et alphonuz. elegātissimos omnes et modestiss/
mos: adeo vt filias vere nymphas: filios bellerophōtes possis dicere. Bo
na arbor: malos informes ve fructus nequit producere. Non cōmemoro
generos: qui cum sint tāti soeci quales nisi electissimi esse debeant: Nec
possū vel iuitus silentio preterire ex q̄ttuor. ioānē rodoricuz. qui pulchra
ne corporis dīspōsitione: an ingenio: modestia: optimisq; moribus: an lo/
quēdi suauitate et rez peritia excellat: magnopere dubito. qui adolescē

ad huc natura vnce et suo studio a deo enituit: vt quoscūq; habuit precep-
tores: facile et breui superauerit. Nec cōtent^o opibus paternis et auitis
vt omniū fere generosoꝝ hac nra tempestate natura est: sed lras ita vigi-
lanter persequitur tum legendo: tum peritiores scitando: ac si per illas fo-
ret sibi victus querēdus. Et si aliter sentirem aut scriberes: inter malos et
iniquos essem numerand^o. Nulla fuerat mihi cum illo cōsuetudo: semel
aut ad sūmū bis me cōuenerat modicis verbis nescio quid interrogans.
Verū cum nuper rei cuiusdā mee causa socerū in proprijs domib^o (vt ce-
teri omnes et sine quo nemo bonus bene viuet in regno) adissem: excep-
tusq; a socero benignissime nec min^o a genero iuuenē perfectius auditu-
colloquēdo et conferendo cognoui. Nec aliter ab illis recedere potui ni-
si munere donatus. Nam socer ex multis in gazophylacio positis vesti-
mentis: togam coccineam mihi afferrī precepit: vt in pluteo studens illa
indutus sui ipsius amore vterer. Acceptaui tanti illam faciens quanti au-
ream dedisset munificentissim^o emanuel. quam neq; sperauerā vnq;: ne-
q; super illa habenda cogitaueram. Edes vero eius cum pomario tales
inter reliquas eminent: qualis ipse inter eminentissimos viros emiet. Et
quæ esset lōgissimū scribere: q; sunt ornate diuites et regales i meliori toti^o
vrbia cū pulcherrimo saluberrimoq; i mare prospectu site: vt quisq; nesci-
ens quales sint animo secum cōprebendar: adduco illa p. ligni patris car-
mina illis satis conuenientia. Regia solis erat sublimibus alta colūnis.
Clara micante auro flāmasq; imitante pyropo. Cuius ebur nitidum fa-
stigia sūmā tegebat. Argenti bifores radiabant lumine value. Materiā
superabat opus: nā iuppiter hic hic. Omnia miranda iam consumauerat
arte. quid plura: apollo ipse cum calliope et cetera musarū turba solent
interdum in has amenissimas lautissimasq; domos vire: et i eis prande-
re: cenare: et conuiescere. Apollinē emanuelē regem: calliope n mariā re-
ginam intelligo. Dona vero alia que dicunt fortune aurū argentū gem-
mas resq; omnes preciosas: tantas quantas prepotentissimus emanuel
possidet: siquidem in ipsius martini omnia sunt potestate: et capiendūque
velit arbitrio. Sed vir iustissimus christianissimus paucissimus content^o
cūta preter v̄tutē paruifaciēs ea accipit que necessaria sibi et suis esse exi-
stimat. atq; etiam rege domino sepe offerente accipere recusat. Nec adeo
eius mediocres sunt diuitie: quin alio in regno regulū facerent stabillrēt
et seruarent. Cumq; maiori posset titulo gaudere: paruo content^o est dici-
tur enim vt est ville noue comes. Siquisq; ante obitum beatus fortunat^o
q; dici potest: hic est ille: qui tam charus acceptusq; regibus principib^o q;
omnib^o totiꝝ populo nemine dissentiente mordente ve aut conquerente
absq; inuidia murmureq; tot et tanta quotidie expediens negotia: quid
cogitare debemus nisi apud deum gratiosum esse: et multo gratiosior em
futurū. Qui siue in pace siue in bello siue in festis ludisq; siue in rebus lu//

et uosis et moestis opus sit apparere: quis illo melior: aptior: alacrior for/
 rior: et audentior succurrens occurrit: ut in pace vn^o: in bello alter homo
 esse videatur: verba habet paucissima. opera plurima. Nec nisi in arduis
 et ubi de communi omnium vita et regnorum statu agitur: vnanimi uoce
 eligitur: preponitur: mittitur. Et ego pessimū committerem facinus scri/
 bens portugalsiū gesta: si non cumulatius alibi et diffusius q̄ hic de il/
 lo scriberem: quanq̄ si singula que clarissime in uita gessit notare uellem
 decadem saltem nullo admixto mēdacio cōponerem. Nec possum: quin
 vnū ex multis memoria dignissimis narrem: me continere: iohānes rex se/
 cundus cum in mauritania in ea parte aphyricę que ad atlanticū mare uer/
 git: gratiosā castrū in christiane fidei honorem contra mauros cōstrui eri/
 giq̄ iussisset: constructa erectaq̄ tanta maurozum equitū peditūq̄ mul/
 titudine oppressa est: quanta uideri potuisset: numerari autē minime. Ip/
 se enim p̄becie rex sollicitus et plus solito anxius illuc ad pellendos illūc
 hostes uenerat. Tūq̄ hic tantus uir intus cū quibusdam generosis et reg/
 ni primatibus afforet: sua prudentia: cōsilio et animo parua turma comi/
 tatus nocturno tempore a castro exiens quosdam inuadens conculeans
 et occidens mauros: adeo maurozū regem terruit: ut a cladifera obsidio/
 ne ipse et qui secum erant: pactione induciq̄ interpositis repente libera/
 rentur. nec minus totum portugalic regnum a maximis laboribus et an/
 gustis liberauit. quod si romanozū tempore hoc fuisset gestum: longam
 condidissent auctores historiam. Unde in tantozū benefactorum premiū
 dat ultra complurima ipsi martino deus: q̄ cum omnia humana natura/
 liter diuturnitate uetustateq̄ senescant magis: ipse nutu consensuq̄ diu/
 no in dies presentia: sermone: uultu: robore incessuq̄ preter paucos quos
 habet canos: cum iam quinquagesimū et quintū annum attingat: iunior
 pulchrior: robustior: recētioreq̄ efficiatur. Sed sit finis. In chronica nris
 si diutius uirero et lati^o et ornat^o si q̄ in me erit ornat^o: que certissime ui/
 deo et re ipsa multo certius experior: fidelissimelitterarum monumentis
 conabor tradere. Vale.

C. Catald^o excellenti et magnanimo dño. d.
 antonio norogne: regio cōsāguineo. S.

Non tantū opus altum quidem et nouū (non nobis domice) quod
 marie regine presentaturus sum: quantū magni senis amor ne lōgi^o
 prodire remanere me coegit. Deliberaverā omnino ampli^o ad uos vlyxbo
 nā non ire: sed quocūq̄ caput me ferret: tēdere. Sūz enim ceteris hoībus
 contrarius. Alij omnes pedibus: ipse capite ābulo. Quid est hoc: pudet
 me dicere. Tu magnus et potēsis in regno dñs non tantū trium mensur/
 spatio ualuisse: ut pauperē cataldū recipi et collocari in vrbe vlyxbone fa/
 cereb. ubi uniuersa machina uiuit et recipitur. nō propter me sed propter
 filios tuos doleo a rege pre ceteris mihi cōmendatos qui quanti fiant so/

Catald' francisco carnerio. S.

Salutem sis sapientia et moribus senex etate puer patre et fernando
auunculo ceterisque sapientissimis viris multo sapientior future. Joāncā
de fonte viuo potius q̄ sicco apud que plurimū vales quoddā habet ne
gociolū meū cum rege expediendū. Obsecro amore erga te meo effice cuz
illo vt citius et melius q̄ possit expediat. Quo me ad te amādum observā
dūq; Longe vehemētius q̄ ob quattuor causas a me nuper patri te pre//
sente commemoratas debeo: hac intercessione compellas. Vale.

Catald' Magnifico. d. lupo almeide. S.

In rebus oībus siue bone siue male sint agentū voluntatē non finem
sapientes cōsiderant. Cum igitur comes socer pro me tam benigne ver
ba fecerit nō mi noris estimo q̄ si magnūz thesaurū ab eo et a te quoq; re
cepissem. Sumq; illi multo maior q̄ a te a debitor. Sed vt vix pferā. Iste
bonus orator qui nullo studio eloquentior est q̄ catald' longissimo dul
cissima dedit verba. Soluit autem quod debebat nihil. Volui hec signifi
care ne vos deceptorū mendaciq; neophyto causa mea quicquam debere
putaretis. Vale.

Catald' Illustrissimo marchioni. S.

Afirmavit mihi tua amplitudo hinc discedens ante diui francisci edē
in paschate futuro lerene cuz tota domo debere omnino adesse quod
ipse credens me sancterene hucusq; continui hac de causa vt obuiam ve
nienti facili' prodirem qui et si homunculus statum non augerem saltem
numerū facerē. Verū cū mihi nuper marcus coritiū. L. apli. alumin' re
ditū tuū nō fore nisi ad annū certissime manifestasset: statui hunc mittere
tabellariū solū vt singulos et te iprimis visitaret. meoq; nomine man' su
pplex oscularetur. vtq; etiam de singuloz valitudine et reditu cumulatū
veriusq; per cuz q̄ aliter fierē certior. Ad comitē libellū mitto. versu elego
cōscriptū. qui verus salomō martin' inscribitur. vt si quādo ab aprozū le
porūq; vel anū venatione cessauerit: perlegendo animū oblectet suū: do
net quedā alia: que incepim': ad calcē deo fauore pducam'. Valeat. T. A.

Catald' comiti alcotini. dño vnico. S.

Nisi capacitatis ingenijq; tui profunditatē toties expertus a pertissi/
me scirem: missi ad te operis argumentū non me pigeret explanare.
Verum quia spiritus forte tuus circa aliqua occupat' laborat: poteris si
voueris ab eodem tabellario summatim illud elicere. Qui a facimus: se
quamur paulū dicentem. Non coronabitur nisi qui legitime certauerit.
Et vos qui sapientes estis: sufferte insipientes. Spero me neglecto pessū
lentie rumore cito vlx bonā petiturum: regem conuenturum: et si potero
secuturū. nisi qui occidendi dōmittendiq; cataldū habet potestates: aliter
iusserit. Nō scribo his plura. Viue q̄ntū potes let' nri dicti memor. Vi
ta bñana brevis est: q̄ dū tristes viuimus: multo breuiorē facim'. Vale.

Em 1512, já o conde se encontrava governando Ceuta, onde nascera provavelmente em 1487, quando seu pai, D. Fernando de Meneses, governava a praça. Ai ficaria D. Pedro por cinco anos, até 1517.

A fixação da data da composição do poema interessa também ao cálculo do ano da chegada de Cataldo a Portugal, visto que nos versos 361-362 ele escreveu: *Demptis triginta sunt anni paene duobus / Quo nos hac patria continuique sumus.*

Tomando como ano da composição destes versos o de 1510, teremos que, 28 anos atrás, a chegada do humanista nos fica em 1482, três anos antes da data estabelecida sobre outros testemunhos, 1485¹⁰. Mas é possível que os 28 anos devam referir-se de preferência à data da impressão que, deste modo, se teria verificado em $1485 + 28 = 1513$.

Regressemos, porém, agora a João Rodrigues de Sá de Meneses, que é quem mais nos interessa nesta breve Introdução. Cataldo não se esquece de elogiá-lo no *Verus Salomon, Martinus*, confirmando a boa impressão que dele nos deixa na carta ao conde de Alcoutim:

Quattuor ex generis multa uirtute Ioanni
600 Offer, quem iuuenem florea sarta iuuant.
Qui Rodoricus aui Sale cognomen adeptus,
Maior auo musis, nomineque alter auus
.....
.....

¹⁰ Cf. LUÍS DE MATOS, «Nótulas sobre o humanista Cataldo Parisio Sículo», *A Cidade de Évora*, 35-36, ano XI (1954), p. 5: «Cataldo refere-se à sua chegada em dois passos das suas obras: na sua carta a Justa Rodrigues, do começo de 1499, dando-lhe os pêsames pelo falecimento de seu filho D. João Manuel, camareiro-mor de D. Manuel, e no poema *Salomon, Martinus*, concluído em 1511 ou 1512».

Na realidade, há mais um passo. Na «Cataldi querimonia ad ioannem emmanuelem qua primum se excusat quod raro ei scribat», *Poemata*, fol. K iiiij vº, escreveu o Sículo:

*Rege sub elapso duo lustra peregrimus: et uix
Integre laetum uidimus ire diem.*

«Sob o rei desaparecido, completei dois lustros; e com dificuldade vi passar um dia alegre até o fim».

O «rei desaparecido» é D. João II, falecido em 25.10.1495. O emprego de *perago* parece não deixar dúvidas de que Cataldo vivera dez anos completos, sob o reinado de D. João II. Estaria, portanto, em Portugal desde 1485.

605 Cretus in Aonio nutritus monte, sororum
 Lacte nouem, uenit ad loca nostra puer.
 Formosum formosa decent, est coniuge dignus
 Digna uiro coniunx, dignus utroque pater.

«Oferece (a grinalda) ao valoroso JOÃO, um dos quatro genros. Jovem como é, agradam-lhe as coroas de flores. RODRIGUES, ele recebeu o apelido de seu avô, SÁ, mas é maior do que o avô nas Musas e de fama um outro avô. (...) Ele cresceu no monte Aónio, bebeu do leite das nove irmãs e, ainda criança, veio a esta terra. A quem é belo convém tudo o que é belo. E é digno de sua esposa, tal como ela é digna dele, e o pai é digno de ambos».

A bela figura de Sá de Meneses (também referida na carta atrás citada) talvez não seja apenas encómio humanístico, se nos lembrarmos de que sua primeira mulher, D. Camila de Noronha, filha de D. Martinho de Castelo Branco, tinha, como seus irmãos, reputação de formosa e de que o poeta parece regozijar-se com a boa presença do jovem par. O casamento realizou-se em 1510, como mostrou Maria Beatriz Silvestre ¹¹, a partir das notícias «De Garçya de resende estando el rrey e Almezym a Manuel de Goyos, q̃ staua por capitam da Mina, & lhe mandou pedir q̃ lhe escreuesse nouas da corte, as quaes lhe manda» ¹². Numa das estâncias pode ler-se:

Dona Camyla casou
 com Joam rroiz de saa,
 no outro dia a leouo:
 nysto muytas cousas haa,
 de que v' conta nã dou.
 Conuydou as damas todas
 hũ dia ante das vodas
 dom Martinho a gentar,
 ouuahy tal, que casar
 desejou mais caues gordas.

¹¹ *A Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*. Coimbra, 1965 (dissertação de licenciatura dactilografada), p. 149 e segs.

¹² *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, ed. de Gonçalves Guimarães, Coimbra, tomo V (1917), p. 310. Para acontecimentos datáveis de 1510, ver especialmente as pp. 314 e 315.

Na verdade, factos históricos referidos em outras décimas, como a participação do conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, na defesa de Arzila, atacada pelo rei de Fez, ou a partida para Safim, de Nuno Fernandes, com quinhentas lanças, permitem alcançar essa conclusão. A carta e o poema de Cataldo, escritos em 1511, confirmam que o casamento é anterior a este ano. D. Carolina Michaëlis colocara-o entre 1513 e 1515¹³.

Algumas afirmações de Cataldo, a respeito de João Rodrigues de Sá, encontram confirmação na literatura contemporânea, em português: a sua cultura, o seu amor ao estudo, a novidade do seu exemplo de homem instruído entre a vulgaridade ignorante da maioria¹⁴ da nobreza de Portugal. É bem conhecida a carta em verso de Sá de Miranda ao seu parente Sá de Meneses:

Dos nossos Sás Coluneses
gram tronco, nobre coluna,
grande ramo de Meneses,
em sangue e bens de fortuna,

¹³ *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885, p. 752. D. Carolina Michaëlis faz de D. Camila de Noronha a segunda mulher de João Rodrigues de Sá de Meneses. O *Livro de Linhagens do Século XVI*, citado na nota 1, diz expressamente na p. 281 que D. Camila foi «mulher primeyra de Joaõ Rodriguez de Saa alcaide moor do Porto». A filha de D. Martinho de Castelo Branco deve ter falecido em fins de 1521 ou primeiros meses de 1522, como se conclui da «Carta consolatoria a Joaõ Roiz de Saa pella morte de sua mulher», no *Codex Alcobacensis* 297 (cfr. EUGENIO ASENSIO, «Lourenço de Cáceres o el Latin al servicio del Portugués», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa, II (1961), p. 246). A segunda mulher de João Rodrigues de Sá foi D. Catarina, filha de Dom Francisco de Lima, 3.º visconde de Vila Nova de Cerveira, conforme o *Livro de Linhagens do Século XVI*, atrás mencionado, na p. 315 (cf. pp. 257-258). Em 1548, a sua mulher chamava-se de facto D. Catarina e tinha uma irmã de nome Inês, exactamente como a filha de Dom Francisco de Lima. Disto é testemunha o Lic.º Francisco Dias, nas suas *Memórias dum Procurador del-Rei no Porto*, editadas por A. de Magalhães Basto (Porto, 1937), p. 12. O casamento de sua neta D. Camila de Noronha, que foi celebrado por Sá de Miranda no «Epitalamio Pastoral: A António de Sá no casamento de sua filha, a Senhora D. Camila de Sá», comentado na citada nota por D. Carolina Michaëlis, não pode ter-se realizado em 1536, mas decerto mais tarde.

¹⁴ Mas não a totalidade. Um fidalgo moderno era D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim e, mais tarde, marquês de Vila Real, a quem J. R. Sá de Meneses, no *De Platano*, apelida de «inclytus Villae Regalis Marchio, litterarum callentissimus» (fol. 27). Cf. a bibliografia sobre ele citada na nota 5.

qu'ê tudo antre os Portugueses. 5

.....
as letras que i não achastes
trouxestes de fora à terra, 25
à nobreza as ajuntastes,
com quem d'antes tinham guerra.

Cataldo vai ainda mais longe nos louvores: «qui adulescens adhuc natura duce et suo studio adeo enituit ut quoscunque habuit praeceptores facile et breui superauerit».

A afirmação de ter João Rodrigues de Sá ultrapassado sem dificuldade e em breve tempo os mestres, quaisquer que eles fossem, pode deixar dúvidas sobre a qualidade dos preceptores. Como conciliar esta declaração com a noção corrente de que o nobre português foi em Itália aluno de Ângelo Policiano, mestre a quem não seria possível que ultrapassasse?

Em primeiro lugar, há-de notar-se que se não encontra em Cataldo qualquer referência à estadia de Sá de Meneses em Itália. Ora nem este ocultaria tal viagem, se já a tivesse feito na altura, nem Cataldo deixaria de exaltar, como fez em outras ocasiões, a superioridade cultural do seu país de origem.

Mas tenho razões para crer que as conhecidas relações epistolares de D. João II com Ângelo Policiano, através dos filhos de Luís Teixeira, omitidos na prosa e nos versos de Cataldo, apesar de estudantes em Itália, esse convívio não tornou o mestre florentino simpático a Cataldo¹⁵. No caso de Policiano haver sido professor de Sá de Meneses, Cataldo teria encontrado maneira de lhe diminuir a importância, dando-o como professor facilmente ultrapassável para um aluno da craveira intelectual do aristocrata português.

Mas foi Sá de Meneses aluno de Policiano? ¹⁶ Parece-me difícil, visto que à data do falecimento do humanista florentino, em 1494,

¹⁵ Vide A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 90-91.

¹⁶ «Nascido pouco depois de 1460 foi educado em Itália debaixo da direcção de Angelo Policiano e trouxe consigo as novas aspirações do Renascimento» (C. MICHAELIS DE VASCONCELOS, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885, p. 788). Infelizmente, tudo isto está por provar e até a data do nascimento é fantasiada: J. Rodrigues de Sá nasceu cerca de 27 anos mais tarde. Quanto ao aprendizado com Policiano, a anedota fez carreira na investigação nacional e vários a repetiram, sem aduzir provas, como A. DE MAGALHÃES BASTO, *Os Portuenses no Renas-*

teria Sá de Meneses 7 anos de idade, pois nasceu provavelmente em 1487¹⁷. E só poderia tê-lo ouvido em Florença, então ou antes dessa idade, entre a data do seu nascimento e os sete anos.

Em 1511, quando foi concluído o *Verus Salomon, Martinus*, tinha Sá de Meneses à roda de 24 anos. Faleceu em 1579, com cerca de 92 ou 93 anos¹⁸. Nem em 1511, quando era um rapaz novo (*adulescens* chama-lhe Cataldo), nem em 1527, quando redigiu pela primeira vez o *De Platano*, ou em 1537, quando o amplia, encontro qualquer referência a estudos feitos sob a orientação de Ângelo Policiano.

Viagens fora de Portugal, além de expedições militares¹⁹, e missões diplomáticas²⁰ a Castela, ou da ida a Sabóia²¹ com seu sogro em 1521, decerto fez, e provavelmente a Itália onde, além de razões de ordem cultural, podia atrai-lo a tradição familiar. Aliás, na viagem a Sabóia, pelo menos de regresso, proporcionava-se-lhe a oportunidade de

cimento, Gaia, 1931, p. 26; JOAQUIM DE CARVALHO, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, Coimbra, II (1948), p. 16, e outros ainda.

O artigo de BARBOSA MACHADO, na *Bibliotheca Lusitana*, apesar das habituais generalidades bombásticas no que diz respeito aos méritos, não é o responsável pela invenção dos estudos com Policiano. E apresenta um valioso conjunto de *testimonia* de contemporâneos do humanista, além de mencionar as suas obras.

¹⁷ Vide A. COSTA RAMALHO, «A Idade de João Rodrigues de Sá de Meneses», *Humanitas*, xxi-xxii (1969-70), pp. 414-416.

¹⁸ Chegaram a atribuir-lhe 130 anos de vida, como fez JOÃO SOARES DE BRITO, *Apologia em que defende a Poesia do Príncipe dos Poetas de Hespanha, Luis de Camões*, etc. Lisboa, 1641. Na *Panegyris* inicial, fol. 6.

A idade que mais frequentemente lhe é conferida é a de 103 anos; dá-lhe 115 Barbosa Machado; 103 o MARQUÊS DE ABRANTES, em «A Heráldica da Casa de Abrantes. Sás e Lancastres alcaides-mores do Porto desde o séc. XIV», *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XXXII, fascs. 3-4, 1969, p. 590. Aí se chama também D. Inês à condessa de Vila Nova de Portimão, sogra de João Rodrigues de Sá de Meneses. Na realidade, o seu nome era Mécia (no latim de Cataldo «missia norogna»).

¹⁹ Por exemplo, na dramática reconquista de Arzila, em 1508 (cf. DAMIÃO DE GÓIS, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte II, caps. xxviii e xxix); e na conquista de Azamor, em 1513, com D. Jaime, duque de Bragança (Idem, *ibidem*, parte III, cap. xlv). Não esquecer também o elogio, frequentemente citado, que lhe fez DAMIÃO DE GÓIS, *Ibidem*, parte IV, cap. xxxviii.

²⁰ Em Janeiro de 1516, foi enviado por D. Manuel a visitar seu sogro, Fernando, o Católico, que estava muito doente (DAMIÃO DE GÓIS, *op. cit.*, parte IV, cap. i); em 1543, serviu D. João III como emissário especial ao imperador Carlos V, também em Espanha (cf. FREI LUÍS DE SOUSA, *Anais de D. João III*, parte II, livro II, cap. iv).

²¹ DAMIÃO DE GÓIS, *op. cit.*, parte IV, cap. lxx. A partida de Lisboa verificou-se a 9 de Agosto de 1521.

um desvio pela Itália. Os versos de Sá de Miranda parecem aludir a uma viagem ao estrangeiro, mais distante do que a Castela, demasiado ao pé da porta.

O mais notável documento da sua cultura humanística, chegado até nós, é o livro *Eruta a latebris et in lucem producta Platanus. Ostensumque eam apud nostrates hodie reperiri, deque ea innibi nonnulla*, isto é, *O Plátano arrancado das trevas e trazido à luz. Mostra-se que ele existe entre nós e mais alguma coisa a seu respeito*. Encontra-se manuscrito na Biblioteca Municipal de Évora, com a cota $\frac{CXII}{1-27}$.

Admirador e leitor assíduo do *De Platano*, de que já tenho traduzido e comentado trechos no Seminário de Latim da Faculdade de Letras de Coimbra, não consigo lá encontrar qualquer menção concreta da estadia em Itália de João Rodrigues de Sá de Meneses. E isto, apesar de a Itália ter de ser inevitavelmente referida, a propósito da discussão sobre a existência do plátano, como pode ver-se no trecho que adiante transcrevo, para documentar o interesse do livro.

Só num passo noto certa maneira familiar de se referir à região de Florença, que pode sugerir um conhecimento *de visu*: «(...) cum satis constet Aetruriae regionem in qua Florentia primaria urbs est, in feracitate soli et ubertate, praeter campestris quaedam maritima, caeteris Italiae regionibus, Liguria excepta, esse postponendam», ou em versão portuguesa: «(...) sabendo-se perfeitamente que a região da Toscana, de que Florença é cabeça, à parte alguns campos junto ao mar, fica atrás das restantes regiões de Itália em fertilidade e abundância, com excepção da Ligúria» (fol. 28 v.º).

Mas aqui mesmo a leitura de um livro como o de Flavio Biondo, «autor de peso, que se gaba de ter percorrido toda a Itália e intitulou uma bela obra, e de erudição variada, com o nome de *Italia Illustrata*» (fol. 27 v.º), podia justificar a informação, sem falar de habitantes da Toscana²² e de «compatriotas nossos que por lá viveram, para estudar ou comerciar» (fol. 7), com quem diz ter falado sobre o assunto.

Em qualquer caso, a ampla cultura de João Rodrigues de Sá de Meneses espelha-se no seu pequeno tratado *De Platano*, na quantidade

²² Concorde com o Professor JOSÉ SEBASTIÃO DA SILVA DIAS, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra, I, 1959, p. 206, ao afirmar que o encontro com os italianos e com os portugueses que viveram em Itália podia ter-se dado em Portugal.

e variedade dos autores greco-latinos e dos humanistas, sobretudo italianos e germânicos ²³, que cita, e na sua familiaridade com o grego e com os textos jurídicos que aduz ao seu propósito. Como documento de ilustração humanística ²⁴, o pouco conhecido *De Platano* parece-me mais significativo do que as traduções das *Metamorfoses* de Ovídio e outras composições juvenis insertas ²⁵ no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

Algumas das soluções adoptadas nesta Introdução diferem um pouco das alcançadas pela Lic.^a Dulce da Cruz Vieira na sua dissertação de licenciatura, cujo texto vem a seguir. Em matérias onde nem sempre é possível a certeza, não será de admirar que as hipóteses variem também.

Na revisão do texto e das provas do presente livro, deu-nos o seu valioso e dedicado concurso o Lic.^o Sebastião Tavares de Pinho, assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

²³ Cf. A. COSTA RAMALHO, «A tradição clássica em Os Lusíadas», *XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ciclo de lições comemorativas do IV Centenário da Publicação de Os Lusíadas*, Lisboa, 1972, pp. 15-17. Os humanistas germânicos não figuram na lista impressa na p. 16, mas foi de uma edição alemã e dos seus mapas, então publicados recentemente, que Sá de Meneses tirou a prova de que a folha do plátano lembrava no desenho o mapa do Peloponeso: «arripui illico Ptolemaei tabulas, excussas illas quidem nuperrime apud Teutonas, et graphice (ut nunc illi primas in hoc tenent negotio) et depictas, et emendatas; inspecta Graeciae tabula, in qua Peloponesus depicta erat, mirum dictu quam inter se utraque figura conuenire uisa est» (fol. 11). A edição usada terá sido a de Pirckheimer, Estrasburgo, 1525, de que existe um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

²⁴ Sobre outros textos latinos de J. R. de Sá de Meneses, ver A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, p. 351, e o artigo da *Bibliotheca Lusitana*. Aproveito a oportunidade para corrigir um deslize da p. 350 do meu livro: a expressão «ex unguibus (quod aiunt) leonem», embora incluída no *De Platano*, pertence à carta de M.^e Juan-Fernández.

²⁵ Por vezes fora da parte que lhe pertence na colectânea, como aquela resposta a Fernão Brandão sobre os motivos que o guiavam na sua primeira ida além-mar (*Cancioneiro Geral* III, pág. 181), versos adequadamente comentados por VITORINO MAGALHÃES GODINHO, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Lisboa, I, 1963, pág. 54.

DE PLATANO ²⁶

Vsu enim uenit ut hominibus nostris antiquitatis maxime studiosis,
Fl. 5 v.º apud nos platanos esse ostenderem, quae olim in Regum deliciis et
in deliciis Romanorum praecipue fuerant, easque in saltibus, et inter
Durii et Mini nemora, situm iam nunc exuere cupientes, latitare,
pristinam tamen tum viriditatem tum nitorem adeo prae se ferentes,
vt inter dumeta et vepres, platani splendorem et elegantiam facile
/ dignoscas. Eram siquidem nuper apud sanctum Thyrsium cum Michaelae
Fl. 6 Syluio Episcopo Visensi tunc temporis designato, Viro apprime erudito,
graece et latine impense docto, rerumque insuper antiquarum maximo
admiratore: cumque inter nos incidisset sermo de arboribus apud antiquos
apprime notis: extatne hodie, inquam, alicubi, quod scias, arbor illa
apud veteres celebrata, platanus scilicet, quae adeo illis in pretio erat:
vt non erubescat Plinius, grauis equidem auctor, et Macrobius, asserere,
vino illam solitos aliquando Romanos irrigare: et pretioso liquore
infecundam quidem arborem fouere; extat, inquit Syluius, sed rara
nimium arbor in terris, nigroque vt ille ait, simillima Cygno. / Quam
Fl. 6 v.º ego nihilominus apud Italos uidi: idque Florentiae apud Ioannem
Ruscelaio principem ciuem, et Virum praediutem aequae et eruditum.
Qui mihi dum in Etruria agerem, cum in amoenissimo quidem viridario
suo platanum ostenderet, illud etiam addidit, cum eam aliquando
palescentem cerneret, minitantemque siccitatem, irrigasse se illam
iuxta Plinii praescriptum vino, et resumpsisse ex inde arborem uires:
et ad solitam viriditatem et nitorem rediisse. Vide, inquam ego, quid

²⁶ Foi mantida a grafia latina do manuscrito, sempre que possível, mas com desdobramento das abreviaturas.

UM TRECHO DO LIVRO

DE PLATANO

O *De Platano* foi inicialmente escrito em 1527, com uma dedicatória a Luis Teixeira. Dez anos depois, foi ampliado com a inclusão de uma carta de M.^o Juan Fernández, que impugnava as conclusões do autor, e a resposta a essa carta. Nesta segunda fase, em 1537, tendo já falecido Luis Teixeira, o *De Platano* aparece dedicado ao infante D. Henrique, então arcebispo de Évora.

Depois de considerações gerais sobre a caducidade e transitoriedade de quanto existe, o autor pergunta o que é feito do «plátano», aquela árvore de que os antigos tanto falaram e era no século XVI ignorada.

Aconteceu ter eu mostrado a homens nossos, muito estudiosos da *Fl. 5 v.º*
Antiguidade, que entre nós existiam os plátanos que outrora faziam as delícias dos reis e, principalmente, as delícias dos Romanos, e que essas árvores, desejosas de deixarem finalmente a sua actual posição, estavam ocultas nos bosques e florestas de Entre-Douro e Minho. Exhibiam, porém, por tal forma o antigo vigor e brilho, que no meio de silvados e sarças facilmente se reconhecia o esplendor e a elegância do plátano. / Ora, estava eu, há pouco, em Santo Tirso com D. Miguel *Fl. 6*
da Silva, então bispo designado de Viseu, homem de rara erudição, doutíssimo em grego e latim, e acima de tudo muito grande admirador das coisas antigas, quando a nossa conversa veio a cair nas árvores mais conhecidas nos escritores da Antiguidade. Existe hoje — perguntei eu — onde quer que seja, com teu conhecimento, aquela árvore que os antigos tanto celebraram, — refiro-me ao plátano —, e tinham em tanta conta, que Plínio, autor ponderado, e com ele Macróbio, não coram de afirmar que os Romanos costumavam regá-la de vez em quando, com vinho, e acalentar com o precioso líquido uma árvore, a bem dizer, infecunda?

Existe, respondeu Silvio, mas é árvore muito rara na terra à semelhança — como ele disse — do cisne negro. / Isso não impede que eu *Fl. 6 v.º*
a tenha visto na Itália, mais exactamente em Florença, em casa de João Rucellai, cidadão principal e homem muito rico e erudito. Estando

nobis praescribas, quidue asseras, quandoquidem Blundus haud ignobilis auctor, rerumque praecipue Italicarum diligentissimus indagator, platanos Italiam sua aetate non habere hoc nomine saltem, notas

Fl. 7 literis prodat; et / Antonius item Nebrissensis, vir antiquitatis non somniculosus scrutator, nullibi gentium, quod sciat, eas reperiri asserat, cum apud Italos frequentes essent, et Hispanos, vbi apud Cordubam nobilem platanum fuisse, eamque manu consitam Caesaris, Martialis epigramma, quod citat, plane confirmet. Verum eas nunc apud Etruscos renasci et in pretio iterum esse Marcellus Virgilius in commentariis suis in Discoridem meminit. Sed cum Etruscos id ego aliquot interrogarem nostratesque etiam qui apud ipsos, tum literarum tum commercii gratia, sunt commorati, nemo fuit qui de platano omnino apud eos incognita quicquam certi posset renuntiare. Ego vero, inquit Episcopus,

Fl. 7 v.º nec Blundo nec Antonio derogo, quorum / scio in multis haud quaquam contemnendam esse auctoritatem, sed nec mihi etiam arrego: verum experto credi debere uetus prouerbiū est et oculatum unum testem decem auritis esse praeferendum: platanum nanque ego uidi saepius, idque plerosque etiam eruditos qui simul aderant, uidi asserentes: nec obstat quod Blundus scribat eas sua aetate non apparere: quando non id facile crediderim totam illum Italiam, quam ipse describit, perlustrasse: qui cum omnia uidere non potuit, ab aliquibus multa accepit, et ut uisa credidit et memoriae mandauit: quae porro nunc inspicientibus secus appareant: uerum opere in longo somnum obrepere fas est, ut inquit Horatius. Age, inquam, dignissime antistes, quando

Fl. 8 ego platanos esse / permultas apud nos suspicor, cuiusmodi folium platani et quae arboris forma, ut iudicem an arbor quaedam sit, quam abhinc plusculos annos, quum primum eam apud Zuraram vicum uiderem, platanum eandem esse suspicatus sum, et posthac inter Limiam et Minium fluuios passim multas uidi, et platanos eas esse exinde semper mihi persuasi, idque quam plurimos docui: cum multa sint, quae in ea arbore platani omnino arguant formam et dignitatem. Risit me illico Syluius, quique etiam aderat Georgius Coelius, uir mihi amicissimus, Musarum uere alumnus, utriusque linguae callentissimus, oratione soluta et versu (quod rarum est) aequae facundus et doctus: irriserunt illi,

Fl. 8 v.º inquam, me qui ausus essem dicere / platanos inter Durii et Minii lucos passim adulescere: quum eas in pretio, et magno eo quidem, esse olim apud Italos dicerent, sed et in praesenti unicum fere apud eos monstrari, quumque ego folium eiusdem quale esset, ut diceret, instarem: folium, inquit Episcopus, non dissimile est uitis folio, uiriditate eximia praeditum, et arbor ipsa procera, et patula, ut pote quae umbrae tantum gratia

eu na Toscana, ele mostrou-me o plátano num jardim seu, muito ameno, acrescentando que, quando o via empalidecer e em riscos de secar, o regava com vinho, segundo a receita de Plínio, e que a árvore logo voltava a ganhar força, tornando ao costumado vigor e brilho.

Então eu comentei: vê lá o que nos apregoas ou o que afirmas, visto que Biondo, autor bem conhecido e investigador diligentíssimo, sobretudo das coisas italianas, escreveu que a Itália no seu tempo não tinha plátanos, pelo menos conhecidos por esse nome. / E do mesmo modo António de Nebrija, indagador não sonolento de antiqualhas, garante que eles se não encontram em parte alguma, pelo menos que ele saiba. E isto, apesar de terem sido frequentes na Itália e na Espanha, onde, em Córdoba, houve um plátano famoso, plantado por mão de César, como garante plenamente um epigrama de Marcial que ele cita. Todavia, Marcelo Virgílio, nos seus comentários a Dioscórides, lembra que os plátanos estão agora a renascer na Toscana e são de novo apreciados. Mas interrogando eu a esse respeito alguns toscanos, e também compatriotas nossos que entre eles residiram, para estudo ou negócio, não houve alguém que pudesse dar qualquer notícia certa do plátano que entre eles é inteiramente desconhecido.

Fl. 7

Respondeu o bispo: eu, por mim, nem tiro à autoridade de Biondo ou à de Nebrija que / uma e outra em muitas coisas merecem todo o respeito, nem acrescento à minha. Mas diz o velho provérbio que deve confiar-se em quem tem experiência, e que uma testemunha ocular²⁷ é preferível a dez de outiva. Ora, eu vi bastantes vezes o plátano e vi muitos eruditos, que estavam presentes, garantirem que se tratava do plátano. E não constitui obstáculo escrever Biondo que eles se não encontravam no seu tempo, visto como não acreditarei facilmente que tenha percorrido toda a Itália que descreve. Não podendo ver tudo, muitas coisas ouviu de outros e acreditou nelas, como se as tivesse visto, e escreveu-as. E agora, quando se examinam de perto, mostram-se diferentes. Por outro lado, numa longa obra é lícito adormecer, como diz Horácio²⁸.

Fl. 7 v.º

Eu respondi: Ora vamos lá, digníssimo prelado! / Suspeitando eu de que há entre nós muitos plátanos, dize-me como é a folha do plátano e qual é o seu porte, para que eu possa avaliar se é uma árvore que, há alguns anos, vi na aldeia de Zurara e logo suspeitei tratar-se do plátano. Depois, voltei a ver muitas entre os rios Lima e Minho e

Fl. 8

²⁷ PLAUTO, *Truculentus*, 489. Nota do tradutor.

²⁸ *Ars Poetica*, 360. Nota do tradutor.

ex alieno orbe petita fuerit, et colebatur: ea est, inquam, quam assero, eaque Zurarae inuenitur, cuius ego tibi ramum cum primum hinc abiero mittam. Iamque inde me domum contuleram, cum ex itinere, puerum quendam, ex iis qui mihi a pedibus erant, Zuraram misi, qui ex arbore quae veterem Ecclesiam inumbrat, ramum quem / ad Episcopum deferret excerperet; ea nanque arbor admirationi prorsus accolis est, cuius illi vulgo nomen ignorant: sed eam tantum Arium Gometium Syluium, proauum meum, manu sua plantasse praedicant. Fecit id puer ille meus, ramumque Episcopo obtulit, quem cum uidisset platani folium esse non potuit illico non fateri: cumque identidem illum miraretur, agricola quidam qui simul aderat, coenobii illius accola, etiam et colonus, plurimas id genus arbores apud eiusdem coenobii saltus adolescere inquit, et cum dicto in proximum aduolat nemus, unde ramale quoddam illi nihil dissimile secum attulit: quod et mihi Sylvius per ipsummet puerum misit, illud omnino asserens vere illam platanum esse nihil
Fl. 9 v.º ab ea dissidentem / quam Florentiae uiderat; quod et Coelius per litteras etiam mihi significauit, esse scilicet illam procul dubio platanum: et delicias olim Romanorum, ad nostratia nemora et saltus esse relegatas, eundemque ferme sortitas euentum, quem idem olim sortiti essent Romani.

sempre me convenci, desde então, de que eram plátanos, e comuniquei esse conhecimento a muita gente, por haver muitos pormenores que absolutamente indiciam nessas árvores a forma e a dignidade do plátano.

Riu-se de mim, imediatamente, Silva; e Jorge Coelho, ali também presente, muitíssimo meu amigo, verdadeiro discípulo das Musas, peritíssimo nas duas línguas clássicas, igualmente expedito e douto em prosa e verso (coisa rara!). Riram-se eles de mim — dizia eu — por ter ousado afirmar / que os plátanos cresciam a cada passo nos bosques *Fl. 8 c.º* do Douro e do Minho. Objectavam que tais árvores eram outrora apreciadas, e muito, pelos habitantes de Itália, mas que presentemente lá se mostrava quase uma apenas. Pela minha parte, eu instava para que me dissesse como era a folha do plátano. O bispo então respondeu: a folha não é diferente da folha da videira. É de uma cor extraordinariamente viva e, quanto à árvore, é elevada e larga, como planta que foi trazida de um outro continente e cultivada, apenas por causa da sombra.

É aquela de que falo — disse eu — e encontra-se em Zurara. Enviar-te-ei um ramo dela, logo que daqui parta.

E já eu iniciara o regresso a casa, quando, no caminho, enviei um dos criados que me acompanhavam, para que colhesse um ramo da árvore que dá sombra à velha igreja / e o levasse ao bispo. Essa *Fl. 9* árvore é motivo de admiração para a gente do lugar que lhe não sabe o nome, apenas afirmam que a plantou por sua mão o meu bisavô Aires Gomes da Silva.

Fez, como lhe fora mandado, o meu portador e levou um ramo ao bispo. Este, ao ver que se tratava da folha do plátano, não pôde deixar de declará-lo ali mesmo.

Estava ele a observar o ramo atentamente, quando um lavrador que se encontrava presente, vizinho do mosteiro e trabalhador dos seus campos, afirmou que na tapada do mosteiro cresciam muitas árvores da mesma qualidade. E, ao dizer isto, foi a correr ao bosque próximo, de onde trouxe um ramo em tudo semelhante. Silva enviou-mo pelo mesmo portador, com a seguinte declaração: tratava-se verdadeiramente do plátano e em nada diferia / do que *Fl. 9 c.º* vira em Florença. Igual mensagem me enviou por carta também Jorge Coelho: que se tratava, sem dúvida alguma, do plátano, e que as delícias dos Romanos de antanho haviam sido relegadas para as nossas florestas e campos, quase com a mesma sorte que coubera outrora aos Romanos.

13 de Junho de 1974,
AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(Página deixada propositadamente em branco)

PRÓLOGO

(Página deixada propositadamente em branco)

D. MARTINHO DE CASTELO BRANCO

O *VERUS SALOMON, MARTINUS* — assim o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo intitulou o poema que serve de base ao presente trabalho — faz parte dos *Visionum Libri*, cuja publicação data, na opinião do Prof. Dr. Luís de Matos¹, de 1513 ou 1514. Formam um só volume, embora com numeração de folhas própria, juntamente com a *Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*, de que existem três exemplares: um na Biblioteca Pública de Évora; outro na Academia dei Lincei, em Roma; um terceiro em Bodleian Library, em Oxford. Este último exemplar foi roubado pelo «Earl of Essex» no assalto ao palácio do bispo do Algarve, D. Francisco Martins Mascarenhas, em 1596. Devo a informação sobre estes três exemplares ao Professor Costa Ramalho que os viu e consultou.

Composto em Santarém, cidade particularmente estimada pelo autor, daí remeteu Cataldo o poema para Vila Real onde residia então o destinatário: D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, o seu jovem discípulo.

A sua redacção deve ter tido lugar no início do ano de 1511. Com efeito, prestes a concluir (vv. 633 e segs.), Cataldo alude ao regresso da corte à capital, de onde se havia afastado em fuga à peste que ali se propagara em 1505. E fala em termos tais, que concluímos ter essa viagem ocorrido na altura em que ele concluía o poema. Ora esse regresso da corte a Lisboa, e consequente passagem por Santarém, teve lugar no mês de Fevereiro de 1511².

O *Verus Salomon, Martinus* é consagrado a D. Martinho de Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão, e inicia no título o encómio, o longo encómio com que o humanista italiano brinda aquele a quem chama o seu Mecenaz.

¹ «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo», in *A Cidade de Évora*, 35-36 (1954), pág. 9.

² A. BRAAMCAMP FREIRE, *Vida e Obra de Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*, pág. 541.

E porque assim é, não nos privaremos de inserir aqui um breve resumo da sua biografia, embora conhecida e já tratada.

Filho primogénito de Beatriz Valente e de Gonçalo Vaz de Castelo Branco, D. Martinho terá nascido cerca do ano de 1455. Com efeito, ao aludir à consideração e fraterna amizade que el-rei D. João II dedicava ao nosso conde, Cataldo escreveu:

Aequales animis; aequales paene figuris,
Aetate aequales, ingeniisque pares ³.

E daquele, escreveu Garcia de Resende:

«Naceo aos tres dias do mes de Mayo do anno de Nosso
Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco
annos» ⁴

Assim sendo, D. Martinho completaria no ano da redacção do *Verus Salomon* cinquenta e seis anos de idade. Note-se, pois, que numa carta dirigida ao conde de Alcoutim — aquela em que testemunha o seu regozijo pelo bom acolhimento que teve o poema por parte de D. Pedro ⁵ e lhe é pouco posterior — o humanista, atribui ao conde de Vila Nova a idade de cinquenta e cinco anos. Não esqueçamos, no entanto, que o ano está no seu início — o poema parece ter sido redigido, como vimos, em Fevereiro, ou mesmo antes, e a carta é-lhe próxima — e por consequência não é impossível admitir que até ao seu final, em qualquer dos meses seguintes, D. Martinho atingiria os 56 anos.

Desde muito jovem se fez notar por suas qualidades, nobreza de carácter e valentia. Assim, de muito pouca idade, tomou parte, juntamente com seu pai e com D. Afonso V, nas guerras contra Castela e por tal forma se aventurou, que veio a ser feito prisioneiro na batalha de Toro ⁶. Acompanhou a França o mesmo rei que, desejando compensá-lo pelos serviços prestados, o nomeou vedor da Fazenda da Casa Real Portuguesa, cargo que ocupou desde 1481, tendo D. Martinho permanecido ao serviço desse monarca até à sua morte.

³ *Verus Salomon, Martinus*, vv. 291-2. Veja atrás Introdução, p. 12.

⁴ *Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del-Rey Dom Joam II*, Cap. I, pág. 2.

⁵ *Cataldi Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*, E iii vº-E iv vº; reproduzida nas págs. 13 a 15.

⁶ A. BRAAMCAMP FREIRE, *Brasões da Sala de Sintra*, III, pág. 373; cf. II, pág. 173.

Por algum tempo mais, e governando o reino D. João II, desempenhou D. Martinho o officio de vedor da Fazenda, mas abandonou-o alguns anos depois, por ter então sido nomeado governador da Casa do Cível em Lisboa, cargo em que substituiu seu pai. Ocorreu este acontecimento em 1494⁷. Volta a ser nomeado vedor da Fazenda por D. João II.

As relações de D. Martinho de Castelo Branco com este rei parecem ter sido muito amistosas. Cataldo sublinha a incondicional confiança que nele depunha, a profunda amizade que ao súbdito consagrava o seu monarca:

Quem ueluti fratrem dominus seruabat alumnum
Vllo nec poterat quo sine stare loco⁸.

E desta vez não cremos que se trate de exagero de Cataldo, porquanto tais afirmações são sobejamente confirmadas pelo testemunho de autores vários:

Em *Brasões*, III, 374, A. B. Freire escreveu, referindo-se a D. João II:

«Sempre confiou os conselhos e negócios particulares de D. Martinho, que com muita fidelidade, verdade e lealdade o serviu; e bem assim nas «coisas de alem», que no seu reinado se ofereceram, em que serviu com sua pessoa e gasto de sua fazenda».

Esta dedicação para com o seu rei é duradoira, vai mesmo para além da morte. Sabemos que em Outubro de 1495 D. Martinho estava presente, com outros nobres, à morte de D. João⁹, em Alvor, e que tomou parte na trasladação do seu corpo da Sé da cidade de Silves para o Mosteiro da Batalha, testemunho derradeiro da sua dedicada gratidão.

A este propósito recorde-se ainda a honrosa menção que fazem ao conde de Vila Nova as palavras escritas por Rui de Pina, na descrição

⁷ A. BRAAMCAMP FREIRE, *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, pág. 169.

⁸ *Verus Salomon, Martinus*, v. 293-4.

⁹ RUY DE PINA, *Croniqua delrey D. Joham II*, pág. 201.

das festas realizadas em Évora por ocasião das bodas do casamento do príncipe D. Afonso:

«E pera isto, logo tanto que el-Rey foy per seus Embaixadores, certificado que o dicto casamento era fecto, e do tempo que avia de ser consumado, logo ordenou de teer sempre em seus Paços casa deputada, que se chamava das festas, de que deu principalmente cargo a Dom Martinho de Castelobranco, Veedor da Fazenda, em que avia tanta confiança, que assi nas cousas graves, e de muita importancia, como nas semelhantes de festas, e prazer, sempre seu siso, descripçam, e saber, foy dos Reys a quem servio muy estimado»¹⁰.

Cataldo alude à grandiosidade dessas festas, em que D. Martinho, que tomou nelas parte activa¹¹, de tal forma sobressaiu dos companheiros em destreza, valentia e formosura, que ao humanista ele se afigura somente comparável ao deus Apolo.

Após a morte de D. João, D. Martinho, a pedido do novo rei, voltou a ocupar o cargo de vedor, de que estava aposentado. Acompanhou D. Manuel e a rainha D. Isabel a Espanha, quando em 1498, os monarcas portugueses ali se deslocaram a fim de serem jurados reis¹².

Vem a ser proclamado conde de Vila Nova de Portimão, em 12 de Fevereiro de 1514¹³. Treze anos depois, segundo A. B. Freire¹⁴, D. Martinho deixara de viver.

Foi este conde casado com D. Mécia de Noronha, filha de D. Maria de Noronha e de João Gonçalves da Câmara, 2.º capitão da ilha da Madeira.

Foi fecundo o seu lar. Nele vieram ao mundo nada menos do que treze filhos: cinco rapazes e oito raparigas. A esta prole vaticina Cataldo um longo futuro:

progenies longos uictura per annos (v. 258).

¹⁰ RUY DE PINA, *Croniqua delrey Dom Joham II*, pág. 115.

¹¹ *Verus Salomon, Martinus*, v. 299 e segs.

¹² DAMIÃO DE GÓIS, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, I, cap. XXVI.

¹³ *Ibidem*, III, cap. LIX.

¹⁴ *Brasões*, III, pág. 376.

Desta vez, porém, falharam as suas profecias, porquanto a morte não tardou a ceifar a vida de D. Gonçalo, o primogénito dos rapazes, deixando o coração do pai imerso em profunda dor, a mãe inconsolável, a casa toda de luto, ressoando, no pátio fechado, prantos de dor. É este o quadro que descreve Cataldo no poema que consagrou à morte do filho de D. Martinho e que intitulou *Angolorum et Musarum Triumphus Gonsaluo Martini Filio Congratulantium*. Esta composição encontra-se manuscrita na Biblioteca Municipal de Évora.

As informações a respeito do filho primogénito do conde de Vila Nova são muito escassas e o poema de Cataldo pouco esclarece. Sabemos que era novo e que estava apalavrado para desposar uma filha de D. João de Vasconcelos e Meneses, conde de Penela, que depois veio a casar com D. Nuno Manuel¹⁵.

Foi vítima de morte prematura, e Cataldo alude, como era de esperar, a esse facto:

Gonsaluus iuenum decessit flosque decusque
Vna inter fratres cura parentis erat.
Qui uix attigerat primae lanuginis annos
Incerto ad certos iuit ab orbi polos¹⁶.

E mais adiante fornece uma indicação acerca da idade de D. Gonçalo, talvez pouco precisa, porque poética:

Per duo bis fati lustra peregit iter¹⁷.

Ao morrer, D. Gonçalo contaria, portanto, à volta de vinte anos, possivelmente um pouco menos. Cataldo, no mesmo poema, atribui a D. Francisco, 2.º filho de D. Martinho, a idade de doze anos:

Nondum bis senos, referunt, accedit ad annos¹⁸.

Mas voltemos ao conde de Vila Nova de Portimão. Cataldo parece não ter estado muito estreitamente relacionado com ele. Com efeito, no *Verus Salomon, Martinus* defende-se de alguma eventual acusação

¹⁵ CRISTÓVÃO ALÃO DE MORAIS, *Pedatura Lusitana*, tomo I, vol. II, pág. 487.

¹⁶ *Angolorum...* F x.

¹⁷ *Ibidem*, G v.

¹⁸ *Ibidem*, G v.

de lisonja, dizendo que no elogio que faz a D. Martinho não é traído pela afeição que raramente divisou numa pequena conversa com o conde (v. 337). Apesar disso, dá testemunho de grande admiração por ele e tem palavras de muito apreço para com D. Martinho, «vão maior do que a sua nobreza, recompensa com que o poder supremo quis premiar um povo dotado de muitas virtudes e méritos»¹⁹.

¹⁹ Cf. *Verus Salomon, Martinus*, vv. 203-206. Ver outras referências a D. Martinho em A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pág. 60.

**OUTRAS PERSONAGENS PORTUGUESAS DO SÉCULO XVI
MENCIONADAS NO POEMA**

(Página deixada propositadamente em branco)

D. JOÃO DE MENESES, CONDE DE TAROUCA

Quarto filho de D. Duarte de Meneses, conde de Viana, e de sua esposa D. Isabel de Castro ²⁰, D. João de Meneses, escrivão da puridade e mordomo-mor da casa do príncipe D. Afonso, tomou parte nas guerras de Castela e de África, muito tendo sobressaído na luta contra os infiéis. Por esse motivo, querendo compensá-lo pelos serviços então prestados, concedeu-lhe D. João II o officio de mordomo-mor da sua casa, officio esse que continuará a desempenhar durante o reinado de D. Manuel, e que parece ter abandonado apenas em 1521 ²¹, pelo facto de o ter o mesmo rei nomeado alferes-mor.

Na sua qualidade de mordomo do Rei, D. João acompanhou a Alcântara aquele monarca, quando ele foi receber a Rainha D. Isabel, sua primeira esposa, o mesmo tendo acontecido na altura em que o Rei Venturoso se deslocou a Castela para aí ser jurado príncipe ²².

Poeta palaciano do Cancioneiro, um dos maiores, segundo Jole Ruggieri ²³, D. João consorcia-se em 1478 com uma filha de Fernão Teles de Meneses e de D. Maria de Vilhena, D. Joana de Vilhena. Desta senhora escreveu João Fogaça:

Nam senguana
Senhor, quem quiser dizer
Que a senhora dona Joana
de Vilhena
tem no melhor parecer
que se vyo, nem há de ver ²⁴.

²⁰ CRISTÓVÃO ALÃO DE MORAIS, *Pedatura Lusitana*, tomo II, vol. II, pág. 383.

²¹ A. BRAAMCAMP FREIRE, *Brasões*, II, pág. 79.

²² CRISTÓVÃO A. DE MORAIS, *Pedatura Lusitana*, tomo II, vol. II, pág. 383.

²³ Citada por A. COSTA PIMPÃO, *Idade Média*, pág. 351.

²⁴ GARCIA DE RESENDE, *Cancioneiro Geral*, II, pág. 344.

Em 24 de Abril de 1499, faz-lhe D. Manuel mercê do título de conde de Tarouca ²⁵, e em 1508, sendo já viúvo, confere-lhe o priorado do Crato, confirmado por bula de 15 de Junho ²⁶.

O Conde Prior Mordomo, como geralmente era designado, ainda tomou parte na aclamação de D. João III, levando, como alferes-mor, o estandarte real. Gil Vicente atribui-lhe umas palavras, proferidas no acto de beijar a mão a el-rei:

Diria o conde Priol
depois de lha mão beijar:
Deos vos queira prosperar;
este he bom *re mi, fa sol*,
porém forte de cantar.
Quero-vos aconselhar
que façais grande tesouro,
antes de fama que de ouro;
e tende o muito cobiçar
por agouro ²⁷.

Uma outra referência a D. João de Meneses vem no *Auto da Lusitânia*, onde o requinte da polidez do conde de Tarouca, «o melhor cortesão e mais bemquisto homem do seu tempo» ²⁸, é salientada pelo modo como saúda o Judeu alfaiate. Diz este a sua mulher:

Nunca logre esse mantão
se o conde Mordomo-Mor
não se emborcou até ó chão
co barrete no arção,
como se eu fora doitor
da casa da Rolação ²⁹.

²⁵ A. B. FREIRE *Brasões*, II, págs. 79 e 123.

²⁶ A. B. FREIRE, *Ibidem* pág. 80.

²⁷ GIL VICENTE, «Romance à aclamação de D. João III», *Obras Completas*, Col. Cláss. Sá da Costa, VI, pág. 220-1.

²⁸ CRISTÓVÃO A. DE MORAIS, *Pedatura Lusitana*, tomo II, vol. I, pág. 384.

²⁹ GIL VICENTE, *Obras Completas*, Col. Cláss. Sá da Costa, VI, pág. 56.

E uma vez mais o menciona Mestre Gil na farsa do *Velho da Horta*. Desta vez é a alcoviteira Branca Gil que na sua ladainha lhe consagra estas palavras:

Eu prometo uma oração
cada dia quatro meses
porque lhe deis coração,
meu Senhor São Dom João
de Meneses ³⁰.

Cataldo faz-lhe também várias referências. Duas delas vêm em cartas dirigidas a um filho do conde, D. Henrique de Meneses:

Na primeira, o humanista manifesta a sua admiração pelo talento de D. Henrique e confessa que lhe provocaria espanto, caso não conhecesse seu pai, fonte dos seus conhecimentos:

«Nisi patris quem totum exprimis acumen, fontemque a quo haec hauris nouissem, in admirationem profecto adducerer».
(*Cataldi Epistolarum*..... *Secunda pars*, B ij vº).

Na segunda (*Sec. pars*, A vj vº), escrita numa altura em que D. João de Meneses se encontrava em África — nunc in Aphricam traicit — Cataldo exorta o filho a formular preces pela sorte de seu pai:

«Ecce iterum scribo. Solum ut te ad effundendas pro magnanimo comite patre tuo intimas preces exhorter».

O «Taruccae Comes» ³¹ volta a ser referido no poema consagrado à morte do filho de D. Martinho de Castelo Branco, mencionando-o o autor entre os nobres que visitaram em sua casa o conde de Vila Nova de Portimão, tentando confortá-lo pela perda do filho.

Faleceu D. João de Meneses em 1522 ³², no ano imediato ao da aclamação de D. João III e, segundo Braamcamp Freire, antes de 12 de Junho ³³.

³⁰ *Ibidem*, V, pág. 162.

³¹ *Angelorum et Musarum Triumphus*, H v.

³² *Brasões*, II, pág. 80.

³³ *Ibidem*.

dissolui honeste possent: (quib⁹ me solutū asseris) post habitis oībus en/ro velocior ad te volarē. Si me ab his liberabis: vt volūtate: ita opere tu⁹ erit catald⁹ imo comitis et dñi et preceptoris seruus fiet ppctuus. Vale

¶ Catald⁹ petro matelle regio computatori. S.

Destantissime vir: heri nō per vnū aut duos: sed per plures ad aures meas allatū est: q̄ ille amic⁹ tuus optimus pecunie seruus iam soluit cuidam generoso. qui vocatur caiurrus vel maiurrus vel poti⁹ chyurrus. ignoro verū nomē: Ad quid ferdinādi alcaiani preces mibi profuerunt: qui apud regem et totius regni proceres tantū: quantū tu ipse bene nosti: ualet. Ad quid tua profuit in recessio: qui solus occidendi et cimitēdī illum habes potestātē. longe distat a me. Non sum ille quē homo magis miser q̄ miserabilis esse me sibi persuadet. Si regi tantillū significauero: de ipsius met nō soluentis bonis mibi solui iubebit. Et nisi verba tua me detinuisent: in almerim ad regem traiecissem. Carillus et reliqui regy exactores istius respectu sācti fuisse mibi nūc vidētur. Tu videbis: dñi⁹ in tali pontificatu iste non durabit. Vale.

¶ Catald⁹. D. henrico menesio. S.

Scripsi ad te: nec rescripsisti: aut forte rescripsisti: nec reddiderūt. Ecce iterū scribo. Dolū vt te ad effūdendas pro magnanō comite patre tuo intimas preces exhorter. Cuius corp⁹ deus hac lege formauit: vt nullā pro catholica fide vnq̄ cōtraheret rubiginē Ultra beneficia in rem p. quotidie ab eo collata: nō est ann⁹: quo in asiam magne classis ductor pro omni christiano: nedum pro venetis cōtra teucros perrexit: et quāta prudentia se rexit: nouerūt lycthe et phoenices: Multa etiam preclara facinora in itinere q̄ optime conficiēdo. Demū suos omnes in patriā mirabili quadā sapiētia incolumes reduxit. Nūc in apbricam trajicit: vbi tigen et arcillam ab innumeris maurozū copijs circūfessas iesu fautoze liberet. vt apuero suos tutari: et aduersarios oppugnare strenuissime con/ fuerit. hic est ille vere camill⁹: hic vere scripio: Nō ambigo: si ioār es mene sius parens tu⁹ p̄iscis vixisset temporib⁹ notanda de illo aurores edidissent volumina. vel si poete oratoresq̄ nostris flozerent: optimā maximā/ q̄ scribendi nāciscerentur occasionē: Ego autē pro mediocritate mea que video queq̄ experior: nō dedignabor imo gloriabor papyro vel mēbra// ne pēna atramēto q̄ iuuantib⁹ tradere: vt intelligat posteritas talē tantū q̄ ducem nō a suis maiorib⁹ optimorum optimis degenerasse: sed longe virtutibus omnibus excelluisse. Vale.

D. INÁCIO DE NORONHA

Era filho de D. António de Noronha, 1.^o conde de Linhares, e da condessa D. Joana da Silva, filha de D. Diogo da Silva, 1.^o conde de Portalegre.

Na obra de Cataldo há referências a este filho do conde de Linhares, que era o quarto por ordem de nascimento, mas que chegou à situação de primogénito por terem morrido, muito jovens, os três irmãos mais velhos — D. Fernando, D. Diogo e D. João de Noronha.

No *Verus Salomon, Martinus* — v. 85 — o humanista refere o «magnus senex Ignatius», atribuindo-lhe a idade de sete anos. Usando a mesma expressão, Cataldo volta a fazer-lhe menção numa carta já estudada ³⁴, inserta no segundo volume das suas epístolas ³⁵ e dirigida a D. António de Noronha. Nela o Sículo queixa-se de que o filho deste, o «magnus senex», o fez permanecer em Santarém mais tempo do que aquele que desejava aí ficar.

E numa outra ³⁶ ainda, que remete à marquesa de Vila Real, Cataldo fala de D. Inácio. Está a narrar a D. Maria Freire como o rei, antes de partir para Lisboa, lhe havia recomendado especial cuidado com a educação dos filhos de D. António de Noronha, e como, no prosseguimento da sua conversa, o monarca quisera saber qual dos filhos do marquês de Vila Real, Cataldo considerava superior; e este diz ter respondido que dera, em tempos, a palma ao conde, mas de momento estava hesitante entre continuar a atribuir-lha, ou, pelo contrário, cedê-la à irmã Leonor. «Nec magnus senex patruelis illis surgit dedecori», escreve.

³⁴ M. Beatriz SILVESTRE, *Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*, págs. 312-13 e ss.

³⁵ E/v - E-vj v.º

³⁶ *Epistolarum... Secunda Pars*, C iij v.º Esta carta foi igualmente estudada por M. Beatriz Silvestre.

(NB. E iv v.º)

Sendo assim, tudo leva a crer que D. Inácio de Noronha, de certo também aluno do humanista, era então, com os seus sete anos, um rapazinho pouco turbulento, ponderado, inteligente e estudioso, visto ter merecido elogios do mestre. Está isto de acordo com a informação fornecida por A. Caetano de Sousa, segundo o qual D. Inácio «deu em seus principios grandes esperanças por ser de muito bom entendimento, e valeroso, como mostrou em muitas occasioens»³⁷.

Parece, no entanto, e seguindo ainda as informações do mesmo autor, que cedo deu motivo a que morressem as esperanças que em si depunham, entregando-se a uma vida de vícios e devassidão, não obstante o desagravo e advertências dos seus familiares e mesmo de D. João III, então reinante.

Como mais velho, D. Inácio tinha direito à herança da casa paterna. Reconhecendo-se, porém, indigno sucessor de seu pai «de cujas virtudes foy taõ desemelhante»³⁷ e não pretendendo arriscar tão grande casa, teve, enfim, a generosa coragem de renunciar a favor de seu irmão segundo³⁸, reservando para si apenas algumas rendas.

Em *As Gavetas da Torre do Tombo*³⁹ há menção de uma carta de D. Inácio a D. João III, pedindo-lhe que o título de conde de Linhares pudesse ser usado sem detença, muito embora ele renunciasse a esse título a que tinha direito, e de uma exposição apresentada por Francisco de Noronha ao mesmo monarca, na qual proclamava os seus direitos a usar o título de conde de Linhares, depois da renúncia apresentada por seu irmão. Segue-se uma carta pela qual a rainha D. Catarina confirmava o título de conde de Linhares e dava todos os direitos e prerrogativas a D. Francisco.

Foi D. Inácio de Noronha «Comendador de Santa Maria da Torre de Moncorvo no Arcebispado de Braga da Ordem de Christo.»⁴⁰ Casou com D. Isabel de Ataíde, filha de Vasco da Gama, primeiro almirante da Índia. Cedo, porém, D. Isabel se separou do marido e deu entrada no Mosteiro de Santa Clara, em Lisboa, onde faleceu⁴¹.

Quanto a D. Inácio, parece ter voltado à integridade dos primeiros tempos, «emendando no fim da vida os excessos, de que mulheres publicas tinhaõ sido causa»⁴².

³⁷ *História Genealógica*, tom. V, liv. VI, pág. 148.

³⁸ *Brasões*, III, pág. 416.

³⁹ Tomo I, gav. I-II, pág. 531.

⁴⁰ *História Genealógica*, tom. V, liv. VI, pág. 148.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*.

OS IRMÃOS SILVEIRAS

Nos versos do *Verus Salomon, Martinus*, consagrados à descrição das festas realizadas em Évora por ocasião dos esponsais do desventurado príncipe D. Afonso — vv. 301-16 — Cataldo faz referência a dois irmãos Silveiras, os quais tomaram parte nessas mesmas festas, e cuja actuação serve de termo de comparação com a de Martinho e consequente enaltecimento do conde.

Julgamos não ser ousado afirmar que Cataldo tinha em mente D. Francisco e D. Diogo da Silveira. Tivemos, porém, conhecimento de que eram três os irmãos Silveiras que participaram nas justas realizadas por ocasião das referidas bodas. Cataldo fala de dois. Cremos que se refere àqueles, porque ocupavam lugares imediatos. O terceiro irmão, D. Jorge, seguia a grande distância destes.

Eram filhos de Fernão da Silveira, poeta do Cancioneiro Geral, que foi Regedor da Casa da Suplicação e 3.^o coudel-mor do Reino ⁴³. Neste officio sucedeu D. Francisco a seu pai.

Como aventureiro das referidas justas levava este por cimeira umas luas cheias e minguanter e por divisa o seguinte:

Las minguadas son mis bienes
y por my dicha ser tal
las lhenas son de mi mal ⁴⁴.

⁴³ *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, pág. 304.

⁴⁴ *Brasões*, III, pág. 148.

Seguia-o, como dissemos, o seu irmão D. Diogo da Silveira, que foi vedor da casa de D. Jorge, duque de Coimbra. Levava igualmente a sua divisa:

Neste remedio de vida
tengo la mia perdida ⁴⁵.

⁴⁵ *Ibidem.*

O BARÃO DE ALVITO

Razões de ordem cronológica levam-nos a crer que Cataldo se refere ao 2.^o barão de Alvito, D. Diogo Lobo.

Era filho de D. Maria de Sousa e do Dr. João Fernandes da Silveira que, dentre outros, desempenhou o cargo de regedor da Casa da Suplicação e foi embaixador do rei ⁴⁶.

Segundo A. B. Freire ⁴⁷, o título de barão de Alvito fora outorgado a D. João Fernandes, em 1475, por carta de 27 de Abril, com privilégio de ser extensivo também aos filhos, sem necessidade de qualquer outro requerimento. Concedia-lhe ainda o monarca que o título de dom, que a si cabia por ser barão, se estendesse não apenas ao filho herdeiro, mas a todos os restantes.

O Dr. João Fernandes deixou de viver antes de 9 de Abril de 1489, pois nesta data é confirmada a seu filho a autorização para o prosseguimento das obras de edificação do castelo de Alvito ⁴⁸, que o primeiro barão deixara inacabadas. A construção do castelo estava terminada em 20 de Janeiro de 1504. Com efeito, nesta data, o barão alcançava para os moradores das suas terras o privilégio de não serem obrigados a contribuir com trabalho ou dinheiro para a edificação de outros castelos ou muros, visto sozinhos terem suportado as despesas e o trabalho da edificação do castelo de Alvito ⁴⁹.

⁴⁶ *Brasões*, III, pág. 300.

⁴⁷ *Brasões*, III, pág. 301,

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ibidem*, III, pág. 353.

Em Março de 1496 foi D. Diogo nomeado vedor da Fazenda pelo rei D. Manuel, juntamente com D. Martinho de Castelo Branco. No *Verus Salomon, Martinus* (v. 654), há uma alusão ao facto de os dois nobres desempenharem simultaneamente o mesmo officio:

Multa celebrato cum Salomone gerit.

Foi este senhor casado em primeiras núpcias com D. Joana de Noronha, filha dos 2.^{os} condes de Abrantes, com quem se consorciou em Agosto de 1483 ⁵⁰. Segundo A. B. Freire, devia esta senhora ter sido baronesa de Alvito, embora não apareça nos documentos com este título ⁵¹.

Falecida D. Joana, D. Diogo contraiu matrimónio pela segunda vez com D. Leonor de Vilhena, irmã do 1.^o conde de Sortelha.

D. Diogo Lobo participou das justas levadas a efeito na cidade de Évora quando dos desposórios do príncipe D. Afonso, filho de D. João II. Levava como insígnia um leão e esta divisa:

con sus fuerças y mi fee
todos mis males dobree ⁵².

Na Farsa *O Velho da Horta*, de Gil Vicente, encontra-se uma referência ao barão de Alvito. Faz parte da ladainha:

Ó santo barão d'Alvito
Serafim do Deus Cupido,
consolai o velho aflito;
porque inda que contrito,
vai perdido ⁵³.

Faleceu D. Diogo Lobo em 1525, ano em que lhe sucedeu, na Vedoria da Fazenda e na posse da casa o seu filho segundo, D. Rodrigo Lobo ⁵⁴, o 3.^o barão de Alvito.

⁵⁰ *Brasões*, III, pág. 353.

⁵¹ *Ibidem*, III, pág. 354.

⁵² *Ibidem*, III, pág. 147.

⁵³ GIL VICENTE, *Obras Completas*, Col. Cláss. Sá da Costa, vol. VI, pág. 164.

⁵⁴ A. B. FREIRE, *Gil Vicente Trovador, Mestre da Balança*, ed. da *Revista 'Ocidente'*, Lisboa, 1944, pág. 283, n. 778.

D. DINIS, CONDE DE LEMOS

Filho de D. Fernando, duque de Bragança e de D. Isabel, filha do Infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V ⁵⁵.

Muito novo — contava apenas dois anos de idade, segundo A. C. de Sousa ⁵⁶ — D. Dinis é obrigado a deixar a sua pátria e, em companhia de seu irmão, o futuro duque de Bragança, passar para Castela, fugindo à perseguição que a má vontade de D. João II contra D. Fernando, duque de Bragança, movia à sua casa e família, e da qual já fora vítima aquele nobre senhor.

Ocorreu este acontecimento no ano de 1483 ⁵⁷, pelo que será lógico deduzir que D. Dinis nasceu em 1481.

Uma vez em Castela, os filhos do duque tiveram a sorte de disfrutar da generosa protecção da Rainha Católica que, com muito zelo, cuidou dos seus interesses. Mais tarde o rei D. Manuel tomou a iniciativa de os chamar ao reino, restituindo ao mais velho, D. Jaime, os bens que, usurpados a seu pai, estavam já em poder de outros nobres.

Estando por nascimento ligado à família real, D. Dinis mereceu a afeição do Rei Venturoso, «que com grande cuidado tratou sempre dos Senhores da Casa de Bragança, fez grande estimação deste sobrinho [D. Dinis], como de parente tão chegado, attendendo muito a esta circumstancia, por ser neto legitimo do Infante D. Fernando, ainda que por linha feminina» ⁵⁸.

E foi assim que no ano de 1498 D. Dinis se viu convidado para acompanhar o monarca, quando este passou a Castela para ser jurado príncipe herdeiro daquela monarquia.

⁵⁵ *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, pág. 4.

⁵⁶ *História Genealógica*, tomo IX, livro VIII, pág. 23.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ *História Genealógica*, tomo IX, livro VIII, pág. 24.

Já então D. Manuel intentava tratar, de harmonia com os Reis Católicos, o casamento deste nobre. Os monarcas espanhóis aceitaram colaborar eficazmente, de tal forma que, a contento de todos, se veio ele a concluir na casa de Lemos, de que era herdeira D. Brites de Castro Osório, futura esposa do irmão de D. Jaime. Era esta senhora filha de D. Rodrigo Henriques Osório, 2.º conde de Lemos e de D. Teresa Osório. O contrato matrimonial ficou concluído em 1501, sendo o casamento consumado no ano imediato ⁵⁹.

É interessante verificar-se que por este mesmo tempo quiseram os reis de Portugal consorciar também o duque de Bragança, que então andava «muito doente de humor malêconico» ⁶⁰, e para essa finalidade trouxeram a Portugal D. Leonor de Mendonça, filha de D. João de Gusmão, conde de Niebla ⁶¹.

De ânimo muito devoto, era D. Jaime por natureza inclinado à religião, tendo-se esta tendência acentuado no decurso dos anos com a familiaridade de trato com religiosos a cujos exercícios de devoção se associava frequentemente. Sendo assim, o duque que, na opinião de Damião de Góis, mais desejava servir a Deus na religião do que em qualquer outro estado, aceitou contrafeito aquele casamento, desejando apenas dar satisfação à vontade dos monarcas, seus tios, e da duquesa D. Isabel, sua mãe.

Mas porque o seu íntimo desejo de se consagrar a Deus era forte, D. Jaime deixou de resistir-lhe. Vendo, porém, as dificuldades que se lhe deparavam em Portugal, decidiu abandonar o reino e tomar o caminho de Roma, onde o Papa o dispensaria, para poder seguir para Jerusalém. Com efeito era aqui que desejava passar o resto dos seus dias.

Pondo em execução este projecto, saiu do reino, levando por comitiva um criado apenas e ocultou-se com a máxima precaução, de modo que não fosse possível a ninguém descobrir o rumo que tomara. Deixou escrita uma carta a el-rei, destinada a ser-lhe entregue após a sua partida, em que comunicava a D. Manuel a sua resolução e lhe suplicava que a não levasse a mal, visto assim proceder por não se achar apto nem para o casamento nem para governar a casa e os bens paternos que lhe pertenciam. Por tal, lhe rogava que deles fizesse

⁵⁹ *Ibidem*, pág. 28.

⁶⁰ DAMIÃO DE GÓIS, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, tomo I, cap. LXI, pág. 151.

⁶¹ *Ibidem*.

mércê a seu irmão D. Dinis. O conde de Lemos não veio, no entanto, a alcançar a posse desses bens, porquanto o rei, logo que tomou conhecimento da fuga do duque de Bragança, mandou em seu alcance por mar e por terra, e, tendo ele sido encontrado na cidade de Calataud, no reino de Aragão ⁶², voltou a Portugal, por ordem do monarca.

No *Verus Salomon, Martinus* — v. 105 — Cataldo faz uma alusão, aliás muito breve, a D. Dinis.

E em *Epistolae et Orationes Quaedam* foi inserta uma carta ⁶³ dirigida pelo humanista ao seu discípulo. Depois de um louvor indirecto ao talento, bons costumes e qualidades do irmão de D. Jaime — Fama est praecelebris apud lusitanos te non solum optimo ingenio, optimisque moribus eminere, sed regalibus quoque uirtutibus plurimum excellere —, Cataldo exorta-o a valorizar-se mediante o estudo das letras.

Numa outra carta, esta do segundo volume, o mestre queixa-se do seu aluno porque este, depois de uma separação motivada pela morte em Saragoça do filho da rainha D. Isabel, tendo regressado à pátria, foi negligente em visitá-lo.

Entretanto Cataldo aproveitou o tempo, escrevendo um poema em que celebra o ausente e onde «fará muito maiores referências a D. Dinis do que a seu irmão».

Esta carta tem a vantagem de ser facilmente datável, porquanto alude, como tendo ocorrido pouco tempo antes, à morte em Saragoça de D. Isabel, e à saída do monarca português de Castela. Segundo Damião de Góis, D. Manuel partiu para Portugal após a morte da esposa, a 8 de Setembro de 1498, e chegou a Lisboa a 9 de Outubro do mesmo ano ⁶⁴.

Resta lembrar que em *Poemata Cataldi, Elegiarum liber secundus*, N ij-N iij, existe uma composição poética inteiramente laudatória, consagrada a D. Dinis — «Ad Dionysium Emanuelis Regis ex Sorore nepotem» —, cujo início passamos a transcrever:

Fama Dionysi de te mihi perculit aures,
O quantum uellem non habuisse datas.
Aut habitis saltem surdus nimis auribus essem,
Audirem ne quo tristia tanta modo

.....

⁶² *Ibidem*, pág. 152.

⁶³ *Cataldus illustrissimo Dionysio, S.*, B iijj vº.

⁶⁴ *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, parte I, cap. XXXII, pág. 69. Sobre a morte do príncipe D. Miguel, filho do rei D. Manuel e da rainha D. Isabel, ver o cap. XLV, na pág. 109.

Julgamos ser este o poema encomiástico de que fala Cataldo na carta há pouco referida, como tendo sido composto durante um período de ausência do seu discípulo ⁶⁵.

Foi curta a vida de D. Dinis, conde de Lemos. Faleceu em 9 de Maio de 1516 ⁶⁶, na cidade de Ourense, no reino da Galiza, vítima, segundo A. B. Freire, de uma paralisia. Contaria por essa altura cerca de vinte e cinco anos de idade.

Estando enfermo, havia manifestado o desejo de ser sepultado na capela-mor do Convento de St. António, na vila de Monforte de Lemos ⁶⁷, desejo que não foi satisfeito.

A sua esposa, D. Brites, conta aquele historiador, depois de alguns anos de viuvez, contraiu segundas núpcias com Álvaro Osório, filho de D. Luís Osório. Este casamento da condessa desagradou por tal forma ao rei português, que este ordenou imediatamente que lhe fossem tirados os filhos do primeiro matrimónio. Vieram as crianças para Portugal e foram criadas umas — D. Afonso e D. Pedro — na casa de seu tio, o duque de Bragança, e outras — D. Isabel, D. Mécia e D. Constança — no paço da rainha D. Leonor, irmã da sua avó, D. Isabel, a duquesa de Bragança ⁶⁸.

⁶⁵ Ver outras alusões de Cataldo a D. Dinis, referidas por A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, págs. 83, 99, 175 n. 2.

⁶⁶ *História Genealógica*, tomo IX, liv. VIII, pág. 29.

⁶⁷ *Ibidem*, pág. 30.

⁶⁸ *Ibidem*, pág. 31.

CATALDO E A EDUCAÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

CATALDO E A EDUCAÇÃO

No campo da Pedagogia caracteriza o Humanismo uma grande multiplicidade de conceitos, uma variedade considerável de teorias, que se seguia e opunha à uniformidade metódica do pensamento medieval.

Os representantes deste movimento consagraram especial atenção aos problemas referentes à educação dos jovens, nomeadamente às práticas educativas, a que inculcaram nova direcção.

«Fons enim omnis uirtutis diligens ac sancta educatio» — são palavras de Erasmo, mas sintetizam o pensamento dos humanistas em geral.

Muitos são, pois, os nomes a destacar. Não nos deteremos, no entanto, nestes assuntos e, porque visamos outro objectivo, falaremos apenas de dois dos mais célebres pedagogos deste período e confrontaremos com as suas as teorias de Cataldo Sículo.

O primeiro é, como Cataldo, natural de Itália: Vittorino Rambaldoni da Feltre.

Imbuído de espírito clássico e conservando vivo o sentimento religioso cristão, Vittorino considerava ideal a educação cuidadosa e carinhosamente orientada, que procura alimentar o espírito com a antiga sabedoria clássica e fortalecer o ânimo e o carácter, com o exercício da virtude cristã. O duque de Mântua, Gian Francesco Gonzaga, oferece-lhe a possibilidade de realização dos seus planos educativos, ao convidá-lo para preceptor de seus filhos. No castelo do príncipe, La Zoiosa, é-lhe destinado um palacete que designa por La Casa Giocosa. E aí, rodeado de campos e de jardins, decorreram, serenas, as suas aulas.

A orientação da escola obedecia ao princípio enciclopédico, mas nada ela possuía de comum com os antigos colégios medievais.

Vittorino desejava, acima de tudo, que nunca a instrução se tornasse para os seus discípulos fastidiosa ou árdua, mas se assemelhasse antes a um divertimento. Sendo assim, ele, que possuía um

espírito enérgico mas não violento e uma alma extraordinária de mestre, põe de parte os castigos corporais, ao tempo considerados o melhor processo de disciplinar os jovens:

«La disciplina era ferma, ma non angusta, sanamente aborrente dell'abuso di castighi corporali»⁶⁹.

Nada, portanto, na Casa Giocosa recorda a austera severidade da antiga disciplina romana. A atmosfera era amena e o mestre procurava impor com suavidade os seus ensinamentos, considerando que nada é duradouro do que é inculcado pela violência.

E, sorrindo, visava alcançar a obediência dos seus alunos:

«Le maître n'y brandit point la fêrule. Son visage est si ouvert qu'il guérit des malades. Il semble qu'il sourit toujours»⁷⁰.

Idênticos aos de Vittorino da Feltre eram os conceitos acerca dos métodos a empregar na educação dos jovens, de um outro humanista curioso e apaixonado pelos problemas pedagógicos, a quem o ensino moderno muito deve. Referimo-nos ao sábio de Roterdão, Desidério Erasmo.

Das obras que escreveu, algumas consagrou à exposição das suas concepções e métodos educativos. Salientamos o *De Pueris statim ac liberaliter instituendis* (1529), de cuja leitura foi fácil uma agradável recolha de conselhos sobre a arte de instruir as crianças.

O tipo de ensino que merece a sua aprovação é o que consta de uma espécie de compromisso entre a educação do colégio e a da casa paterna, e que consiste em colocar um número restrito de crianças sob a direcção de um mestre, auxiliado na sua tarefa pela activa vigilância da família. Porque em tempo algum os pais devem alhear-se da obra de educação dos seus filhos:

«ut uix dimidiatae matres sunt, quae pariunt tamtun nec educant, ita uix dimidiati patres sunt, qui quum corporibus liberorum necessaria ad luxum usque prospiciant, animos eorum nullis honestis disciplinis curant expoliendos». (*De Pueris*, 493 B).

⁶⁹ MOZZO DENTICE DI ACCADIA, *Storia della Pedagogia*, vol. II, pág. 17.

⁷⁰ PHILIPPE MONNIER, *Le Quattrocento*, II, pág. 242.

Quanto ao mestre, cumpre aos pais escolher um que, sendo paciente, saiba atrair os meninos por carícias brandas e não comece por aterrá-los com excessiva austeridade:

«Adhibendus est tenerae aetati doctor qui blanditiis illiciat, non qui saevitia deterreat.» (*De Pueris*, 489 C).

A primeira preocupação do mestre será amar os seus pupilos, e estes, a pouco e pouco, terão aprendido a respeitá-lo:

«Prima cura est amari, paulatim succedit non terror, sed liberalis quaedam reuerentia, quae plus habet ponderis quam metus.» (*De Pueris*, 504 A).

E este ensino amável será considerado pelo jovem não como um trabalho, mas como um jogo:

«Tum autem sunt quaedam et cognitu iucunda, et puerilibus ingeniis quasi cognata, quae discere ludus est potius quam labor.» (*De Pueris*, 489 C).

Depois vem a crítica violenta contra os professores e as escolas contemporâneas. Aqueles, porque conservavam o hábito odioso de bater e eram tantas vezes ignorantes, rudes, pouco morigerados. A estas, porque, conservando a rudeza dos séculos primitivos, se assemelhavam menos a escola do que a lugares de tortura:

«Dicis non esse scholam, sed carnificinam, praeter crepitum ferularum, praeter uirgarum strepitum, praeter eiulatus ac singultus, praeter atroces minas nihil illic auditur.» (*De Pueris*, 504 B).

Vejamos, seguidamente, o que se passa com Cataldo Sículo. Surge-nos este igualmente integrado nesta corrente de preocupações

com a instrução da criança e sua educação moral, consciente de que só é perene a riqueza do espírito e os dotes da alma:

Virtute et eruditione pectora ornate iuuenes.
Haec manent, altera cadunt ⁷¹.

São essencialmente as suas últimas obras que nos revelam mais intensa apreensão com estes problemas.

Considerando que os ânimos se fortalecem mediante o estudo das humanidades, sobretudo com os estudos literários, Cataldo aconselhava incessantemente o estudo da língua do Lácio e o manuseamento assíduo de Horácio, Cícero e Virgílio.

Escrevendo a D. João de Noronha uma carta ⁷² de congratulações por se ter aquele restabelecido de uma doença, o humanista exorta-o a não abandonar o estudo da língua latina, pois ela o tornará forte de ânimo, valente, audacioso.

E a D. Pedro de Meneses deseja que os estudos literários o fortifiquem com tais dotes de alma, que por eles venha a merecer a admiração dos povos:

...ita litterulae ad tales animi dotes in dies magis confirmant, ut non solum Hispaniae, uerum etiam Galliae, Italiaeque maximae sis admirationi futurus ⁷³.

A D. João II aconselha-o a obrigar o seu filho D. Jorge a um estudo quotidiano de cem versos de Horácio, numa altura em que o preceptor se ausentara:

«Filius interea non praetermittat Horati
Quotidie centum carmina construere ⁷⁴

⁷¹ Estas palavras encimam a gravura que representa um humanista sentado no seu «pluteus», publicada na *Noua Grammatices Mariae Matris Dei Virginis Ars* de Estêvão Cavaleiro. Esta gravura é um pouco diferente daquela que inicia a *Cataldi Epistolarum... Secunda Pars*, cuja legenda difere também um pouco da mencionada, embora a essência seja a mesma:

Cuncta cadunt, uirtusque manet.
Memor esto iuuentus.

⁷² *Cataldi Epistolarum Secunda Pars*, C iij v.º

⁷³ *Ibidem*, C iij v.º

⁷⁴ *Poemata*, O vij v.º

O futuro duque de Coimbra fora o seu primeiro discípulo, e Cataldo consagrou-lhe grande affecto. Foi com muita dedicação que o iniciou nos segredos das humanidades clássicas, que o passeou, sentado em seus ombros, nas margens da ria de Aveiro⁷⁵, que o defendeu de frios e calores, e lhe serviu de pai, de mãe e de médico na doença⁷⁶.

Mais tarde o humanista terá de lamentar-se, e não poucas vezes, da ingratidão com que o duque sacudiu o seu jugo, mal liberto da tutela de seu pai.

Com ele o preceptor usara aquelle método disciplinar que reputava mais eficaz: o da severidade. No seu *Itinerário*⁷⁷, o Dr. Jerónimo Münzer comunica-nos como procedia o mestre sempre que o discípulo se mostrava renitente em obedecer-lhe: «acrius solito Cataldus eum accessit minis et uerberibus. Fractique in eo male mores». Com effeito, no campo da Pedagogia, Cataldo possuía concepções arreigadas e bem diversas daquellas que orientavam o ensino de Vittorino de Feltre ou de Erasmo e mesmo o de Clenardo, quatro décadas mais tarde. Neste aspecto o Século é tradicionalista, enquanto qualquer daqueles faz parte do número dos reformadores do ensino. E sendo assim, não podiam as suas ideias deixar de diferir.

Ao contrário deles e de acordo com os antigos, Cataldo tem por princípio que a educação das crianças deve processar-se longe do âmbito de actuação de seus pais. Estes não deverão participar dela porquanto, cegos pelo muito amor que consagram aos filhos, são em demasia condescendentes, proporcionando-lhes facilidades e bem-estar excessivos. Sobremaneira perniciosa para a boa criação dos jovens é a

⁷⁵ Para outras referências a Aveiro, ver A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, págs. 52, 57, 89, 358 n. 1.

⁷⁶ *Conquestio* (*Provas*, vol. VI, II parte, pág. 185):

O quotiens illum, quotiens a mille periclis,
His humeris prenum fortiter eripui!
Auerium testor, testor mundumque Deumque;
Et loca per quae aditus saepe fuit geminis.
Qui praeceptor eram, matris iam nomem habebam
Et patris, ah pudor est dicere quanta tuli!
Meque etiam gessi medicum, pro frigore, et imbre,
Proque calore amitae mouimus aspra suae.

⁷⁷ Em *O Instituto*, vol. 80, Coimbra, 1930, pág. 549.

solicitude materna, de tal forma que, em sua opinião, ela se lhes torna mais prejudicial do que o tradicional ódio da madrasta:

Vtiliorque nouerca suo quam mater amica est;
Illa odio prodest; haec pietate nocet.

(Cf. *Verus Salomon, Martinus*, 403-4)

Este conceito assoma de novo no poema *Angelorum et Musarum Triumphus, Gonsaluo Martini Filio congratulantium*, escrito para conforto de D. Martinho que acabava de perder o seu filho primogénito:

Plus prodest odium priuigno turpe nouercae
Quam nato ex imo pectore matris amor ⁷⁸.

Nesta composição em verso elegíaco as severas teorias do humanista são postas na boca de D. Manuel que, tendo ido visitar o conde de Vila Nova de Portimão, se achou, em determinado momento, a dissertar acerca de preceitos educativos.

A maior das faltas em que, segundo o mestre italiano, as mães incorrem com muita frequência, é o facto de obstem aos castigos do pai ou dos mestres, considerando um mal aquilo que para os seus filhos seria um grande bem:

Si pater aut aliquis qui castigare tenetur,
Verberet, ut fas est moribus, utque decet,
Quaeque trium insurgit ueluti saeuissima tigris
Eripit e manibus sic furibunda patris.
Occidit puerum, occidit, stultissima clamat,
Quodque bonum est, magnum iudicat esse malum ⁷⁹.

Outras vezes a sua insensatez vai ao ponto de ocultar ao marido os erros cometidos pelo filho, evitando assim o castigo que seria salutar:

Si peccat, mentitur amans peccata marito,
Nè bene castiget pignora cara pater ⁸⁰.

⁷⁸ *Angelorum et Musarum Triumphus*, H viiij v.º

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ *Verus Salomon, Martinus*, vv. 405-6.

Cataldo não cessa de exortar os pais, tentando persuadi-los com exemplos, tirados as mais das vezes do reino animal, a disciplinarem os filhos desde a mais tenra idade, educando-os na mais absoluta submissão. Em princípio terão lugar as advertências, mas logo será necessário o recurso a castigos mais duros:

Dum tener est, repreende tuum pater optime natum,
Principio monitis, postmodo uerberibus ⁸¹.

E não somente aos pais, mas até ao rei, Cataldo aconselha o castigo do corpo como processo excelente para combater a indisciplina dos costumes:

Castiga, castiga aliquos Bernardi famulos, ne tantum bonum perdat ⁸².

E um pouco adiante acrescenta, severo:

...quamquam maiore castigatione dignus sit qui tenetur
eos castigare et non castigat... ⁸³.

Em sua opinião os castigos devem ser conformes à idade da criança, e aumentarão de violência com o avanço daquela. Aos quatro anos começarão os meninos a expiar os erros cometidos, suportando bofetões. Mas quando a idade já tiver duplicado esse número, o chicote é o instrumento de tortura indicado. A partir dos catorze e até aos vinte e um, qualquer falta será eficazmente punida com o auxílio de um azorrague de couro.

No entanto, e o Sículo insiste neste promenor, toda a austeridade será evitada por parte dos pais e mestres, se eles tiverem sido cuidadosamente atentos à educação da primeira infância. Esta é maleável, facilmente se orienta no sentido desejado.

Cataldo parece não ter tido problemas com os rapazes desta idade. É com certo comprazimento que fala — quantas vezes! — dos seus pequenos discípulos, crianças em número de anos, mas velhos em prudência, sabedoria e gravidade, quais Catões, Nestores, ou mesmo comparáveis ao rei Salomão.

⁸¹ *Ibidem*, vv. 409-10.

⁸² *Cataldi Epistolarum Sec. Pars*, A ij v.º

⁸³ *Ibidem*, A iij.

Dirigindo-se a Francisco Carneiro, numa carta inserta no 1.º volume, e reproduzida na página 16 do presente livro, o mestre saúda-o assim:

Saluus sis, sapientia et moribus senex, aetate puer!

Este é um exemplo a que poderíamos associar muitos outros.

Não assim, no entanto, com a adolescência. Esta que «é para o homem a pior das idades e requer do educador a mais enérgica vigilância», não tem qualquer espécie de entraves, é irreflectida, insolente, activa e arrogante. «Não é homem nem criança todo aquele que nela se encontra; não tem medo como a criança, nem, como o homem, vergonha»⁸⁴.

«Nulla aetas homini periculosior adolescentia», insiste Cataldo em carta dirigida a D. Manuel⁸⁵.

A agravar a situação, acresce, na opinião do humanista, a demasiada complacência e o excesso de carícias dos progenitores, bem como o benevolente e pronto esquecimento e perdão dos desvios dos filhos.

Mas existe, segundo crê, um quarto inimigo da educação dos rapazes, e este de consequências mais desastrosas do que qualquer dos outros:

— pestifer, heus pueri fugite, aduersarius iste est⁸⁶.

Tem o nome de «nummus» esse mal, gerador de vícios e crimes, que na terra «os homens veneram como um deus». E o humanista italiano não se cansa de enumerar aos pais portugueses as más consequências que lhes advirão, se persistem em depor nas mãos dos seus filhos elevadas quantias em dinheiro:

Audite o patres, et uestræ tradite menti;
Percipiant matres haec quoque dicta uelim.
Si cupitis natos uitiosos esse, malosque
Atque omnis penitus dote carere boni,
Lusores, fures, glutones, luxuriosos,
Periuros, falsos, iraeque præcipites,

⁸⁴ *Verus Salomon, Martinus*, v. 449-450.

⁸⁵ *Cataldi Epistolarum Sec. Pars*, A ij v.º

⁸⁶ *Angolorum et Musarum Triumphus*, J.

Denarios puero partos sudore petenti
Donate.....

.....
In lachrymas risum uertere uos faciet ⁸⁷.

E o sábio conselho do mestre, acerca da vantagem de cedo começarem as crianças uma aquisição de conhecimentos válidos, e a esmerarem-se em seus costumes, assoma de novo, implícito, nestas palavras:

Ah! Quanto melius, quantoque salubrius esset
Artibus ornari, moribus institui.
Id dum tempus habent, dum mollis conuenit aetas ⁸⁸.

⁸⁷ *Ibidem.*

⁸⁸ *Ibidem*, J v.º

(Página deixada propositadamente em branco)

VERUS SALOMON, MARTINUS

AD COMITEM ALCOTINI LIBER *VERUS*
SALOMON, MARTINUS INSCRIPTUS

- 1 Magne comes, ueterum soboles clarissima regum,
 Quinque inter, matris et patris unus amor,
 Separet iste licet nos Caucasus arbore et aruis
 Cinctus, et attingens astra cacuminibus,
5 Vivo ego Sanctarenæ *, tu uilla degis auita,
 Acessumque meum Ianus Hiemsque * negant,
 Attamen hac poteris doctus cognoscere charta
 Quae * mala te hinc passus digrediente fui.
 Multa aduersa tuli dum uitam ducimus istam;
10 Contigit in terris, siue fuisse mari.
 Ex quo praesertim * Siculas dimisimus oras,
 Externo patriam postposuique solo;
 Si numerem tempus, quod me disiunxit ab illa
 Lustra bis hoc spatium quattuor esse reor;
15 Nulla tamen mentem penetrantia uulnera sensi,
 Qualia nunc mens est nostra coacta pati
 Te praesente * mihi quae * lenia uisa fuissent
 Vel uirtute tua reddita nulla forent,
 Adforet * aut Lianora soror Cumea sibylla,

-
- 5 * Sanctarene
6 * Hyemsque
8 * Que
11 * presertim
17 * presente; * que
19 * afforet

AO CONDE DE ALCOUTIM,
O LIVRO INTITULADO
MARTINHO, VERDADEIRO SALOMÃO

1 Grande conde, descendência ilustríssima de velhos reis, amor único
de mãe e pai entre cinco filhos¹. Ainda que nos separe esse Cáucaso,
rodeado de arvoredos e campos, montanha cujos cumes tocam os astros,
5 vivo eu em Santarém e tu na vila² de teus antepassados, a que me
negam acesso Janeiro e Inverno. Todavia, instruído por esta folha
de papel, poderás conhecer os males que sofri, depois da tua partida.
10 Muito passei nesta minha vida, na terra e no mar, principalmente
desde que deixei as costas sicilianas, preferindo à pátria um solo estran-
geiro. Se eu contar o tempo que dela me separou, são — pelos meus
cálculos — duas vezes quatro lustros. Todavia, não recebeu feridas
15 tão profundas o meu espírito, como as que agora fui obrigado a suportar.
Estivesses tu presente, ter-me-iam parecido suaves ou nulas até, graças
ao teu poder, ou à presença de tua irmã Leonor, outra sibila³ de Cumas,
20 que teria aplacado com o seu rosto os nojentos monstros⁴.

¹ D. Fernando de Meneses, 2.º marquês de Vila Real, e sua mulher, D. Maria Freire, tiveram cinco filhos: D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, que veio a ser 3.º marquês de Vila Real; e D. Leonor, D. João, D. Nuno e D. Afonso, que usaram o apelido de Noronha.

² D. Pedro estava em Vila Real e o Cáucaso é, talvez, a Serra do Marão. Cf. *Cataldi Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*, C iiii e E v.

³ As sibilas, seres misteriosos, possuidores a um tempo de caracteres humanos e divinos, a quem os antigos atribuíram a propriedade de prever o futuro, desempenharam um papel preponderante na religiosidade pagã.

Na Idade Média a tradição cristã fez delas profetizas da vinda ao mundo do Messias e dos destinos da humanidade até ao juízo final, facto que justifica o seu aparecimento nas frontarias das catedrais ao lado dos profetas bíblicos. Gil Vicente fez-se eco desta tradição, passando-a à literatura.

Cataldo aplica geralmente a designação de Sibila como processo laudatório, reservado a senhoras nobres de nascimento e doutas. D. Leonor de Noronha, irmã de D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, é muitas vezes agraciada com esse

- 20 Pacasset uultu turpia monstra * suo.
 Saepius * in nostram ueniebant carmina mentem,
 Quae * cecini tristi tristia bina die *:
 «O spes fallaces, o doctis tempus iniquum;
 Mergitur in minimo nauis onusta lacu».
- 25 Quare si qua tui remanet modo cura Cataldi,
 Esque uiri absentis (ut prius) ipse memor;
 Accipe quo pacto sit saeua * a morte reductus,
 Et solitus uiuat corde calente uigor.
 Virgo simul genitrix cunctis * praelata * deabus,
- 30 Et fecunda choris dignior angelicis
 Ingenii mihi fundat opes, mea pectora caeli *.
 Rore riget; uersus ubere maior agam.
 More poetarum scis me plerumque uagari
 Per fontes, hortos, flumina, perque nemus.
- 35 Haec * loca diuinis aptissima uatibus addunt
 Calcar, et ingenium maius ad alta leuant.
 Dumque subintrassem siluam securus opacam
 Nuper, et intranti carminis esset amor,

20 * mostra
 21 * sepius
 22 * que; * die
 27 * seua
 29 * cuntis * praelata
 31 * celi
 35 * Hec

Muitas vezes, ao meu pensamento acorriam dois cantos tristes que antoei em triste dia:

«Oh falazes esperanças⁵, oh tempo iníquo aos sábios! No mais pequeno lago submerge uma nave carregada!»

25 Por isso, se em ti permanece algum cuidado pelo teu Cataldo e te lembras, como antes, do homem ausente, escuta de que modo ele foi arrancado à morte cruel e como o vigor costumado habita em seu
30 coração ardente. E, ao mesmo tempo, a Virgem Mãe, superior a todas as deusas, fecunda e mais digna do que os coros angélicos, me conceda⁶ os recursos do engenho e irrigue o meu peito com o rocio celeste; engrandecido em fecundidade, eu farei versos.

35 Tu sabes que algumas vezes, segundo o hábito dos poetas, eu vagueio pelas fontes, jardins, pelos rios e pela floresta. Tais lugares, muito propícios aos divinos vates, estimulam⁷ e elevam, mais alto ainda, o engenho. E enquanto, há pouco, eu me aproximava, despreocupado, da orla de um bosque sombrio, tinha comigo o gosto do verso.

título. Sobre D. Leonor, vid. A. COSTA RAMALHO s. v. «NORONHA (D. LEONOR de)», *Enciclopédia Verbo*, vol. 14, págs. 238-9; e M.^a BEATRIZ SILVESTRE, *Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*, tese de licenciatura dactilografada, págs. 59-63.

⁴ A grafia empregada, *mostra*, revela que na pronúncia de Cataldo o grupo consonântico -ns- se havia reduzido a simples sibilante. Esta tendência do grupo a simplificar-se era já notória no latim clássico onde há vestígios de dupla pronúncia e dupla grafia:

quotiens — quoties
totiens — toties

⁵ Os vv. 23-24 do poema são literalmente repetidos na «Conquestio» (*Provas*, tomo VI, ii, pág. 180).

⁶ *Fundat* é um conjuntivo exortativo construído com omissão da conjunção (*ut*). A mesma construção paratáctica foi usada no verso seguinte.

⁷ *Addere calcaria*, metáfora extraída da linguagem hípica, tem em poesia o sentido de «estimular alguém», sendo esse alguém regra geral os poetas.

Cf. HORÁCIO, *Epist.*, 2, 1, v. 214-8:

Verum.....
.....
Curam redde breuem, si munus Appoline dignum
Vis complere libris et uatibus addere calcar,
Ut studio maiora petant Heliconae uirentem.

Em *Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi Siculi*, C vij, Cataldo voltou a escrever:

Nam quid oportebat uelocissimo equo addere calcaria?

- Praeparo * me ad carmen calamo chartaque canendum,
 40 Eneruent pectus otia * nulla meum.
 Laetus * eram (fateor) nullarum turbine rerum
 Ad sacra me uerto, dedoque Pieridum.
 Aethiopes * aberant: Anto, Petrusque, Simonque,
 Non mecum plures his tribus ire solent.
 45 Ecce duo grandi Polyphemi corpore, quales
 Pastores uatum fabula nulla canit.
 Audieram quosdam fama, fictosque putabam;
 Aspectu nec tam rebar adesse feros
 Diriguere comae *, gelidum formidine pectus
 50 Redditur, oppresso sanguine, membra micant;
 Terribiles uisu, uerbis, uultuque minaci
 Audaci obstantem corripuere manu.
 Quid uultis? Quid sic petitis? Tam pallidus inquam;
 Castigat prauos rex deus Emanuel.
 55 Paene * celer uolui uagina educere cultrum,
 Me tuter possem quo meliore modo.
 Iniiciuntque manus auidas, primumque crumenam
 Pendentem a zona turpiter arripiunt.
 Conscipiunt uento plenam, nummisque carentem,
 60 Confractam temnunt reiiciuntque truces.
 Meque ligant presum * manibus, coguntque fateri;
 Dant nunc blanditias * nunc maledicta feri;
 Non aurum, argentumque fero, fero Palladis artes;
 Has capite exclamo, mittiteque innocuum.

39 * preparo
 40 * ocia
 41 * Letus
 43 * Ethiopes
 49 * come
 55 * Pene
 62 * blandicias

Preparo-me, com pena e papel, para entoar o meu canto ⁸, para que ⁹ ócios alguns debilitem o meu peito.

40 Estava alegre, confesso. Afastado o turbilhão dos cuidados, dedico-me e consagro-me ao culto das Piérides ¹⁰.

Os pretos Antão, Pedro e Simão ¹¹ encontravam-se distantes, e comigo não costumam andar mais do que estes três.

45 Eis ¹² dois Polifemos ¹³ de grande corpo, quais pastores que fábula alguma de vates canta.

Conhecera alguns pela fama e julgara-os inventados; não havia calculado que fossem tão ferozes na aparência. Arrepiam-se os cabelos, 50 gela de terror o coração, o sangue coagula-se, tremem os membros. Terríveis na aparência, nas palavras, e, de rosto ameaçador, agarram com a mão ousada quem lhes impedia o caminho.

«Que desejais? Que pedis, desta maneira?» — Pergunto eu, muito pálido. «O rei Manuel, um deus, ¹⁴ castiga os maus».

55 Com rapidez, quase eu pretendi arrancar da bainha o punhal para me defender ¹⁵ da melhor maneira que pudesse. Mas eles lançaram-me as mãos ávidas e logo me roubaram, vergonhosamente, a bolsa que pendia do meu cinto.

60 Vêem-na cheia de vento e vazia de moedas; desdenham e, violentos, arremessam-na, feita em pedaços. A mim retêm-me detido pelas mãos e obrigam-me a confessar. Ora me tratam com lisonja ora, cruelmente, me dirigem ameaças. «Não trago ouro nem prata; trago as artes de Palas» — exclamo. «Tomai-as e deixai-me ileso».

⁸ Note-se o recurso à aliteração.

⁹ Sintaxe peculiar a Cataldo: a conjunção final foi omitida e a frase tornou-se negativa pela presença do pronome indefinido.

¹⁰ Epíteto geralmente aplicado às Musas, sobretudo pelos poetas latinos.

¹¹ Três criados negros. Vid. A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pág. 58

¹² O autor dá início à descrição de um ataque fictício, figurando, parece-nos, a falta de pagamento de uma dívida que tinham para com ele.

Cf. vv. 671-8 e respectiva nota.

¹³ Polifemo, o mais célebre dos ciclopes, filhos de Neptuno e de Toosa, era uma figura horrenda pela sua corpulência.

¹⁴ A tendência para chamar *deus* aos soberanos remonta à tradição greco-latina. É um hábito frequente em Cataldo.

Cf., por ex.:

Est deus in terra quamuis deus alter Olympo est.

«Conquestio», *Provas*, tomo VI, ii, pág. 185.

¹⁵ Note-se uma vez mais a omissão da conjunção.

- 65 Falsum fama sonat; uix unquam prodigus auri
 Id seruare ualet, uel retinere diu.
 Diuitias semper spreui, musasque secutus
 A puero mira sedulitate colo.
- 70 Quo magis haec * clamo, magis hoc torquere laborant
 Non ars, non musae *, non ualuere preces.
 Dum sic insontem diris cruciatibus urgent,
 Turma equitum, peditum plurima turba uenit.
 Quorum aliqui proceres constanti pectore tendunt
 Nos in cyclopas intrepidique, ruunt.
- 75 Taruccaeque * comes, quem Crati uoce Priorem
 Portugalensi quisque uocare solet,
 Pace potens, armisque potens insigne parentum
 Narratur meritis exuperasse decus.
 Sed nil proficiunt, gladiis hastilibus instant,
- 80 Ictibus haud densis corpora uasta mouent.
 Quos inter patruus ueniens Antonius ardens,
 Qui flectat placidis saxea corda modis,
 In libyco totiens fortissimus extitit hostes
 Hos contra geminos debilis exit eques.
- 85 Magnus erat cum patre senex Ignatius annos
 Vix septem natus, totus in ore pater.
 Quae patrem poterat pugnantem uoce iuuabat,
 Vlla nec aetatem * praeter * ea arma decent.
 Dic mihi quo censes animo? Qua mente Cataldum
- 90 Diue comes? * dic quo corde fuisse tuum?
 Menseque me uinctum tenuere uel amplius uno,
 Frusta minutatim uilia edenda dabant.
 Siccus eram, totus maciem mutatus in atram,
 Indum defunctum dixeris aut arabem.
- 95 Vt rosa uere novo foliis, ramoque mitebat,
 Imbre euulsa solo, soleue adusta iacet.

69 * hec

70 * muse

75 * Tarucceque

88 * etatem; * preter

90 * comes: tuum:

65 «A fama soa falso. Dificilmente, alguma vez, um homem rico de
ouro pode conservá-lo ou possui-lo por longo tempo. Eu sempre desprezei
as riquezas e, desde menino, sigo e cultivo as musas, com admirável
constância».

70 Quanto mais assim eu brado, mais com isto se esforçam por me
atormentar. De nada valeram a arte, as musas, as súplicas.

Enquanto, desta forma, ameaçam um inocente com espantosas
torturas, chega uma multidão de cavaleiros e maior turba de peões.
75 Alguns nobres, dentre eles, dirigem-se para nós, de inalterável ânimo e,
intrépidos, caem sobre os ciclopes. O conde de Tarouca¹⁶ a quem,
em português, todos costumam chamar o Prior do Crato, poderoso
na paz, poderoso na guerra, conta-se que excede em méritos a glória
insigne de seus antepassados. No entanto, não têm êxito; perseguem-nos
80 com espadas e lanças, mas não conseguem afastar os colossais corpos
por meio de golpes repetidos.

Vindo entre eles decididamente o teu tio paterno, António¹⁷, capaz
de abrandar, por seus modos plácidos, corações de pedra — tantas
vezes sobressaiu como o mais corajoso em face dos inimigos líbicos¹⁸ —,
em presença daqueles dois revela-se impotente cavaleiro.

85 Com seu pai estava aquele grande ancião, Inácio¹⁹, — ainda não
tinha bem sete anos — todo o pai no rosto. Com quanta voz tinha,
auxiliava seu pai na luta, já que, além desta, outras armas lhe não
convinham, devido à idade.

90 Dize-me, com que ânimo, pensas tu, com que espírito, divino
conde, com que mente esteve o teu Cataldo?²⁰

E durante um mês, ou mais, me detiveram prisioneiro, dando-me,
para meu sustento, escassas e vis migalhas. Eu estava magro, em negra
95 palidez inteiramente mudado, dir-me-ias um índio defunto, ou um
árabe. Como a rosa no começo da primavera brilhava com suas
folhas e ramo mas, arrancada pela chuva ou queimada pelo sol, jaz

¹⁶ D. João de Meneses, vid. págs. 41-44.

¹⁷ D. António de Noronha, segundo filho de D. Pedro de Meneses, 1.º marquês
de Vila Real. Foi mais tarde conde de Linhares.

Vid. M.^a Beatriz SILVESTRE, *Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*.

¹⁸ Alusão às campanhas contra os mouros no Norte de África.

¹⁹ D. Inácio de Noronha, vid., págs. 45-46.

²⁰ A contaminação das duas construções da oração interrogativa tornou a
sintaxe um pouco complexa: a forma verbal *fuisse* funciona como predicado de
uma oração interrogativa directa, dependente de *censes*. Porém os ablativos *quo*
animò, *qua mente*, *quo corde* parece que ficariam melhor com uma interrogativa
indirecta cujo predicado seria *fuisset*.

Squalenti solitae * nusquam pro corpore uires,
Tantum uiuacis robor a mentis erant.
Tum uero plorasse noui infortunia casus,
100 Et poteras fato condoluisse meo.
Tum mihi quisquis erat uere deflesset amicus;
Deflessent ii, quos laudibus extuleram.
Quis ego centena et millena poemata feci,
Mille quibus pedibus scripta soluta dedi.
105 Morte Dionysus nostra tristatus abisset,
Cum tota moestus Marchio Menesia.
Et quem ductaui manibus colloque sedentem
Gestaui gaudens per loca amoena * meo.
Denique si fas sit rectum uerumque fateri,
110 Fleuisset crudam gens bona cuncta * necem.

97 * solite
108 * amena
110 * cuncta

em terra, de modo algum existiam no meu corpo esqualido as costumadas forças, mas somente o vigor de um espírito enérgico ²¹.

100 Então é que poderias ²² de verdade ter chorado os infortúnios da nova situação e ter-te condoído com o meu fado. Então quem quer que fosse verdadeiramente meu amigo, teria chorado comigo; teriam chorado aqueles a quem havia erguido em louvores, a quem ²³ eu compus centenas e milhares de poemas, aqueles a cujos pés eu depus mil
105 escritos em prosa. Com a minha morte, triste, ter-se-ia ido Dinis ²⁴, ter-se-ia ido o Marquês ²⁵ com toda a casa dos Meneses e aquele que conduzi pelas mãos e, sentado no meu pescoço, transportei alegremente por lugares amenos ²⁶. Finalmente, se é lícito falar com rectidão e

²¹ O humanista revela gosto especial pelo emprego de metáforas, comparações e símiles, de que faz largo uso. Assim, o poeta, antes de espírito enérgico, agora desfigurado pelo terror, assemelha-se à rosa que a chuva e o vento fez murchar (vv. 261-2); D. Martinho é sucessivamente comparado a Nestor, em prudência; a Sócrates, em discernimento; a Salomão em sabedoria (vv. 277-8); a Apolo em beleza (v. 304). Ele é como o sol que brilha no meio das estrelas resplandecentes e oculta, com o seu fulgor, as estrelas rutilantes (vv. 305-6).

A rapidez com que o anjo dos sonhos do conde de Vila Nova se dirige para o Céu é comparada à rapidez do Euro, um dos quatro ventos cardinais, que sopra do Oriente.

²² O uso do imperfeito do indicativo com valor de irreal do passado — em substituição do condicional — que veio a tornar-se comum nas línguas românicas, nomeadamente no português, ocorria já no latim tardio.

Cf., S. GREGÓRIO DE TOURS, *Hist. Francorum*, 5, 20:

Si audire dignaretur rex, loquebantur.

²³ *quis*, forma arcaica de dativo do plural, foi usada em vez de *quibus*. Cf. CICERO, *De Oratore*, I, 19, 85:

Disputabant contra disertis hominibus Atheniensibus et in re publica causisque versati in *quis* erat etiam is qui nuper Romae fuit, Menedemus hospes meus.

²⁴ D. Dinis irmão de D. Jaime, duque de Bragança, vid. págs. 51-54.

²⁵ D. Fernando de Meneses, 1.º conde de Alcoutim, 2.º marquês de Vila Real. Vid. M. B. SILVESTRE, *Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*.

²⁶ Refere-se a D. Jorge, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II. Cf. «Conquestio» (*Provas*, tomo VI, pág. 185):

O quotiens illum, quotiens a mille periclis,
His humeris presum fortiter eripui!
Auerium testor, testor mundumque deumque,
Et loca per quae aditus saepe fuit geminis.
Qui praeceptor eram, matris iam nomen habebam
Et patris, ah pudor est dicere quanta tulit!
Meque etiam gessi medicum, pro frigore, et imbre,
Proque calore amitae mouimus aspra suae.

At bene risisset gens barbara et impia Musis
 Inuida, quae * uates non coluere deos,
 Cui neque Pegasides, nec mons Heliconis et undae *
 Fontis inexhausti Castalique placent;
 115 Qui * nec odoriferam laurum, myrtumque uirentem,
 Anxius urbanas dum sibi quaerit * opes.
 Sed Deus ex alto, qui recta lance ministrat
 Omnia, prospexit, facta nefanda uetat.
 Nuntius * interea Veri Salomonis ad aures
 120 Peruenit, et paucis protinus acta refert.
 Is fuit excultis Ferrandus moribus auctor *
 Alcaseus, vitae * maxima causa meae *
 Cui soli plus quam centum debemus amicis,
 Sint licet aut comites magnanimiue duces.
 125 Ille igitur sapiens caelesti * numine plenus
 His me summersum fluctibus eripuit.
 Nomine Martinus, Castelli agnomine Branchi,
 Primus amor regis, primaque cura sui.
 Castelli cognomen habet, munimine fultus,
 130 Virtutum et circum turre potente datus,
 Branchum uulgares, album dixere latini.
 Albior argento candidiorque niue;
 Absens multa facit nutu quam plurima praesens *,
 Cuius in arbitrio regia summa iacet.

112 * que
 113 * unde
 115 * Cui
 116 * querit
 119 * Nuncius
 121 * autor
 122 * uite * mee
 125 * celesti
 133 * presens

110 verdade, toda a gente boa teria chorado a morte cruel. Ter-se-ia, porém, rido à vontade a gente bárbara e ímpia, invejosa das Musas, que não cultivava os vates divinos, a quem nem as Pegásides²⁷, nem o monte Hélicon²⁸, nem as águas da inesgotável fonte de Castália²⁹ deleitam, aquele que³⁰ não busca o louro odorífero nem o mirto virente, enquanto, ansioso, procura para si as riquezas da cidade.

Todavia, Deus, que do Alto ministra tudo com balança justa, olhou. Ele proíbe as acções ímpias. Eis que, entretanto, um mensageiro se aproxima dos ouvidos do verdadeiro Salomão³¹ e, logo, em poucas palavras, lhe narra os factos. Foi ele Fernando de Alcáçova³², homem de costumes polidos, meu principal salvador, a quem devo mais do que a cem amigos, sejam eles, embora, condes ou magnânimos duques.

125 Ora, um homem sapiente, cheio de inspiração divina, me arrebatou das vagas, quando eu estava submerso nelas. Martinho de nome, Castelo Branco de apelido, a primeira afeição do rei e seu primeiro cuidado. Tem o cognome de Castelo, apoiado em fortificação de virtudes e de potente torre circundado. O vulgo diz «Branchum», os latinos «Album». Mais alvo do que a prata e mais cândido do que a neve³³.

Embora ausente, realiza muitas coisas, e muitíssimas quando presente, com um simples aceno, ele, de cuja decisão dependem os

²⁷ Os antigos deram às Musas o nome de Pegásides, por lhes ter sido consagrada a fonte de Hipocrene, nascida de uma patada de Pégaso, o cavalo alado da mitologia.

²⁸ Monte consagrado às Musas. Camões faz-lhe referência em *Os Lusíadas*, III, 97:

E de Helicon a Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fértil erva.

²⁹ Fonte do Monte Parnaso, consagrada a Apolo e às Musas. A lenda de que nas suas águas se bebia a inspiração poética e que a ela acorriam os vates em demanda deste dom divino, é do tempo dos poetas romanos.

³⁰ *cui* foi escrito em vez de *qui*. Trata-se, provavelmente, de um erro de ortografia.

³¹ O autor refere-se a D. Martinho. Cf. a Introdução e A. B. FREIRE, *Brasões*, III, págs. 373-377.

³² Sobre Fernando de Alcáçova, vid. M. B. SILVESTRE, *Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*.

³³ Cataldo tinha no ouvido um certo número de versos feitos a que por vezes recorria.

Assim este verso — 132 — foi repetido «ipsis verbis» no poema *Angelorum et Musarum Triumphus*, G ix vº, aplicado desta vez ao manto de um anjo.

- 135 Alphonso quondam charus natoque Ioanni
Tanta illi probitas insita tantus honos.
At multo, Emanuel, tibi nunc charissimus extat
Quo sine nil magnis rex bone rebus agis
Cui merito tua committis secreta superno.
- 140 Consilio pollet feruet amore fide.
Non tam Maecenas * orbis tum scepra tenenti,
Quantum hic acceptus regibus esse solet.
Hic hic ille uirum magnorum amplissimus, amplum
Obtinet in regno praecipuumque * locum.
- 145 Pulcher ut aspectu sic re pulcherrimus ipsa.
Addubites extra an pulchrior intus eat.
Vtque gubernator seruauit Vlixbonam * et auxit
Ante tuum genitor dignus honore bonum.
Sic nunc regnorum seruator filius ornat,
- 150 Inque dies ditat, amplificatque magis,
Deque uiro summo quem non deceptus et amens
Vere Romuleum, semideumque uoco,
Iudicium si forte meum post multa requiris,
Hoc unum breuiter sentio, non aliud.
- 155 Quicumque in regno uiuat, uel forsitan extra,
Seu sit plebeus, seu generosus, eques,
Diuitiis et stirpe nitens siue aduena, seu sit
Incola, natalis compatriota loci,
Hunc adeat, totis studeat conatibus unum

141 * mecoenas

144 * precipuumque

147 * ulixbona

135 assuntos da administração da corte. Foi querido outrora de Afonso e de seu filho João, tão grande era a probidade que tinha gravada na alma, tão grande a honra. Mas ergue-se agora muito mais querido a ti, caríssimo Manuel; sem ele, nada, ó bom rei, tu fazes das grandes coisas; é a ele que, pelo seu elevado mérito, tu confias os teus segredos.
140 É forte em prudência, abrasado em amor, em lealdade. Não era Mecenas tão aceite daquele que então detinha os ceptros do Universo, quanto costuma ele ser aceite dos reis ³⁴.

Este, este ³⁵, o mais famoso dos grandes varões, ocupa no reino um lugar subido e especial. Tal como é belo de aspecto, mais belo é ainda na realidade, e ficar-se-ia na dúvida se seria mais formoso exterior ou interiormente. E como, na qualidade de governador, antes ³⁶ dos teus serviços, o teu progenitor ³⁷, digno de honra, salvou Lisboa³⁸ e a engrandeceu, assim agora tu, seu filho, salvador dos reinos, a ornamentas e, dia após dia, a engrandeces em riquezas e amplificas mais. E se, enfim, deste homem excelso, a quem, não enganado nem louco, eu chamo verdadeiramente outro Rómulo e semideus, tu acaso perguntas o meu parecer, este e não outro é, em suma, o juízo que formulo:

155 Aproxime-se dele todo aquele que residir no reino ou mesmo fora dele, seja plebeu, nobre ou cavaleiro, distinto por suas riquezas e estirpe, estrangeiro ou natural, habitante do lugar onde nasceu, e com

³⁴ A posição de D. Martinho em relação ao monarca português é comparada à de Mecenas em face do imperador romano.

Cf. em *Angolorum et Musarum Triumphus*, H vj:

Augusto quantum Maecenas deditus ibat,
tantum seruitio regibus iste placet

(estes versos referem-se igualmente a D. Martinho de Castelo Branco).

³⁵ Repare-se no valor enfático da repetição de *hic*.

³⁶ *Ante* foi aqui empregue como preposição e rege *tuum bonum*.

³⁷ D. Gonçalo Vaz de Castelo Branco, senhor de Vila Nova de Portimão, vedor da Fazenda e governador da Casa do Cível. Vid. A. B. FREIRE, *Brasões*, II, pág. 173.

³⁸ Nos textos de Cataldo o nome da cidade de Lisboa é habitualmente traduzido por um substantivo de tema em -a, 1.ª declinação. Assim sendo, esperaríamos encontrar, neste contexto, uma forma como *Vlixbonam*. Encontramos, no entanto, *Vlixbona* e duas hipóteses nos parecem possíveis: ou estamos em presença de um acusativo grego de tema em consoante, ou mais provavelmente terá esquecido o sinal, espécie de til, por que é costume estar assinalado o -m final das palavras.

- 160 Et sibi quo poterit conciliare modo.
Tutus aget uitam, nullis conflictibus actam;
Tuta procellosis cymba natabit aquis.
Hunc quicumque tenet, magnos comitesque ducesque
Quin ipsum regem se retinere putet.
- 165 Immo ego Martino seruire libentius uni
Mallet, quam regi principibusque decem;
Illos me tali sine Maecenate * putarem
Incertos dominos semper habere meos.
Hoc tamen aeternos * intercessore tenerem,
- 170 Esset et in nostro pectore firma quies.
Mentiar, an meritos tanti celebremus honores,
An maiora canam re monumenta uiri.
Tu mihi testis ades, tu qui caelestia * calles *,
Nedum corporeis subdita luminibus.
- 175 A primo ad summum nosti sublimia caelum *,
Ante oculos nedum continuata tuos.
Nam sapiens doctus sapientem nouit amicum
Ingenium, mores, abdita corda salem.
Eia age clararum scriptor cupidissime rerum,
- 180 Praeco * fere rauco gutture, fide manu *;
Pande salutata primum tibi uirgine causas,
Qua sine oberrabit luce uiator iter,

167 * mecoenate

169 * eternos

173 * celestia * calies

175 * celum

180 * Praeco; 180 * manui [dativo]

160 todos os seus esforços busque unicamente a sua amizade, da melhor
maneira que puder. Passará em segurança a vida, que decorrerá sem
conflitos, e o seu barco vogará seguro em mar proceloso. E todo aquele
165 que o tem por seu lado julgue ter por si os grandes condes e os duques
e mesmo o próprio rei. E até eu, de bom grado, preferiria servir a
Martinho só, do que a um rei e dez príncipes e, sem tal Mecenas,
incertos julgaria eu sempre ter esses meus senhores. Mas com tal
intercessor, conservá-los-ia eternamente e uma sólida quietação reinaria
em meu peito.

170 Hei-de eu mentir? ³⁹ Hei-de eu celebrar ³⁹ as merecidas honras de
tão nobre varão? Hei-de eu, deste homem, cantar ³⁹ maiores recor-
dações do que a realidade?

175 Tu ⁴⁰ és minha testemunha, tu que conheces os segredos divinos ⁴¹,
quanto mais aquilo que está submetido aos olhos da carne. Do prin-
cípio ao mais alto do Céu, tu conheces o que há de sublime, quanto mais
aquilo que está patente ao teu olhar. Com efeito, o sábio experiente
conhece o amigo sábio, o seu talento, os costumes, os escaninhos do
seu coração e a finura de espírito.

180 Vamos, pois, ó escritor avidíssimo de ilustres feitos, arauto de
garganta quase rouca, tem confiança ⁴² na tua mão. Depois de saudar
a Virgem, luz sem a qual o viandante errará o seu caminho, sem a

³⁹ *mentiar* (v. 171), *celebremus* (v. 171) e *canam* (v. 172) são conjuntivos depi-
berativos. Fazem parte de uma deliberação em solilóquio.

⁴⁰ O autor passa a dirigir-se directamente ao conde de Alcoutim.

⁴¹ Sobre o conde de Alcoutim, ilustrado fidalgo renascentista, ver A. COSTA
RAMALHO, «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas*, XXIII-XXIV
(1971-72), págs. 448-452.

⁴² Auto-exortação; o humanista exorta-se a exprimir as causas, à maneira
dos grandes poetas da antiguidade, que tinham por norma implorar à Musa ou
aos deuses se dignassem auxiliá-los nessa tarefa.

Cf. VIRGÍLIO, *Aen.* I, 8.

Musa, mihi causas memora...

e Ovídio, *Metam.*, I, 2-4.

...di, coeptis, nam uos mutastis et illas,
Adspirate meis, primaque ab origine mundi
Ad mea perpetuum deducite tempora carmen.

- Qua sine nauta miser tumidis iactabitur undis,
 Vita nec in laribus sit cui tuta suis.
 185 Cur potius patria uir iustus natus in ista
 Postremum, * mortis uiuat adusque diem,
 Quam nec apud validos Gallos, Italosue sagaces,
 Germanos fortes, moribus horridulos
 Causa subest manifesta satis de pluribus una,
 190 Quam lusitanum noscere quemque decet;
 Tempus ab innumeris huc usque fluentibus annis,
 Cuius non ualeat uir memor esse memor
 Quo lusitani reges populique sub armis
 Exercent uires, corpora, * corda, suas,
 195 Proque fide sancta et tutando nomine Christi,
 Non contra quosuis proelia * iusta gerunt.
 Debellant nostris inimicos legibus hostes,
 Horrida quos gignit Aphrica, quosque Tyrus
 Cumque opus aduersus longinqua per aequora * Teucros
 200 Transmittunt, classes praesidiumque * ferunt.
 Quaquam nunc Arabes, Persas, Parthosque fugaces,
 Phoenices, Indos, Aethiopesque * domant.
 Genti tot meritis et tot uirtutibus auctae *
 Praemia * ab arce Deus digna merente dedit.
 205 Scilicet hunc ipsum Martinum sanguine claro,
 Maioremque sua nobilitate uirum.
 Pace gubernaret, belloque teneret habenas, *
 Regnorum recta quo duce cuncta * uia.
 Materna solidos artus ubi finxit in aluo,
 210 Sensibus integrum, consiliisque polit.
 Non his contentus maiori munere donat,
 Hactenus humano quale dedisse negant,

-
- 186 * postremum mortis
 194 * corpora corda
 196 * prelia
 199 * equora
 200 * presidiumque
 202 * ethiopesque
 203 * aucte
 204 * premia
 207 * habenas Regnorum
 208 * cuncta

qual o pobre nauta será arremessado às túmidas vagas e ninguém em seus lares terá vida segura, expõe as causas.

185 Há, dentre várias, uma causa bastante manifesta por que um
homem justo, nascido nesta pátria, aqui vive até ao dia ⁴³ último,
o dia da sua morte, mais do que ⁴⁴ entre os vigorosos gauleses ou os
190 sagazes itálicos, ou os germanos fortes de costumes bárbaros. Essa causa
convém a qualquer português conhecer: o tempo, desde anos incontáveis até aqui — tal que dele não é capaz de lembrar-se um homem
de boa memória — em que reis e povos portugueses exercitam em
195 lutas as forças, corpos, ânimos, e em prol da santa fé e em defesa do
nome de Cristo travam guerras justas, não contra uns quaisquer.
Ora dominam inimigos hostis ⁴⁵ às nossas leis, nascidos na inculta
África, e por mares longínquos transportam o seu poder contra os
200 turcos, quaisquer que sejam os que Tiro gera, e levam armadas defensivas ⁴⁶, ora subjagam árabes, persas, índios, etíopes.

A um povo dotado de tantos méritos e valor, Deus concedeu, da Sua cidadela, prémios dignos de quem deles é merecedor, a saber, este
205 mesmo Martinho, de sangue nobre e varão maior do que a sua nobreza.
Permitiu-lhe que governasse em tempo de paz e que na guerra tivesse
entre mãos as rédeas, que tivesse todas as coisas do reino sob sua
orientação, por via recta.

210 Quando, no ventre materno, lhe modelou os ombros fortes, Ele
o criou íntegro de sentidos e de inteligência. Não satisfeito com estes
dons, presenteia-o com dádiva maior ⁴⁷ como até hoje dizem não ter sido

⁴³ Ao substantivo *diem* (que é, normalmente, do género masculino) liga-se o adjectivo *postremum* e, simultaneamente o determinativo *mortis*.

⁴⁴ Cataldo escreveu *potius... quam nec*, construção popular de um tipo que é corrente em Português.

⁴⁵ Forcellini distingue *hostis*, inicialmente com o sentido de «estrangeiro» e designando posteriormente «is quocum publice bellum habemus», de *inimicus*, termo que, segundo ele, designa «is quocum habemus priuata odia».

⁴⁶ Possível alusão à armada de socorro enviada a Rodes em 1510.

⁴⁷ Em poesia como em prosa, e exceptuando apenas as citações de outros autores, Cataldo tem por hábito fazer terminar em -i as formas de ablativo singular dos comparativos de superioridade, como se tratasse de adjectivos de tipo *breuis*, e por isso escreveu neste verso *maiori por maiore*.

- Vnde nec eloquium, formam, sensusque profundos,
 Nec miror priscam cum grauitate fidem.
 215 Forte die quadam solitam puerile per aulam
 Cum paribus ludens itque reditque celer.
 Quinque erat annorum, * cursu defessus anhelum
 Puluino properat apposuisse latus.
 Illic cernebant famulae *, nutrixque sedentes,
 220 Totius custos unica cura domus.
 Opprimit infantem somnus, lateque quiescit;
 Subridens secum gaudia summa capit.
 Lar fulgore nouo splendens, effundit odorem
 Insolitum, quo gens reddita laeta * stupet *.
 225 Membra mouens geminas palmas adiungit in unum,
 Orantis flexo poplite signa facit.
 Obstupuere omnes, sopita quid actio portet
 Expectant auidi praetrepidique * pauent.
 Erecto capite, et clausis taciturnus ocellis
 230 Aethera * suspiciens spissa labella ciet.
 Mox experrectus, uultuque ardente rubore.
 Aspicit adstantes * sanctaque uerba refert.
 Iam non humanus facie, aut sermone uidetur
 Esse, sed e caeli * sedibus aethereus *;
 235 Ecce uenit genitor, uenit et trepidissima mater,
 Atque rogant, dicat quid sibi facta uelint.
 Nil mutire grauis multis praesentibus * audet.
 Amotis narrat singula utrique puer;
 Mirantur, gaudentque simul, dantque oscula nato,
 240 Prae * nouitate suum uix tamen esse putant,
 Mutata in melius forma est, mutataque uirtus.
 Natura humani cernitur angelici.

217 * annorum cursu
 219 * famule
 224 * leta * stupet
 228 * pretrepidique
 230 * ethera
 232 * astantes
 234 * celi * ethereus
 237 * presentibus
 240 * Pre

concedida a um ser humano. Daí resulta que eu não estranho nem a eloquência ou a beleza, nem as ideias profundas, nem a lealdade antiga unida à ponderação.

215 Por acaso um dia⁴⁸, brincando com os seus iguais ao modo das
crianças, ele vai e vem rapidamente. Tinha cinco anos e, fatigado da
220 corrida, apressa-se a repousar, numa almofada, o corpo ofegante. Ali
o contemplavam, sentadas, as criadas e a ama. Era objecto da guarda
e preocupação de toda a casa. Apodera-se o sono da criança e dorme
longamente; sorrindo, goza, sozinha, o maior prazer. A lareira,
brilhando em novo fulgor, espalha estranho perfume e a gente se
225 admira e se alegra. Movendo os membros, une as duas mãos e, ajoelhado,
faz menção de orar. Maravilhados, aguardam todos ansiosamente
o que significa o acto sonâmbulo e, tomados de pânico, tremem.

Ergue a cabeça. Em silêncio, levantando os olhitos fechados,
230 olhando o Céu, move os lábios com rapidez. Logo desperto, e no rosto
um intenso rubor, fixa os presentes e profere santas palavras. Não se
assemelha já na face e na maneira de falar a um ser humano, mas
a um ser divino, descido das mansões celestes.

235 Eis que chega o pai e vem, aflitíssima, sua mãe; suplicam que⁴⁹
lhes revele o que os factos simbolizam: com gravidade, ele não ousa
dizer nada, na presença de tantos. Porém, afastados eles, a criança
narra, um por um, os acontecimentos. Admiram-se e a um tempo exultam
240 e beijam o filho que, pelo insólito do acontecido, a custo reconhecem
como seu. Transformado em melhor o aspecto físico, em melhor trans-
formado o seu íntimo, observa-se a natureza de um ser humano
angélico.

⁴⁸ Inicia-se a narração de um sonho profético, durante o qual um ser angélico faz a D. Martinho promessas de glória futura. O processo é conhecido de todas as literaturas e as suas origens são muito remotas. No entanto, achamos interessante mencionar que a leitura destes versos nos trouxe à memória a ode 4 do livro III de Horácio, aquela em que o poeta latino conta como, tendo um dia adormecido à beira do tronco de uma árvore, foi coroado de louro e mirto sagrado por pombas brancas que desceram do céu. E a visão serena da criança adormecida, cabeça ornada de plantas sagradas, estranhamente indiferente às vibrações e feras que povoavam o local, pareceu aos camponeses um sinal de predeterminação.

⁴⁹ No texto latino a conjunção foi omitida.

Tota domus laeta * est; animalia muta; trabesque
Exultant; grates omnis alumnus * agit.
245 Quae * uero in somnis uidit, memorare iuuabit
Pauca quibus notis cetera nota scies.
Alatum puerum et forma uidisse nitentem
Rettulit et grauibus ista tulisse modis; *
«En ego nunc uenio caelo * demissus ab alto
250 Nomine mittentis haec * tibi dona feram.
Do sapere in primis Salomonis, Apollinis altum
Ingenium, formam Mercuriique decus.
Illi si qua tamen fragilis libamina uitae *
Attigerint, sophiae * detraho inepta datae *.

243 * leta
244 * alumnus
245 * Que
248 * modis.
249 * celo
250 * hec
253 * uite
254 * sophie * date

Toda a casa está alegre⁵⁰; os animais silenciosos; exultam as traves⁵⁰, e todo o súbdito rende graças.

245 Mas do que ele viu em sonhos, haverá vantagem em recordar meia dúzia de notas. Conhecidas estas, tereis conhecido as restantes.

Contou que viu um menino alado, de resplendente beleza, que, com modos solenes, lhe falou assim:

250 «Eis que agora chego, vindo das alturas do Céu⁵¹ e, em nome do que me envia, eu vou ofertar-te estas dádivas: concedo-te, antes de mais, a sabedoria de Salomão, o talento profundo de Apolo, a graça e a

⁵⁰ A imagem do sorriso das coisas teve remotas origens na história da Literatura Latina. São dos *Anais* de Ênio os versos seguintes:

Iuppiter hic risit, tempestatesque serenae
Riserunt omnes risu Iouis omnipotentis (*Ann.* vv. 237-8)

«Júpiter nesta altura riu, e as tempestades serenas riram todas, com o riso de Júpiter omnipotente».

Estes versos foram depois aproveitados por Virgílio na entrevista de Vénus com o pai dos deuses, no canto I da *Eneida*:

Olli subridens hominum sator atque deorum
Voltu, quo caelum tempestatesque serenat.

(*Aen.*, I, 254-5)

«Sorrindo-lhes o pai dos homens e dos deuses, com o rosto que serena o Céu e as tempestades».

E em idêntico episódio o autor de *Os Lusíadas* não esqueceu que o sorriso de Júpiter se espalha sobre todas as coisas e se reflecte nelas:

Co'o vulto alegre, qual, do céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro.

(*Os Lusíadas*, II, 42)

(Cf. A. COSTA RAMALHO, «O mito de Actéon em Camões», *Humanitas*, XIX-XX (1967-68), pág. 51-52).

Ainda dentro da Literatura Latina não poderíamos deixar de lembrar os versos finais do carme 31 de Catulo, aquele em que o Veronês, de regresso da Bitínia, saúda Sirmio, a sua casa à beira do Garda:

Salve, o uenusta Sirmio, atque ero gaude:
Gaudete uosque, o Lydiae lacus undae;
Ridete, quicquid est domi cachinnorum».

(*Cat.*, C. 31, 12-14)

⁵¹ Reminiscência de Virgílio:

Iam noua progenies caelo demittitur alto.

(*Ecl.* IV, 7)

e

hoc tunc Ignipotens caelo descendit ab alto.

(*Aen.* VIII, 423)

- 255 Te castam sanctamque Deus dat ducere uitam.
Et colere oblatum legitimunque torum.
Ex te progenies longos uictura per annos
Nascetur nullis oblita criminibus.
Foemineo sexu et maribus regnum omne replebis
- 260 Et uere tanta prole beatus eris.
His dictis euro geminis uelocior alis
Euolat et caelos * uenerat unde petit.
Gonsaluus genitor natum materque Beatrix
Ceperunt ulnis laetus * uterque suum.
- 265 Non dant amplexus solitos non oscula fronti.
Illum nescio quod numen habere rati.
Nec poterant satiare oculos animosque tuendo.
Solum dicentis aurea dicta notant.
Nec mora, * festinant Alphonso tradere regi.
- 270 Tradunt et proprium perpetuumque dicant.
Suscipit ille libens et dextra mulcet amica.
Gaudet et in medio sustinuisse sinu
Praeponit * princeps generosis cautus alumnis.
Tanta inerat uirtus gratia forma sophos,
- 275 Quem simul aspexit, dium miratus acumen,
De grauibus rebus multa notanda rogat.
Non puer unius lustris, sed Nestore natu
Vtque Leontino, Socrate maior agit.

262 * celos
264 * letus
269 * mora
273 * Preponit

elegância de Mercúrio. Se, entretanto, algumas⁵² verduras da frágil
255 vida te atingirem, da concedida sabedoria eu excludo os erros: Deus
permite que leves uma vida casta e santa e que respeites um leito nupcial
que legitimamente te foi oferecido. De ti provirá uma linhagem que
há-de viver por longos anos, sem a contaminação de crime algum.
260 Povoarás todo o reino de mulheres e homens e serás verdadeiramente
feliz com tão grande prole».

Ditas estas palavras, em suas asas se ergue, mais veloz que o
Euro, e se dirige para o Céu, de onde viera.

Gonçalo, o pai, e Beatriz, sua mãe, ambos felizes, recebem nos
265 braços o filho. Não lhe dão os costumados abraços, nem o beijam
no rosto, julgando que ele tinha não sei que divindade. Não podiam
saciar os olhos e o espírito, contemplando-o; escutam apenas os ditos
áureos que o filho profere.

Não há demora⁵³, apressam-se a entregá-lo ao rei Afonso; entregam-no e consagram-lho para sempre, como próprio. Recebe-o este de
270 bom grado e com mão amiga o acaricia: alegre por tê-lo estreitado
contra o peito, o príncipe prudente⁵⁴ coloca-o à frente dos seus nobres
súbditos, tão grande era nele sabiamente⁵⁵ inato o valor, o encanto e a
275 beleza. Logo que o viu, admirando a sua subtileza divina, fez-lhe muitas
perguntas dignas de nota, acerca de assuntos importantes. Não procedeu a
criança como se tivesse um lustro apenas, mas como se fosse
mais velho do que Nestor⁵⁶, do que o Leontino⁵⁷, do que Sócrates.

⁵² A métrica exige que se escanda como breve a 4.^a sílaba do verso. O que deve ter acontecido é que no pensamento de Cataldo *qua* se ligou a *libamina*, tendo sido por isso considerado um neutro do plural, cuja grafia está, no entanto, errada. O autor terá escrito *qua* por influência de *libamina*.

⁵³ *Nec mora* é expressão correntemente usada por Virgílio. Cf., por ex.:
Nec mora; continuo uastis eum uiribus effert
(*Aen.* v. 368)

⁵⁴ D. Afonso V.

⁵⁵ O poeta latino Marcial usou o advérbio *sōphōs* (= gr. σοφῶς) como exclamação tradutora de aplauso:

Mereatur alius grande et insanum sophos...

(*Mart.* 1, 49, 37)

e

Quidlibet in causa narraueris, ipse tacebo:
at tibi tergeminum mugiet ille sophos.

(*Mart.* 3, 46, 8)

⁵⁶ É conhecido este herói lendário da época homérica.

O autor da *Iliada* e da *Odisseia* fez dele uma figura distinta pela sua eloquência, pela sabedoria, pela prudência dos seus conselhos, pela veneração que inspirava. Foi assim que o seu nome se tornou sinónimo de «conselheiro», aplicado a um

- Inde colunt stupidi uenerantius, utpote lapsum.
 280 Cardine suppremo sidereoque polo.
 Interea crescebat honos crescentibus annis,
 Et socium rerum participemque facit.
 Non minus ac regi, reginae * charus adibat. *
 Esset opus * quoduis *, munus et officium
 285 Aetas * parua nimis non dat grauioribus uti
 Ipsa licet ueniat grandibus apta nimis.
 Vtque puer camerae * cameram seruabat et aulam;
 Voce hac apellant tale ministerium.
 Sed postquam dominum rapuerunt fata potentem,
 290 Seruitium nati iure Ioannis init.
 Aequales * animis, aequales * paene * figuris,
 Aetate * aequales *, ingeniisque pares.
 Quem ueluti fratrem dominus seruabat alumnum,
 Villo nec poterat quo sine stare loco.
 295 In laetis * secum ducens, et rebus acerbis,
 Credebat certa corda tenenda fide.
 Praeter * multa uiri sapientis ad ardua stantis,
 Auratis res est una linenda notis.
 In ludis Aeburae * quondam festisque diebus,
 300 Qualia sunt nullis cognita temporibus,
 Centum primates induti uestibus aureis,
 Siue equites ierint, seu pedites steterint,
 Incedens inter turbis mirantibus omnes
 Iste uidebatur delius alter eques,
 305 Vt sol in medio stellis rutilantibus ardet,

283 * regine * adibat
 284 * opus: * quoduis
 285 * Etas
 287 * camere
 291 * Equales * equales * pene
 292 * Etate * equales
 295 * letis
 297 * Preter
 299 * ebure

Desde então, maravilhados, o veneram tão respeitosamente, como
280 se ele tivesse caído das alturas do Céu ou do sidéreo polo.

Entretanto cresciam as honras com o crescer dos anos e [o rei]
fá-lo companheiro e participante dos seus negócios. E assim prosseguia,
não menos querido da rainha do que do rei.

285 Fosse qual fosse o trabalho, a ocupação e o dever, a idade
muito limitada não lhe permite ⁵⁸ desempenhar funções mais elevadas,
ainda que seja apta aos mais altos cargos. E, como moço de câmara,
da câmara se ocupava e do palácio — é por aquele termo que designam
tal função.

Porém, depois que os destinos arrebataram o poderoso senhor,
290 entra ao serviço de D. João, seu filho legítimo. Iguais no espírito,
semelhantes na aparência, iguais na idade, iguais no talento, o senhor
considerava como irmão este seu súbdito, e sem ele não podia estar em
295 parte alguma; tendo-o a seu lado na alegria e na dor, acreditava
que os corações devem manter-se unidos por segura fidelidade.

Além de muitos outros casos do varão sapiente que se ergue para
as alturas, há um assunto que deve ser assinalado a letras de ouro:
outrora, nos jogos de Évora e nos dias festivos, como não foram
300 conhecidos outros semelhantes em tempo algum ⁵⁹ — cem nobres principais
trajavam vestidos de ouro, quer fossem como cavaleiros, quer se apresen-
tassem como peões —, caminhando entre todos, perante o assombro das
305 turbas, ele parecia um outro cavaleiro délio ⁶⁰, como o sol que resplan-
dece no meio das estrelas rutilantes e com cujo fulgor mais se ofusca o

homem idoso e rico em experiência, prudente e comedido em suas atitudes, da
mesma forma que o do bíblico rei Salomão se tornou sinónimo de «homem
perspicaz» e o do velho Catão passou a evocar um homem austero.

E vem isto a propósito de um hábito de Cataldo, para quem se tornou lugar
comum aplicar estas designações aos seus jovens discípulos.

Dirigindo-se ao conde de Alcoutim, numa carta inserta no 2.º volume, o huma-
nista escreveu:

Tu Salomon es. Quod tu non discernes, nullus Cato discernet.

(*Cataldi Epistolarum... Secunda Pars, E vj*).

⁵⁷ Refere-se a Górgias, orador, filósofo e mestre de eloquência, designado
Leontino por ser oriundo de uma colónia jónica chamada Λεοντῖνοι, hoje Lentini.

⁵⁸ *non dat rege graviolibus uti.*

⁵⁹ Cf. com informação fornecida por RUY DE PINA, *Croniqua delrey
Dom Joham II*, pág. 116:

«e as festas foram em tudo tam ricas, e tam Reaaes, que ja sempre
em Espanha serem lembradas por soos, e sem comparaçam».

⁶⁰ D. Martinho é equiparado a Apolo.

Quo fulgente magis sidera clara latent.
Quin etiam externus si quis non nosset alumnum,
Nec regem, hunc regem diceret, haud alium.
Hastarum in ludis, quos hastiludia dicunt,
310 Se tale tanto pectore gessit eques,
Non gallus Vaoparga furens, accensus et ira,
Nec Siluera bonis frater uterque modis,
Non equites alii, non formosissimus unus
Barrectus, quo non clarior alter erat,
315 Se gessere pares; tunc tunc rarissima uirtus
Emicuit, timet hunc hostis et ipse probat
Moestior aduersis *. Nec eo lugubrior alter,
Alphonsi ut patuit principis interitu,

317 * aduersas

brilho dos astros. E mesmo qualquer estrangeiro, se não conhecesse o rei nem o súbdito, di-lo-ia a ele o rei, e não outro ⁶¹.

310 Nos jogos de lanças, a que chamam torneios ⁶², de tal forma o cavaleiro se comportou com tão nobre valentia, que nem o francês Vaoparga ⁶³, enfurecido e inflamado com ira, nem os dois irmãos Silveiras ⁶⁴, de bons modos, nem outros cavaleiros, nem Barreto ⁶⁵,

⁶¹ Esta referência ao papel preponderante de D. Martinho nas festas realizadas em Évora por ocasião dos esponsais do príncipe D. Afonso tem fundamento histórico e encontra confirmação no testemunho dos cronistas. Por eles sabemos que D. João II, para que as festas fossem mais brilhantes, nomeou uma comissão de que o conde de Vila Nova era elemento primário. Além disso mencionam-no também entre os fidalgos que tomaram parte nas justas que então se celebraram.

(RUY DE PINA, *Croniqua delrey Dom Joham II*, págs. 111 e ss).

⁶² Cataldo designa por *hastiludium* os torneios que tiveram lugar por ocasião das festas celebradas em Évora quando do casamento do príncipe D. Afonso com D. Isabel.

«Hastiludium» é, diz Forcellini, «quod uulgo torneamentum uocant», e para este termo apresenta a seguinte definição:

«Torneamenta dicuntur quaedam nundinae, uel feriae, in quibus milites ex edicto conuenire solent, et audaciae temere congregari uel congregari».

⁶³ Foi um dos estrangeiros que participaram nas festas em Évora.

Alguns nobres estrangeiros permaneceram em Portugal por essa altura, e uma carta de Cataldo fala-nos mesmo da preocupação que houve em deter cá um desses nobres para que assistisse às ditas celebrações e propagasse no seu país a sumptuosidade e brilho de que iam revestir-se. Alguns deles tomaram nelas parte activa, e dentre esses Garcia de Resende aponta um fidalgo francês, «Monseor de Veopargas» que supomos ser o mesmo a que se refere Cataldo.

Segundo o historiador há pouco mencionado, o dito fidalgo levava como cimeira uma cabeça de cabra e esta divisa:

Quien me tocare na quеста
Yo le rompere la testa.

(GARCIA DE RESENDE, *Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del Rey Dom Joam II*, cap. CXXVIII, págs. 180 e 183).

⁶⁴ Alusão a D. Francisco e D. Diogo da Silveira. Os nomes dos participantes nas «justas reais», encontram-se em D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo III, pág. 93-94. Vid. págs. 46-47.

⁶⁵ Refere-se a Rui Barreto, filho de Nuno Barreto, que foi alcaide-mor de Faro, vedor da Fazenda e senhor da Quarteira. (*História Genealógica*, tomo III, pág. 93; tomo XI, págs. 269 e 271).

Participou também nas justas realizadas por ocasião das bodas do casamento do príncipe Afonso, levando por cimeira um banco sem encosto e por divisa o seguinte:

Mas quiero morir tras el,
sus peligros esperando
que la muerte recelando.

(A. B. FREIRE, *Brasões*, III, pág. 144)

- In laetis * quantum pulcher, speciosus, et acer
 320 In luctu tantum tristis, amarus adest:
 Demissos animos, demissaque lumina praefert *
 Fulgentes habitus exuit ex humeris.
 Induit et locum lanato corpus amictu,
 A summo extremos uerticis usque pedes.
 325 Quo tamen inspecto turbis quaesita * procorum
 Oblita arsisset Penelopea uiri;
 Nec uestimento ualet immutare decorem,
 Veste sub hac maior fulget ab ore nitor.
 Lugubri facie dominum regemque Ioannem
 330 Vir prudens doctis mitigat alloquiis.
 Sint quamuis multi proceres regique propinqui,
 Qui fletu orbatum moestitiaque * leuent,
 Non magis ullius dolor intestinus ab aegro *
 Diuelli poterat pectore subsidiis,
 335 Quam placido aspectu Martini, et uoce benigna,
 Solus qui ferrum, marmora, mollit ebur.
 Non me fallit amor, quem paruo, rarus adiui
 Colloquio, nec spes unde paremus opes,
 Me fauor, et diui reficit clementia regis;
 340 Sumque senex uno principe laetus * hero.
 Sed quia peccassem contra legemque deumque
 Portugalensum dum pia gesta cano,
 Si non quae * uideo, tango, experiorque notassem,
 Digna notis longa posteritate meis,
 345 Neue quis ingrati gratum me nomine posset
 Carpere quo morbo me procul esse iuuat.
 Eripuit crudo leto mortique tremendae *.
 Clade gigantea quid miserabilius?
 Terrarum multum nos perlustrasse fatemur.
 350 Tot nouisse homines multimodosque uiros.

-
- 319 * letis
 321 * prefert
 325 * quesita
 332 * moesticiaque
 333 * egro
 340 * letus
 343 * que
 347 * tremende

315 formoso e de todos o mais belô, se comportou igualmente. Então,
então é que brilhou o seu extraordinário valor; teme-o o inimigo e
ele próprio se revela de muito mau agoiro para os adversários. Nenhum
outro se manifestou mais triste quando o sofrimento o tocou com a
320 morte do príncipe Afonso ⁶⁶. Tanto é prazenteiro na alegria, elegante
e vivo de espirito, quanto no luto é triste e amargurado: apresenta-se
de ânimo caído e de olhar baixo, despe dos ombros os trajos resplan-
decentes e cobre o corpo inteiro, do alto da cabeça à ponta dos pés,
325 com um manto de lã. E se, apesar de tudo, o visse Penépole,
assediada por uma multidão de pretendentes, esquecida do marido, dele
se teria enamorado. Nem com este trajo consegue alterar a graça,
mas, sob esta veste, maior brilho fulge do seu rosto.

330 De semblante constrangido, como homem prudente, conforta com
falas doudas o seu senhor e rei D. João. E sejam embora muitos
os magnates e parentes do monarca a aliviar, com o seu pranto e dor,
o pai privado de seu filho, a dor íntima não podia ser-lhe arrancada
do triste peito com a ajuda de alguém senão com o rosto sereno de
335 Martinho, e sua voz benigna, pois só ele abranda o ferro, a pedra e o
marfim.

Não me atraiçoa a afeição de quem, poucas vezes ⁶⁷ e em breve con-
versa, eu encontrei, nem a esperança de nele obter benesses, porque me
340 sustenta e me alenta a clemência do divino rei. Sou um velho contente
com um só príncipe por seu único amo ⁶⁸. Mas teria pecado contra a lei
de Deus, se, ao contar os piedosos feitos dos portugueses, eu não assi-
nalasse em minhas notas o que vejo, toco e experimento, digno de
345 uma longa posteridade. Nem ainda alguém, grato como sou, me poderá
censurar, acusando-me de ingratidão, doença de que me apraz estar
bem distante. Foi ele quem me arrebatou de cruel esquecimento e
tremenda morte. E que há de mais terrível do que a desventura dos
gigantes ⁶⁹? Confessemos que percorri grande parte do mundo, que

⁶⁶ A morte do filho de D. João II ocorreu em 12 de Julho de 1491.

(GARCIA DE RESENDE, *op. cit.*, cap. CXXXII, pág. 193).

⁶⁷ Deduz-se destas palavras que Cataldo tinha com D. Martinho pouca familiaridade. Porém, no final do poema, afirma dever-lhe reconhecimento por muitos benefícios dele recebidos (vv. 645-6).

⁶⁸ Vid. A. COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pág. 59-60.

⁶⁹ O autor interpreta a revolta dos gigantes contra os deuses como prova de tremenda ingratidão, e considera a sua desgraça—isto é, o facto de, vencidos, terem sido precipitados no Tártaro ou, segundo quer outra versão da lenda, enterrados sob o Etna—como terrível castigo por essa ingratidão.

- At mihi qui uultu incessu grauitate lepore,
 Notorum magis hoc nemo placeret erat.
 Nunquid adulamur? Nunquid mentimur? Utrumque
 Quantum exhorremus testificare potes.
- 355 Si sum peccator non sum tamen omnia mendax.
 Qui quae * hominum iurent milia mille dabo.
 Iurabunt nulloque metu quae * scripsimus ipsi
 Constantes testes ueridicique ferent.
 Nemo tam sancta uita est, ut murmura linguae *
- 360 Interdum uitet effugiatque malae *;
 Dempitis, triginta sunt anni paene * duobus
 Quo nos hac patria continuique sumus;
 Audenter iurare queam, sine labe miselli
 Periuri, et prauis sacrilegisque nota,
- 365 Quotquot ego audiui scitans arcana maligne
 Facta ne sint huius qualia fama tonat;
 Maiorem fama rem, famam reque minorem,
 Cunctorum * unanimem comperimusque sonum.
 Haec * bona Gangeis opibus meliora putamus,
- 370 Et meliora, quibus defluit Hermus, aquis.
 Quin pretiosa * magis gemmis, quas possidet Indus,
 Quicquid et in conchis nascitur assyriis.
 Illa diu durant, sed habent mortalia finem;
 Iudicii saltem sunt peritura die.
- 375 Haec * aeterna * Dei bona sunt; aeterna * uigebunt
 Iuncta Deo, quamuis machina tota ruat. *
 Laxandi causa curis animunque leuandi

-
- 356 * que
 357 * que
 359 * lingue
 360 * male
 361 * pene
 368 * cunctorum
 369 * Hec
 371 * preciosa
 375 * Hec * eterna * eterna
 376 * ruat

350 conheci tantos homens e homens tão diversos; para mim, contudo, nenhum existia, dentre os conhecidos, que mais me pudesse agradar, quer pelo aspecto, quer pela maneira de andar, pela ponderação e pela graça.

Estou, porventura, a adular? Acaso minto?

355 Podes certificar-te de quanto abomino uma e outra coisa. Se sou pecador, não sou, no entanto, de modo algum, mentiroso. Apresento mil milhares de homens que o jurem. Eles jurarão e, sem medo algum, como testemunhas firmes, confirmarão, sem cessar, o que escrevi.

360 Ninguém tem vida tão íntegra que algumas vezes fuja às murmurações e lhes escape. Há trinta anos, tirados quase dois⁷⁰, que permaneço, continuamente, nesta pátria; e ousarei confiadamente jurar, sem a acusação de miserável perjúrio e a nódoa de injustiça e sacrilégio, que tudo quanto eu ouvi narrar maldosamente, ao procurar conhecer segredos, não são actos deste, conforme a fama entoada. São menores as palavras do que o mérito, ficam as palavras aquém da realidade — sabemos ser a unânime voz de todos.

370 Tenho as qualidades por mais valiosas do que as riquezas do Ganges⁷¹, e por melhores do que as águas que o Hermo⁷² arrasta, mais preciosas ainda do que as pérolas que possui o Indo⁷³ e do que quanto nasce nas conchas assírias. São coisas que subsistem por muito tempo, mas, como mortais, têm um fim; hão-de perecer pelo menos, no dia do juízo. As qualidades são bens eternos de Deus e, a Deus unidas, eternamente hão-de florescer, ainda que o universo inteiro desabe em ruínas⁷⁴.

⁷⁰ Esta referência foi aproveitada para estabelecimento da cronologia de Cataldo pelo Dr. Luís de Matos no artigo «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo», in *A Cidade de Évora*, Vol. 35-36 (1954), págs. 3-13. Ver a «Introdução» deste livro, pág. 17.

⁷¹ O mais importante rio da Índia, cujas margens são ricas em várias produções. Na religião indiana é considerado rio sagrado, de acção purificadora.

⁷² Rio da Ásia Menor. Camões menciona-o em *Os Lusitadas*, VII, 11:

Não vedes que Pactolo e Hermo rios
Ambos vovvem auríferas areias?

⁷³ O rio mais caudaloso da Índia e historicamente muito notável.

⁷⁴ Reminiscências do pensamento horaciano. O mesmo conceito foi expresso no poema «Ad Leonem Summum de Diuina Censura et Verbo Humanato Liber Primus», (vv. 407-41), referindo-se o autor a Bernardino Carvajal.

- Hic semel ad Mugiae * uenerat oppidulum.
 Viuo fonte locus constat, riuoque perenni,
 380 Venanti regi propter apros placitus;
 Hac uespertinam transirem circiter horam
 Accidit, huncque puto non adiiisse nefas.
 Inueni multis comitatum ad fluminis oram
 Laetantem *, et secum natus uterque minor;
 385 Cumque salutassem, uultuque exceptus amico.
 Hoc ego de pueris blandior ore rogo:
 Anne sciunt aliquid? * Respondit: — plurima uana.
 Nescirent melius esset et utilius.
 Et saperet quicumque pater, quem cura suorum
 390 Natorum stimulat, uerus et angit amor,
 Editus in lucem fari cum ceperit infans
 Vix intellectis pauca uerba sonis,
 De se, deque sua curaret tollere matre,
 Tutelae * alterius tradere et arbitrio.
 395 Quae * nostris adeo insedit sententia fibris,
 Euellant ullo tempora nulla malo.
 Diligimus natos nimium; nec scimus amare,
 Quodque malum est illis, credimus esse bonum;
 Dumque indulgemus, placide blandimur, amantes
 400 Armamus laqueos pestiferamque luem.
 O quot blanditiae * molles stultaeque * parentum! *
 Mulcentes natos, morte perenne necant.
 Vtiliorque nouerca suo, quam mater amica est;
 Illa odio prodest, haec * pietate nocet.
 405 Si peccat, mentitur amans peccata marito,
 Ne bene castiget pignora cara pater.
 Amphitryoniades odio Iunonis ad astra
 Euehitur, missus dum fera monstra * domat.

378 * mugie

384 * letantem

387 * aliquid:

394 * tutele

395 * Que

401 * blandicie * stulteque * parentum

404 * hec

408 * mostra

Para se distrair e aliviar a alma de cuidados, viera ele, certa vez, à vilazinha de Muge ⁷⁵. O lugar, grato ao Rei, quando vai à caça, por causa dos javalis, possui uma fonte viva e um rio perene.

380 Aconteceu que, ao cair da tarde, eu passasse por ali e considerei ofensa não ir ao seu encontro. Estava ele na companhia de vários, tendo consigo os dois filhos mais novos. E, tendo-o saudado, fui acolhido com rosto amigo e, de viva voz, eu lhe perguntei, com brandura, o seguinte, acerca dos meninos:

— Sabem, porventura, alguma coisa?

Ele respondeu:

390 — Muitas coisas sem valor. Seria melhor e mais útil que as ignorassem. E seria prudente todo o pai, que ⁷⁶, agrilhoado pelo cuidado dos filhos e angustiado por um verdadeiro amor, quando a criança, vinda ao mundo, começasse a balbuciar uns sons a custo inteligíveis, se preocupasse em afastá-la de si e de sua mãe e em entregá-la à tutela e arbítrio de outrem.

395 Esta opinião de tal forma se enraizou em nossa alma, que ⁷⁷ tempos alguns podem, sem prejuízo, arrancá-la: amamos os filhos em excesso; não sabemos amar; e o que para eles é mau, julgamos bom. E enquanto condescendemos e os afagamos com carinho, com o nosso amor lhes armamos laços e uma pernicioso destruição.

400 Oh! Quantas carícias moles e loucas dos pais! Ao afagarem os filhos, destroem-nos com morte perene. É mais útil a uma criança uma madrasta do que uma mãe amiga. Aquela é salutar com o seu ódio; esta é funesta com a sua compaixão. Se procede mal, ela oculta amorosamente os erros a seu marido, para que o pai não castigue com dureza o seu querido tesouro. O filho de Anfitrião ⁷⁸ é elevado às alturas pelo ódio de Juno, quando, enviado, em missão, doma os feros monstros ⁷⁹.

⁷⁵ Muge, em tempos antigos Muja, é uma pequena vila pertencente ao distrito de Santarém, a pouca distância de Salvaterra, concelho de que faz parte. Fica situada na margem esquerda do rio Muge, afluente do Tejo.

⁷⁶ Et saperet quicumque pater ... curaret.

⁷⁷ Omissão de *ut*.

⁷⁸ Hércules, célebre herói da mitologia, tendo incorrido no ódio de Juno em virtude do seu nascimento, é um dia levado a matar os próprios filhos, em estado de loucura, provocado pela mãe dos deuses.

Ao reconhecer o tremendo crime que tinha praticado, condenou-se ao desterro, colocando-se, por indicação do oráculo, ao serviço de Euristeu. E foi por ordem deste que Hércules levou a cabo os doze trabalhos que o imortalizaram.

⁷⁹ Cataldo escreveu *mostra* (cf. nota 4).

- Dum tener est, reprende tuum, * pater optime; * natum;
 410 Principio monitis, post modo uerberibus.
 Ni tu castiges, rex castigabit ad unguem,
 Carcere, fuste, bonis, morte, uel exilio.
 Nec si percuties uirga scuticaue peribit,
 Percutiendo malis omnibus eripies.
 415 Mollita figulus confingit uascula creta,
 Quae * si duruerit, fingere uasa nequit.
 Ceraque tunc poterit signari certa sigillo,
 Cum tractata parum redditur uda manu.
 Vitis, et omnis item teneris radicibus arbor,
 420 Flectitur in gyrum quem uelit agricola,
 Siue uelit sursum deducere, siue deorsum,
 Seu pars dextra trahat, siue sinistra trahat.
 Quod si opportuno cessabis tempore, franges, *
 Succides, nec adhuc ad tua uota trahes.
 425 Terribilis puero paret mira arte molossus,
 Sit uerbis doctus uerberibusque tener.
 Denique nullum animal terrenum, siue marinum,
 Doctrinam quod non quoque docente legat.
 Sunt duo, quae * nunquam mansuescunt arte uel usu
 430 Imbecilla licet, illa tenella domes.
 Furiculus mus est, et hirundo domestica nusquam,
 Cetera homo domitor mitia bruta facit.
 Si natura mihi natos aliquando dedisset,
 Insimul innumeras accumulasset opes
 435 Nec plures uno, qui sit successor et heres,
 Indolis eximiae * corporis eximii,
 A quarto octauum cum quid peccaret ad annum,
 Parte capillacerum, parte darem colaphos.
 Hinc quartum ad decimum ferula clunemque flagello
 440 Torquerem horrendis ore fremente minis
 A quarto decimo ad uiginti saeuior * unum,

409 * tuum * optime

416 * que

423 * franges succides

429 * que

436 * eximie

441 * seuior

Enquanto é criança, repreende, ó pai excelente, o teu filho; de
410 início com advertências, logo depois com castigos. Se o não castigares
tu, castigá-lo-á exemplarmente o rei com o cárcere, o chicote, a confis-
cação dos bens, a morte ou o exílio. E mesmo que lhe batas com
um pau ou com um azorrague, ele não morrerá e, batendo, arranca-lo
415 a todos os vícios. O oleiro modela os vasinhos com o barro amolecido;
porém, se ele endurecer, não é capaz de os modelar. E a cera
poderá ser marcada com precisão pelo selo quando, um pouco amassada
com a mão, se torna maleável. A videira, e, do mesmo modo, toda a
420 árvore de tenras raízes, se verga na forma, quer o lavrador queira enca-
minhá-la para cima ou para baixo, quer a puxe para a direita, quer
para a esquerda. Ora, se no tempo oportuno tiveres sido indolente,
ainda que a quebres, a cortes, nem assim tu hás-de conseguir o teu
intento.

425 O terrível molosso obedece com arte admirável a um menino, desde
que tenha sido educado com palavras e tornado manso com açoites.

Finalmente, não existe animal algum, seja terrestre ou marinho,
que não receba o ensino, se alguém lho ministrar. Há dois
que nunca se tornam mansos nem pela habilidade nem pelo exercício,
430 ainda que fracos e mesmo que tentes domá-los em pequenos: o rato,
um tanto ladrão, e a andorinha, em parte alguma doméstica. Os restantes
animais domestica-os o domador.

Se um dia a natureza me tivesse concedido filhos ⁸⁰ e acumulado
435 riquezas sem número, e eu não tivesse mais do que um, que fosse sucessor
e herdeiro — perfeito de índole, perfeito de corpo —, quando ele come-
tesse algum erro, dos quatro aos oito anos, ora lhe daria sopapos, ora
bofetadas. De então aos catorze, bater-lhe-ia com uma palmatória,
440 fustigar-lhe-ia as nádegas com um chicote, enquanto a boca em fúria
lançava horrendas ameaças. Dos catorze aos vinte e um, seria mais

⁸⁰ Segundo a opinião do Sr. Prof. Doutor AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, págs. 52-53, Cataldo parece ter sido pai de uma filha que deixara na Sicília.

- Taurino errantem tergo corripere.
- Quaquam si prima teneraque aetate * monerem,
Subiecto ut catulo non opus ista pati.
- 445 Vtque meos oculos reliquis seruare studerem
Sanguine productum uisceribusque meis.
Haec * homini grauior peiorque aetatibus * aetas *,
Curantis maius postulat auxilium,
Non homo, non puer est, quicumque existit in illa;
- 450 Non metus ut puero, non pudor utque uiro.
Et quae * plus aliis nocet infernalis erinnys.
Ridet achilleos hectoriosque ferox.
Deque decem nullum complet, si singula penses;
Quae * septem seruat? Traditane an uetita?
- 455 Tempore quo Domino scelera, et peccata fatemur,
Sponte sacerdotem nunquid adultus adit?
Inuitus trahitur cogente pudore metuque,
Scit demon sua si proferat acta Deo.
Ni uirtute Dei adiuti uenientibus annis
- 460 Emendaremur turpibus in melius, *
In caecum * rueremus iter, barathrumque profundum,
Vnde esset reditum nulla datura dies.
Verum erit hic illo ingenii melioris et ille
Natura excellet hunc meliore puer.
- 465 An doctrina Dei uana est? An dogmata falsum
Sanctorum exemplis admonere Patrum?
Corde patrem matremque tuum uenerabere, * fili, *
Longaeus * terram si super esse uelis.
Maiorem nullum retinet patre natus amicum, *
- 470 Nil poterit nato peius habere pater.
Et quanto melius quantoque benignius urget, *

443 * etate

447 * hec * etatibus * etas

451 * que

454 * Que

460 * melius

461 * cecum

467 * uenerabere * fili

468 * Longaeus

469 * amicum Nil

471 * urget Admonet

rigoroso: quando ele errasse, eu havia de castigá-lo com um azorrague de couro. Porém, se desde a primeira e mais tenra idade eu o tivesse advertido, não lhe seria necessário a ele, submisso que nem um cãozinho, tudo isto sofrer. E em outras circunstâncias, esforçar-me-ia por guardar,
445 como a meus olhos, quem era o fruto do meu sangue e das minhas entranhas.

Esta é a pior idade do homem e a mais grave, e exige do educador maior auxílio. Todo aquele que nela se encontra não é homem nem
450 é criança; não tem, como a criança, medo, nem como o adulto, vergonha ⁸¹. Esta fúria infernal é mais nociva do que as outras e, ferozmente, ri-se dos Aquiles e Heitores. Dos dez ⁸², não cumpre nenhum, se um a um os examinares. E dos sete ⁸³ quais observa? Os ensinados ou os proibidos?

455 No tempo em que ao Senhor confessamos crimes e faltas, abeira-se acaso o adulto, espontaneamente, do sacerdote? É arrastado de má vontade, forçado pela vergonha e pelo medo e sabe o demónio se ele revela a Deus as suas culpas.

460 Se, ajudados pelo poder de Deus, com o desenrolar dos anos, não nos emendássemos para melhor, das nossas faltas vergonhosas, precipitar-nos-íamos em beco sem saída e no báratro profundo, de onde dia algum nos daria o retorno.

Todavia, será uma criança de índole superior à outra, e aquela superará esta por uma melhor natureza.

465 É vã, porventura, a doutrina de Deus? Acaso falsamente os preceitos dos Santos Padres nos aconselham com exemplos?

Em teu coração, filho, honrarás teu pai e tua mãe, se desejares ter longevidade sobre a terra.

470 Não possui o filho melhor amigo do que o pai, nem poderá o pai ter nada pior do que o filho. E quanto melhor e mais benignamente o repreende, tanto mais a velhice de cabelos brancos lhe desperta ódio.

⁸¹ Esta mesma ideia é traduzida em prosa numa carta escrita pelo humanista a D. Manuel, pedindo-lhe que castigue os criados de D. João Manuel:

Nulla aetas homini periculosior adolescentia. Praesertim decem et octo aut uiginti annorum, qui huius sunt aetatis nec pueri sunt neque homines. Pueri non sunt, quia metum ut pueri non habent. Non sunt homines quia uerecundiam ut homines non curant.

(*Epistolarum Secunda Pars*, A ij v^o-A iij)

⁸² Os dez mandamentos da lei de Deus.

⁸³ Os sete pecados capitais e as virtudes opostas.

- Admonet hoc odio cana senecta magis.
 Et si diuitiis genitor bonus affluat, * optat
 Ingratus mortem uel mala fata, * necem.
- 475 Interdum sano insipiens aconita parenti
 Praeparat * ante suo pellat ab ore diem.
 Heu! * heu! * Quanta tuae * seuit uesania mentis.
 Cur obseruandi es cur homicida patris?
 Non homicida patris solum insidiator opertus, *
- 480 Proditor et miserae * seruus auaritiae. *
 Noui ego complures, monitus odisse paternos *
 Atque optasse pium iam sepelire patrem,
 Ante mali iuuenes atrum subiere sepulchrum,
 Illorum heredes associasse patres.
- 485 De notis dignum reserabo annalibus unum,
 Quem iuuenum discat turba maligna sequi.
 Cuius erat diuesque senex, quem nouimus urbe
 Felsinea, nobis iunctus amicitia. *
- Natus Alexander quarundam captus amore
 490 Huic erat, et patrias plus patre amabat opes;
 Nomine Bernardus genitor Gozadinus alebat
 Natum peiorem nescius angue sinu.
 Cumque aliquod pheretro corpus ferretur humandum
 Suspirans, oculos moestus ad astra leuat.

-
- 473 * affluat
 474 * fata necem
 476 * Praeparat
 477 * Heu * heu * tue
 479 * opertus
 480 * miserae * auaricie
 481 * paternos.
 488 * amicitia

475 E se o bom pai abunda em riquezas, o ingrato deseja-lhe a morte, os
maus destinos, a destruição violenta. Às vezes o insensato prepara
venenos ao pai saudável, para ⁸⁴ o afastar da sua frente antes do dia ⁸⁵
da sua morte.

480 Oh! Oh! Quanto a loucura da tua mente se exaltou! Porque
és, porquê, homicida de teu pai, a quem deves respeito? Não apenas
homicida, mas conspirador oculto, traidor e escravo de mesquinha
ambição.

485 Conheço que muitos odeiam os conselhos paternos e que dese-
jaram, antecipadamente, sepultar o piedoso pai; antes, porém, desceram
esses jovens perversos ao tenebroso sepulcro e associaram, como
herdeiros, os pais. Dentre os conhecidos, eu revelarei um, digno dos
anais, para que a maligna turba dos jovens aprenda a segui-lo.

490 Era um cidadão rico e idoso, que conhecemos na cidade de
Felsina ⁸⁶, a nós unido pela amizade. Tinha um filho, Alexandre,
tomado de amores por algumas mulheres, e que amava, mais do que
ao progenitor, as riquezas paternas. Seu pai, de nome Bernardo Goza-
dino ⁸⁷, no seu seio alimentava, desconhecendo-o, um filho pior que a
serpente ⁸⁸. E sendo certo morto levado a sepultar num ataúde, ele,

⁸⁴ Construção paratáctica; a conjunção final foi, uma vez mais, omitida.

⁸⁵ Cf. Ovídio, *Metamorphoses* I, 148.

⁸⁶ Nome antigo da cidade de Bolonha.

⁸⁷ A *Enciclopedia Italiana* refere a existência, em Bolonha, de uma família de apelido Gozzadini, de que as primeiras notícias remontam ao séc. XII.

De origem modesta, possuiu esta família senhores de muito valor, tendo alguns deles tomado parte no governo da cidade. Bastante ramificada em Bolonha, tornou-se sobremaneira poderosa no início do séc. XV. Por esta altura dela faziam parte, segundo a mesma enciclopédia, personagens de relevo no campo de acção como no do saber: jurisperitos, magistrados e professores. E é possível que o amigo de Cataldo pertencesse a esta última classe.

No primeiro volume das *Epistolas* de Cataldo foi inserida uma carta (E iiij) dirigida a um Alexander Gozadinus a quem o humanista pede que seja portador do seu testemunho de amizade para com o jurisperito Bulgarino de Siena. E, numa outra carta, esta escrita a Bessáron Malvezzi (1.º vol., F ij vº) encontra-se nova referência:

«...Ego, mi Bessario, quotidie ad Gozadinum litteras mittebam, et ille item rescribat ad me quotidie».

⁸⁸ *Peiorem angue sinu* é uma expressão proverbial, cujo sentido tem origem numa fábula de Fedro. Intitula-se «Serpens misericordiae nociva» (IV, 20), e fala da serpente que, inerte e transida de frio, foi encontrada por um homem que a agasalhou no seu próprio seio, e que ela, uma vez reanimada, matou.

- 495 Nec quid erat sensi, credens hoc funere motum
 Vt decet alterius ingemuisse malo.
 Exequiis aliis gemitus iterabat ab imo
 Corde graues; rogo * «quid sic, * Gozadine, * gemis»? *
- 500 An consanguineus? Vel amicus? Proh dolor, omnes
 Ille senex nunquam, iam moriuntur ait.
 «Hem quid ais? Miserande caue; ni poeniteat te
 Ipse prius perges, quo cupis ire patrem».
 Illinc ad mensem * furiis comitantibus idem
 Raptus Alexander ad nigra busta uenit.
- 505 Ingenti genitor plorabat uoce superstes.
 «Me miserum, quo nunc, * nate, cadauer * abis»?
 Ad fletum multos clamans cogebat amarum. *
 Ridebam mecum conscius artificii.
 Nasellus claudus, caecus * Mauricius exit,
- 510 Aspera uerba patri dixit uterque suo.
 Nonne Patri et Matri Iesus tam subditus ibat,
 Quanuis nutritor, non pater ille foret? *
 Innumerabilibus puerorum auctoribus * aures
 Nec minus exemplis caedere * cesso nouis.
- 515 Qui bene moratus, subiectus utrique parenti,
 Et nunquam iratus filius exstiterit, *
 Viuet honoratus, uita ditissimus ista,
 Hinc quem migrantem uita beata manet.
 Illuc, unde modo iusta ratione recessi,
- 520 Vrgente hac ipsa nostra Thalia redit.
 Martinus uoluit regis post fata Ioannis
 Linquere regalem regificumque statum, *
 Moreque socratico reliquum traducere uitae *
 Rure aliquo, superi quam sibi cunque darent,

498 * rogo * sic * Gozadine * gemis

503 * mensem

506 * nunc nate cadauer abis?

507 * amarum:

509 * cecus

512 * foret

513 * auctoribus

514 * cedere

516 * extiterit:

522 * statum

523 * uite

495 pesaroso, ergue os olhos ao céu. Eu, não compreendendo o que se passava ⁸⁹, acreditei que ele estava comovido com este funeral, visto que fica bem sofrer com o infortúnio alheio. Em alheias exéquias, repetia, do fundo do coração, pesados gemidos. Pergunto eu: — «Gozadino, porque gemes tu dessa maneira? Ele é teu parente? Ou amigo, porventura?»

500 «Ó coisa triste», diz, «todos deixam de viver, só aquele velho nunca mais [morre]».

«Hum! Que dizes tu? Tem cuidado, desgraçado! Se não te arrependes, tu mesmo irás para onde desejas que vá o teu pai».

505 Um mês depois, partiu o próprio Alexandre, na companhia das Fúrias, para o tenebroso sepulcro. O pai, que lhe sobreviveu, chorava com grande clamor: «Infeliz que eu sou... Para onde vais agora, morto, ó meu filho»? E, gritando, arrastava os outros a amargo pranto. Ria-me eu comigo, sabedor do que se passara.

510 Naselo saiu coxo, Maurício ⁹⁰ cego; um e outro dirigiram a seu pai palavras ásperas. Não era Jesus, porventura, tão submisso a seu Pai e a sua Mãe, embora fosse aquele pai adoptivo e não pai?

515 Não desisto de martelar aos ouvidos dos rapazes com inúmeros autores e não menos com novos exemplos. Aquele que tiver bons costumes, e for obediente a seus pais, e nunca se manifestar como filho enfurecido, viverá honrado, será muito rico neste mundo e, ao partir daqui, guarda-o uma vida feliz.

520 De onde há pouco, por justa razão, me afastei, aí mesmo, por força da mesma razão, a nossa Talia vai regressar.

525 Após a morte do rei D. João, quis Martinho abandonar o seu régio e real estado e, à maneira socrática, passar em algum campo o resto da vida, longa ou breve, que os deuses súperos lhe concedessem. Essa vida não podia ser-lhe concedida por tanto tempo, que, considerados os méritos de quem a vivia, não fosse breve. Sossegados ócios preservariam uma velhice alegre, ócios que aliviam o cansado peito, quando colhe o repouso. O rei Manuel, porém, o mais excelente dos seres vivos e

⁸⁹ Para que a métrica fosse correcta, a sintaxe ficou menos regular: a oração interrogativa indirecta tem como predicado uma forma verbal do modo indicativo, porque o conjuntivo possuía uma inicial longa que não convinha.

⁹⁰ Não conseguimos identificá-los.

- 525 Quae * non tam tribui potuisset longa merenti
 Viuentis meritis quin breuis illa foret.
 Tuta senectutem seruarent otia * laetam, *
 Pectora quae * capta fessa quiete leuant.
 Sed rex Emanuel uiuentum maximus, et quos
- 530 Humida marmoreo pondere terra tegit,
 Allexit blandis precibus, ui pene coegit,
 Regnorum ne sic deposuisset onus.
 Nouerat expertus totiens mirabile pectus,
 Et tanti ad quaeuis * ardua corda ducis.
- 535 Andinus, Venusinus item, Nasoque poetae *
 Atque alii tenuis oris et exigui,
 Tres illi in primis, qui iam meruere triumphos, *
 Vsque triumphantum uiuit imago trium,
 Uno uixerunt omnes sub principe, et uno
- 540 Tempore, nec pariter omnibus una quies. *
 Multa relimato scripsere uolumina uersu,
 Nullo florebut interitura situ;
 Fecissent multo maiora * et plura, quod esset
 Ingeniis tantis gratia tanta deum,
- 545 Illa uirum hunc eadem nostrum si saecula * tulissent;
 His tuba clara magis, buccina plena magis.
 Materiam nacti diuinam, diua dedissent
 In lucem, uero complacitura Deo.
 Tu quoque magnanime o comitum, uatum unice princeps,
- 550 Maxime dicendi quolibet in genere,
 Sume, * precor, * pennam, membranam, siue papyrum;
 Prome ex scriniolo diuite pauca tuo.
 Nanque ego deficio, seruo succede labanti,
 Arripe defessus quae * gerere arma nequit.

-
- 525 * Que
 527 * otia * letam
 528 * que
 534 * queuis
 535 * poete
 537 * Triumphos Vsque
 540 * quies:
 543 * maiora:
 545 * saecula
 551 * Sume * precor
 554 * que

530 daqueles que a húmida terra cobre com marmóreo peso, persuadiu-o com brandos rogos, quase o coagiu pela força, a que não abandonasse, daquele modo, o encargo dos reinos. Ele conhecia, por tantas vezes ter experimentado, o carácter admirável de tão nobre capitão, e a sua coragem capaz de sofrer o que quer que fosse.

535 O poeta Andino ⁹¹, também o Venusino ⁹² e Nasão ⁹³ e outros ainda, de inspiração débil e exígua, sobretudo aqueles três, que já alcançaram vitórias — e para sempre permanece a imagem dos três vitoriosos — viveram todos sob o poder de um único príncipe ⁹⁴, no mesmo período de tempo ⁹⁵, e não houve para todos igual quietação ⁹⁶. Compuseram muitos volumes, em verso duas vezes limado, que florescerão e nunca hão-de desaparecer em ruínas. Tê-los-iam feito muito maiores, muito mais numerosos, dado que, com talentos tão grandes, 540 tinham tão grande graça dos deuses, se esse mesmo século tivesse gerado este nosso ilustre varão. Teriam uma trombeta mais sonora, uma corneta mais plena. Se encontrassem uma matéria divina, teriam publicado cantos divinos, que agradariam a Deus verdadeiro.

550 Tu ⁹⁷ também, ó magnânimo príncipe dos condes, único dos vates, o maior, seja em que estilo for, toma, eu te suplico, a pena, o papel, o pergaminho ou o papiro, retira do cofrezinho rico umas poucas de coisas. É que eu vou parar; vem tu substituir o servo que desfalece, e toma as armas que ele, cansado, não pode empunhar.

555 Divulgue-se a virtude, a piedade, a prudência, os costumes, a santa fé com a religião verdadeira. E se for necessário manejar a lança ou a espada e revestir os ombros de horrífica couraça, acaso não surge 560 outro homem que a custo poderás reconhecer? ⁹⁸ Não regressa a não ser vencedor de junto do inimigo pacificado.

⁹¹ Virgílio, natural de Andes.

⁹² Horácio, natural de Venúsia.

⁹³ Ovídio.

⁹⁴ O imperador Octaviano César Augusto.

⁹⁵ Com o sentido de «ao mesmo tempo» a expressão latina *uno tempore* foi empregada por Cícero:

Vno tempore Agrigentini beneficium Africani...

(*Act. in Verr. sec.*, 4, 93)

⁹⁶ Alusão a Ovídio, a quem um decreto imperial surpreendeu inesperadamente no ano 8 p. c., exilando-o em Tomi, hoje Constança, no Mar Negro, onde veio a morrer.

⁹⁷ O autor dirige-se ao conde de Alcoutim.

⁹⁸ D. Martinho é enaltecido como guerreiro.

- 555 Vulgetur uirtus, pietas, prudentia, mores,
 Sanctaque cum uera religione fides.*
 Annon si sit opus tractare hastile, uel ense,*
 Thoracemque humeris induere horrificam,*
 Alter homo insurgit, quem uix agnoscere possis?*
- 560 Nec nisi pacato uictor ab hoste redit.
 Viuat in aeternum,* quem scribere cepimus aeuum; *
 Nil refert nostro carmineue alterius.
 Semper in hoc lato florescunt omnia campo:
 Rubra rosa ardescit, et simul alba nitet.
- 565 Tilia canescunt uiolis distincta decenter,
 Nec desunt fontes scaturientis aquae*
 Et fontes riuique fluunt amnesque, coloni
 Arua quibus,* pluuia deficiente,* rigent.
 Ora quibus satient et uiscera sicca canentes.*
- 570 Quo magis hinc biberint, hoc magis inde bibent.
 Tollitur educens fructum cum frondibus arbos,
 Et sterilis nulli cernitur agricolae*.
 Hunc age facunde o uates tot fructibus agrum,
 Nec minus insignem floribus ingredi
- 575 Ingressus uario pulchram de flore coronam
 Confice, confecta cingè recente caput.
 Cinge caput, tractaque manu, uel ponito nari,
 Tactu oculos satia, pectus odore reple.
 Mox ubi tam pulchro serto satiatu, acanthum
- 580 Fastidis uiolas, lilia amella, rosas,
 Fonte uel ex riuo nitidos asperge liquores,*
 Ne siccet Phoebus, longa uel aura dies.
 Romanam fratri poteris transmittere in urbem;
 Censores ibi sunt, pontificesque patres.

556 * fides Annon

557 * ense?

558 * horrificam?

559 * possis:

561 * eternum * euum

566 * aque

568 * quibus pluuia deficiente rigent

569 * canentes:

572 * agricole

581 * liquores

Viva para todo o sempre aquele de quem começamos a escrever, não importa se no nosso poema se no de outrem ⁹⁹.

565 Sempre neste vasto campo tudo está em flor: a rosa vermelha
abrsa-se em fogo, brilha, ao mesmo tempo, a rosa branca, as tílias
envelhecem graciosamente matizadas de violetas. Não faltam as
nascentes de águas copiosas, deslizam os rios, os ribeiros e os riachos,
570 para que os lavradores, quando a chuva falta, irriguem os seus campos,
para que saciem, ao cantar, os lábios e o corpo sequioso. E quanto
mais aqui beberem, tanto mais ainda hão-de beber.

Ergue-se ¹⁰⁰ a árvore frondosa, que produz fruto, mas lavrador
algum contempla a árvore estéril.

575 Vamos, facundo vate, penetra nesse campo tão cheio de frutos,
não menos insigne por suas flores. E depois tece uma grinalda bela,
de flores variegadas e, tecida, cinge a cabeça com essa coroa acabada
de compor. Cinge a cabeça e toca-a com a mão ou leva-a ao nariz, sacia,
ao seu contacto, os olhos, enche o peito do seu odor. Depois, quando,
580 saciado de tão formosa grinalda, te aborreceres do acanto, das violetas,
lírios roxos e das rosas, derrama as águas límpidas de alguma fonte ou
de algum ribeiro, para que as não seque Febo, ou o dia longo, ou
a brisa. E poderás enviá-la ao teu irmão ¹⁰¹, para a cidade de Roma.

⁹⁹ Tendo em vista a elisão do -e (*ue*) para lhe facilitar a escansão do verso, Cataldo antepôs a *alterius* aquela encíclica que, como tal, devia ficar-lhe posposta.

¹⁰⁰ Cf. Virg., *Ecl.*, I, 24-5:

Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes
quantum lenta solent inter uiburna cupressi.

¹⁰¹ D. João de Castelo Branco, que desempenhou funções diplomáticas em Roma durante o pontificado do papa Júlio II. Na igreja de Santo António dos Portugueses existe uma lápide a Eduardo de Meneses, filho do conde de Cantanhede, mandada colocar em 1508 pelo mesmo D. João de Castelo Branco.

Diz o seguinte:

Eduardus Menesius Petri comitis de Cantanhede
filius bonar. litterar. et iur. utriusque
consultus aequalib. charus in cunctos
liberalis qui dum magno patriae
omniumque ordin. desider. ab
suis expectatur Romae ob. Ioann.
castelbrancus Emanuelis Lusit.
Regis felicis ad Iul. II P. M.
orator amico suauiss. pos. vix.
an. XXXVIII. mens. X dies V.
ob. non. octob. MDVIII.

(Esta informação, bem como a inscrição transcrita, foi-nos fornecida pelo Senhor Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho).

- 585 Illic excipient miro laetamine * docti
Gestiet in cupido quisque tenere sinu;
Oscula mille dabunt, capitisque in uertice ponent,
Amplexam fixis naribus olfacient.
Post modo seruabunt, celeres et in aede * recondent,
590 Qua similes sacra sede locantur opes.
Idque minor natu flagranti corde Ioannes
Nulla curabit impediende mora.
Ultra bis denos Romae * cum uixerit annos,
Legatus quae * sunt Emanuelis agit,
595 Dignus fratre suo, suppremo dignus honore,
Cui meritum cingant pilea rubra caput.
Aut si non extra cupies educere regnum,
Seruandum in patriae * limite malueris,
Quattuor ex generis multa uirtute Ioanni
600 Offer, quem iuuenem florea sarta iuuant
Qui Rodoricus aui Sale cognomen adeptus,
Maior auo musis, nomineque alter auus
Quicquid erit, mediis hic amplectetur in ulnis,
Excipietque animo talia dona pari.
605 Cretus in Aonio nutritus monte, sororum
Lacte nouem, uenit ad loca nostra puer.
Formosum formosa decent, est coniuge dignus
Digna uiro coniunx, dignus utroque pater.
Nec primogenitus pharetrato natus amori,
610 Consaluus, multo natus ad arma magis,

585 * letamine
589 * ede
593 * Rome
594 * que
598 * patrie

585 Lá estão os censores e os padres pontífices. Ali os doutos a receberão
com muita alegria e desejará cada um estreitá-la contra o peito.
Dar-lhe-ão mil beijos e hão-de depô-la no alto da cabeça e, segurando-a
nos braços, aproximando as narinas, lhe aspirarão o perfume. Só nesse
590 momento a guardarão, indo, com rapidez, depô-la num templo; é nesse
lugar venerável que se conservam tais tesouros. Disso tratará o [irmão]
mais novo, João, de peito ardente, sem que delonga alguma o retarde,
uma vez que permanece em Roma há mais de vinte anos, como embaixa-
dor, ocupando-se dos interesses de D. Manuel.

595 Digno de seu irmão, digno da maior honra, oxalá um barrete
vermelho lhe cubra a cabeça merecedora.

Mas se não desejares que ela saia do reino, se preferires conservá-la
no limite da pátria, envia-a ao muito valoroso João ¹⁰², um dos quatro
600 genros, jovem a quem as coroas floridas deleitam; Rodrigues, que recebeu
de seu avô ¹⁰³ o cognome de Sá, nas Musas maior do que o avô, no
nome um outro avô. Como quer que seja, ele estreitará em seus
braços, e há-de acolher, de ânimo igual, tais presentes.

605 Nascido no monte Aónio ¹⁰⁴ e alimentado com o leite das nove
irmãs, vem, em criança, para a nossa região.

A quem é formoso convém o que é belo; ele é digno de sua esposa,
a esposa digna de seu marido; e o pai é digno de ambos.

610 Nem Gonçalo ¹⁰⁵, o primogénito, nascido para as setas do amor,
nascido muito mais para as armas, nem Francisco ¹⁰⁶, o do meio,

¹⁰² João Rodrigues (ou Roiz) de Sá de Meneses, que foi casado com D. Camila, filha do conde de Vila Nova de Portimão. Cfr. «Introdução» do presente livro, págs. 10-20.

Vide sobre ele A. COSTA RAMALHO, «A idade de João Rodrigues de Sá de Meneses», *Humanitas*, XXI-XXII (1969-70), págs. 414-416; Id., «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas*, XXIII-XXIV (1971-72), págs. 435-452, especialmente págs. 450-452; e M. B. SILVESTRE, *Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*.

¹⁰³ João Rodrigues de Sá, seu avô paterno.

¹⁰⁴ Nome antigo da Beócia, cujo rei foi Áon, e onde existia uma fonte, Aganipe, que, segundo a lenda, tinha a virtude de tornar poetas os que bebessem das suas águas.

¹⁰⁵ D. Gonçalo de Castelo Branco, o filho mais velho de D. Martinho. Vid. págs. 36-37.

¹⁰⁶ Segundo filho do conde de Vila Nova de Portimão, que foi senhor de Vila Nova de Portimão e serviu D. João III como camareiro-mor. (*História Genealógica*, XI, pág. 513).

Franciscus medius, minimusque aetate * Ioannes
 Dedignabuntur sumere laureolam.
 Sed de flore loqui mittamus, deque corona,
 Quae * fieri ex campo fertilior ualeat.
 615 Martinum celeri penna repetamus eundem,
 Narremus proprium quale sit officium:
 Hoc habet officium cum regibus omnibus heros,
 Audentis genitor quod Phaetontis habet.
 Quo sine nec mundus, nec gens existere posset,
 620 Armenta, aut uolucres, quadrupedumque greges.
 In chaos horrendum ruerent elementa, polique.
 Alter paene * coli debet honore deus.
 Pellit enim tenebras, et pulsa nocte reducit
 Lumen, et adducto tristia laeta * facit.
 625 Dat uim seminibus, cretis rebusque creandis,
 Aduentuque suo mortua uiuificat.
 Cui tanquam * regi radiantia sidera parent,
 Deque sui regis lumine lumen habent.
 Haec * habui, quae * nunc comitum pulcherrime princeps
 630 Mitto repentinis illepidisque sonis.
 Vnius ad summum iuro mea lumina mensis *
 Dimidium posui, dimidioue minus
 Festinabat herus, rex festinabat in urbem,
 Quilibet accinctu * hoc corripiebat iter.

611 * etate
 614 * Que
 622 * pene
 624 * leta
 627 * tanquan
 629 * Hec * que
 631 * mensis.
 634 * accintu

nem João ¹⁰⁷, o mais novo, desdenharão receber a coroa zinha de louros.

615 Entretanto, deixemos de falar de flores e da coroa que de um campo tão fértil pode fazer-se. Procuremos de novo o mesmo Martinho, e, com pena célere, contemos qual o seu mister próprio.

620 Com todos os reis, o herói tem aquela missão que desempenhou o pai do ousado Faetonte ¹⁰⁸. Sem ela, nem o mundo nem as gentes poderiam existir, os rebanhos ou as aves, nem as manadas de quadrúpedes. Os elementos e os céus desabariam em horrendo caos. Quase um outro deus, a ele deve ser prestado culto com honras. É que ele afasta as trevas e, desfeita a noite, traz a luz, cuja aparição torna alegres
625 as coisas tristes. Dá vigor às sementes, às coisas crescidas e às que não-de crescer. A sua chegada dá vida ao que jaz morto, e a ele, como a um rei, obedecem os astros radiantes, e a luz recebem da luz do seu senhor.

630 Eis o que eu tinha e agora, ó mais belo príncipe dos condes, te envio em sons improvisados e desgraçados ¹⁰⁹.

Empreguei até à conclusão, juro pelos meus olhos, metade de um só mês, ou menos de metade. Apressava-se o meu senhor, apres-

¹⁰⁷ D. João de Castelo Branco, filho terceiro de D. Martinho, foi governador do Algarve e conselheiro de Estado do rei D. Sebastião. (*História Genealógica*, XI, págs. 279-280).

¹⁰⁸ Faetonte, o ousado filho do Sol, manifestou um dia a seu pai o louco desejo de conduzir o seu carro. Porém os cavalos do Sol, estranhando a mão do condutor, ora se aproximaram por tal forma da terra que a abrasaram, ora se afastaram tanto que ela gelou. Para evitar males maiores, Zeus fulminou Faetonte que caiu num rio da Itália, hoje o rio Pó.

¹⁰⁹ Cataldo procura convencer o leitor de que o poema que está prestes a terminar foi um trabalho improvisado. Em outros passos dos seus escritos revela essa preocupação de fazer alarde da sua veia poética repentina, no que é pouco humanista e porventura pouco sincero. Com efeito, é bem conhecido o cuidado que os adeptos do Humanismo consagravam à forma, a preocupação que manifestavam em ler, reler e polir os seus trabalhos, de forma a que resultassem o mais possível perfeitos. E era essa a prática usual de Cataldo.

E talvez seja de admitir, como já disse alguém, que foi o exemplo do mestre que levou o conde de Alcoutim a escrever ao impressor Valentim Fernandes da Morávia, desculpando-se por tardar o envio das suas obras, que estavam «ainda muito toscas e não suficientemente limadas».

- 635 Quando remansurus candenti uere fuissem
 Sanctarenæ *, ante alias quæ * mihi grata placet,
 Quas ego debebam, nitebar soluere grates. *
 Hoc me plus aequo * sollicitabat opus.
 Gaudebam praesens praesenti * offerre libellum,
 640 Vt facie ad faciem munera parua darem
 Pinguis ager docet exemplo quid quisque sequatur,
 Quid pro collato debeat officio.
 Viginti modios uel plures reddit ob unum.
 Dantque parem accepto, aut arida prata nihil.
 645 Illi debemus modiorum milia centum;
 Prima mihi per quem sit reparata salus.
 Proque uno liber hic modio numeretur, arando
 Paulatim soluam debita mancipium.
 Nec quod nunc tacui Aluicti mirere baronem,
 650 Debueram ante omnes quem celebrare uiros.
 Est opere in quodam nostro cantatus ab ore,
 Quale uiri uirtus clara poposcit opus
 Effigies quantus sit perfectissima dicet.
 Multa celebrato cum Salomone gerit.
 655 A rege hinc missus, iam regia iussa facessit,
 Sciret Ulyxea si quid in urbe mali,
 Nec nisi rex magni momenti rebus auentem
 Quæ * sunt paucorum praeposuisse * studet.
 Interea incolumis tu cum patre, matre, domoque

636 * Sanctarene * que
 637 * grates:
 638 * equo
 639 * presens presenti
 658 * Que * preposuisse

sava-se o rei para a cidade¹¹⁰, com um séquito¹¹¹ qualquer¹¹², percorria rapidamente este caminho.

635 Uma vez que eu teria de permanecer durante a Primavera ardente em Santarém, que me agrada mais que as outras, este agradecimento, que eu devia, me esforçava por pagar. Por isso, este trabalho exigia de mim mais do que é justo. Comprazia-me em lhe entregar por mão
640 própria o livrinho, para, face a face, poder fazer-lhe esta pequena oferta.

Um campo fértil ensina, com o seu exemplo, o que cada um há-de seguir, aquilo que deve, em troca de um benefício que recebeu. Ele dá, por um, vinte ou mais moios. Os prados áridos produzem quanti-
645 dade igual à que receberam, ou mesmo nada. Eu devo-lhe cem mil moios, a ele, por quem me foi restituído o princípio da salvação. Seja este livro contado por um moio; arando, a pouco e pouco, como um escravo, eu hei-de solver a minha dívida.

650 Não te admires por ter eu omitido o barão de Alvito¹¹³, que tinha por dever celebrar antes de todos os homens. Ele foi, em certo trabalho¹¹⁴ cantado por minha boca; esse trabalho, qual pediu a virtude clara do varão, effigie perfeitíssima, dirá quão nobre é a sua grandeza.

655 Trata ele de muitos assuntos, juntamente com o célebre Salomão¹¹⁵. Daqui enviado pelo rei, com o fim de saber se algo de pernicioso havia na cidade de Lisboa, cumpriu, sem demora, as ordens régias. E outra coisa não deseja o monarca senão colocá-lo, a ele que de boamente procede, na vanguarda dos negócios de importância, que a poucos são confiados.

¹¹⁰ A leitura destes versos deixa-nos a impressão de uma passagem muito rápida por Santarém; os próprios termos empregados —*festinabat* e *accintu*—contêm em si a sugestão de pressa.

Pensamos que o autor se refere à viagem da Corte de regresso a Lisboa, cidade que havia abandonado em 1505, fugindo à peste que começava a espalhar-se. Esse regresso teve lugar em Fevereiro de 1511. (A. B. FREIRE, *Vida e Obra de Gil Vicente, «Trovador e Mestre da Balança»*, pág. 541).

¹¹¹ Baseando-se numa prática comum que conferia aos escritores a possibilidade de forjarem substantivos a partir do supino dos verbos, Cataldo empregou o substantivo *accintus* com o sentido de 'séquito', partindo do supino do verbo *accingo*.

¹¹² *Quilibet* é uma forma arcaica de ablativo.

¹¹³ D. Diogo Lobo. Vid. págs. 49-50.

¹¹⁴ Não conhecemos o trabalho a que se refere.

¹¹⁵ Efectivamente D. Diogo Lobo serviu o officio de vedor da Fazenda, juntamente com D. Martinho. (A. B. FREIRE, *Brasões*, III, 352-354).

- 660 Viue precor, serui sed memor usque tui
Si uero tetricae * claudam resecaere senectam
Distulerint, paucos praebuerintque * dies,
Spero refecturum quod libro deficit, asper
Quippe pedum uetuit ponere plura dolor.
665 Et dolor, et ratio, quam supra diximus, egit
Ne praesens * longe longius esset opus.
Sin sua raro bonis mites mihi stamina Parcae *
Assueta rumpent fata seuera manu
Insurgent alii maiora ad carmina uates,
670 Grandia qui grandi pectine plura canent.
Carnifices uis scire duos paulo ante notatos
Non propriis ambos significabo notis.
Qui recipit nummos, soluitque neophytus unus,
Quique senex sacras fonte recepit aquas
675 Alter qui regis data computat omnia alumnis
Imperium contra quem mediocre tenet.

661 * tetricae
662 * praebuerintque
666 * praesens
667 * Parcae

660 Entretanto vive em segurança, eu te suplico, com teu pai, tua
mãe e a tua casa, mas recorda sempre este teu servo. E se os destinos
tardarem a cortar a claudicante velhice e me concederem ainda alguns
665 dias, tenho a esperança de vir a completar o que falta neste livro, pois
que uma rude dor de pés me impede de compor mais. E a dor e o
motivo que acima expus fizeram com que a obra presente não fosse,
de longe, mais extensa. Mas se as Parcas, raramente ¹¹⁶ favoráveis
aos bons, se os destinos severos cortarem os seus fios com a costu-
mada mão ¹¹⁷, outros poetas hão-de erguer-se e com a sua lira inspirada
670 cantarão acções mais grandiosas.

Se desejas conhecer os dois algozes há pouco mencionados, não os
denunciarei por indicações próprias. Um é o cristão novo que recebe
e paga o dinheiro e que, já velho, recebeu na fonte as águas sagradas;
675 o outro é aquele que conta todos os benefícios concedidos pelo rei
aos seus súbditos e sobre o qual ele tem pouco poder ¹¹⁸. Estes dois

¹¹⁶ O poeta tomou a liberdade métrica de seguir com *rārō* a lei das pala-
vras iâmbicas.

Sin sua raro bonis mites mihi stamina Parcae

¹¹⁷ Cataldo considerou trissilábica a palavra *assueta*, contando o -u- como
consoante, segundo a prática corrente em Virgílio.

¹¹⁸ Os «ciclopes» que atormentaram o poeta siciliano são os «polifemos» que
menciona no v. 45. Julgamos, como dissemos já, que se trata de mais uma alusão
aos tesoureiros d'el-rei que se recusaram a pagar a Cataldo os vencimentos que
lhe eram devidos.

É conhecida a insistência com que o humanista se queixa, quer nos poemas,
quer nas epístolas, dos *exactores* e a forma como os vitupera pela falta de pron-
tidão nos seus pagamentos.

Em três cartas escritas ao conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses,
(*Epistolarum Prima Pars*, B iij vº-B iij, B iij, e C vj) o mestre italiano lamenta-se por
não poder estar junto do seu discípulo, e tal acontece, diz, porque um «carcereiro»
«mesquinho carrasco» e «malvado» o detém e não o liberta.

Na segunda epístola mencionada, Cataldo faz alusão a um tesoureiro do rei,
que o reteve consigo e continua ainda a retê-lo, ouvindo falar dos autores da
língua latina. E numa carta (I, B iij vº) enviada a D. João Manuel — «Cataldus
Ioanni Emmanueli, Primo Regis Cubiculario, S.» —, refere um cristão novo que dele
ouviu lições acerca de Ovidio e Plauto e negou depois a paga devida: «Tu homo

Hi duo cyclopes uatem torsere sicanum,
Dum quae * pro uictu rex dat, inane negant
In quos scripsissem satyras rabiosus acerbis,
680 Ni lusitano natus uterque solo
Quae * gens carminibus cantata est aurea nostris,
Non secus ac tellus concelebrata uiget.
Nunc satis est animum moestis explesse camenis,
Laeta * dies ueniet, carmina laeta * canam.
685 Non mihi laeta * dies, multo tristissima currit,
Laetus * ago, dum sic concinuisse iuuat.
Quo sine te pacto laetus * modo uiuere quirem *
Cum procul aspectu cogar abesse tuo!
Si tamen ut quondam fruerer, feliciorem irem,
690 Calcarem pedibus regna superba meis.

678 * que
681 * Que
684 * Leta
685 * leta
686 * Letus
687 * letus * quirem?

ciclopes torturaram o vate siciliano, enquanto negam, como inexistente,
680 contra eles sátiras acerbas, se um e outro não tivessem nascido em solo lusitano.

Terá prestígio este povo de ouro, cantado em nossos poemas, bem como a sua terra, graças à celebridade que lhe dei.

Agora é suficiente ter satisfeito o meu espírito com as Musas tristes. Se vier um dia alegre, eu entoarei cantos alegres.

685 Não me corre alegre o dia, mas muitíssimo triste. Todavia, vivo feliz, enquanto assim me agrada cantar.

De que modo poderia eu agora viver contente sem ti, quando sou obrigado a estar longe da tua presença? Se, entretanto, dela gozasse
690 como outrora, eu iria feliz, calcaria a meus pés soberbos reinos.

pius bonum opus in me operatus es. Ille, autem, impius, balbus, phariseus qui Dei miseratione ad ueritatis iter conuertatur contra fecit».

Uma outra invectiva contra um cristão novo vem em *Poemata*, O vij vº.

Retoma as suas queixas contra um tesoureiro «que não quis degenerar dos seus» e que tenta iludi-lo com falsas promessas, em carta dirigida a D. João Manuel (*Epistolarum Prima Pars*, A vj vº):

«Verum exactor iste regius non uult a suis degenerare. Protrahit me in uanas spes, dat quotidie uerba. Quod benignissimus Caesar liberatissima donat, hic rugosa fronte denegat et minutatim me esurientem pappat».

E na «Conquestio» (*Provas*, VI, ii, pág. 180), Cataldo volta a fazer ouvir os seus lamentos contra a injustiça de que é vítima por parte dos almoxarifes do rei:

Aluarus ingentem Rodericus temporis huius,
Accepit partem dum negat hospitium.
Maiorem Herodes cepit, tantamque Pilatus,
Dum lacer oblatum nescio quid repeto.

(Página deixada propositadamente em branco)

FOTOCÓPIAS

(Página deixada propositadamente em branco)

Non locus aut fequies fugientibus vlla datur
 Concisas donec crypta tremenda capit.
Adversum has fartas nemo hoc prestantior vltor
 Vittitur: hic potis est sternere solus humi.
Marte suo quisquis septem contriuerit audens
 Angelus alatus et deus alter erit.
Istorum similis cum sit mortalis: in ipsis
 Teret: et excedit transgrediturq; modum.
Pauo: bufo: canis: testudo: vipera: porcus:
 Tarpyia: vna animas cor: pora diripiunt.
Qui sapit illa fugit: qui non sapit illa sequetur:
 Abstulant hominem singula: iuncta vorant.
Sunt tria de septem que possunt Ince potiri:
 Si commissa bono sint ea proposito.
Ad sobolem luxus generandam: ad honesta cupido
 Ad castigandos conuenit ira malos.
 Finis quinti

Quod comitem alco. liber verus
 Salomon martin^o inscript^o.

Magne comes: veterū soboles clarissima regum:
 Quinq; inter: matris et patris vnus amor:
 Separet iste licet nos caucasus arbore et arnis
 Cinctus: et attingens astra cacuminibus:
 Tu ego sancterene: tu villa degis auita:
 Accessumq; meum ianus byemaq; negant:
 Attamen hac poteris doctus cognoscere charta
 Que mala te hinc passus digrediente fui.
Multa aduersa tuli dum vitam ducimus istam:
 Contigit in terris: siue fuisse mari.
Ex quo presertim siculas dimisimus oras:
 Externo patriam postposuimq; solo:
Si numerem tempus: quod me disiunxit ab illa:
 Lustra bis hoc spatium quattuor esse reor:
Nalla tamen mentem penetrantia vulnera sensu
 Qualia nunc mens est nostra coacta pati
 Te presente mihi que lenia visa fuissent:
 Vel virtute tua reddita nulla forent:
Afforet aut lianoza soror cum ea sibylla:
 Pacasset vultu turpia mostra suo.
Septus in nostram veniebant carmina mentem:
 Que cecini tristi tristia bina die.

S ij

Q spes fallaces: o doctis tempus iniquum:
Dergitur in minimo naus bonnita lacu.
Qua re si qua tui remanet modo cura cataldi:
Et q̄ viri absentis (vt prius) ipse memor:
Ecce quo pacto fit sena a morte reductus:
Et solitus viuat corde calente vigor.
Virgo simul genitrix cunctis prelata deabus.
Et secunda choris dignior angelicis
Ingenij mihi fundat opes: mea pectora celi
Rore riget: versus vbera maior agam.
More poetarum scis me plerunq; vagari
Per fontes: hortos: flamina: perq; nemus.
Hec loca diuinis aprissima vatibus addunt
Calcar: et ingenium maius ad alta leuant.
Dum q̄ subintrassem siluam securus opacam
Naper: et intranti carminis esset amor:
Preparo me ad carmen calamo chartaq; canendū:
Eneruent pectus ocia nulla meum.
Letus eram (fateor) nullarum turbine rerum
Ad sacra me verto: dedoq; pieridum.
Ethiopes aberant: anto: petrusq;: simonq;
Non mecum plures his tribus ire solent.
Ecce duo grandi polyphemi corpore: quales
Pastores natum fabula nulla canit.
Audieram quosdam fama: fictosq; putabam:
Aspectu nec tam rebar adesse feros
Diriguere com: gelidum formidine pectus
Reditur: oppresso sanguine: membra micant
Terribiles visu: verbis: vultuq; minaci
Audaci obstantem corripuere manu.
Quid vultis: quid sic petitis tam pallidus inquam:
Castigat prauos rex deus emanuel.
Pene celer volui vagina educere cultrum:
De tuter. possem quo meliore modo.
Ingiuntq; manus auidas: primūq; crumenā
Pendētem a zona turpiter arripiunt.
Conspiciunt vento plenam: nūmīq; carentem:
Confractam temnunt reijciuntq; truces.
De q; ligant presum manibus: coguntq; fateri:
Dant nunc blandicias: nunc male dicta feri:
Non aurum: argentumq; fero: fero palladis artes:
Has capite exclamo: mittiteq; innocuum.

Falsum fama sonat: vix unquam prodigus auri
 Id seruare valet: vel retinere diu.
Diuicias semper spreui: musasq; secutus
 A puero mira sedulitate colo.
Quo magis hec clamo: magis hoc torquere laborant
 Non ars: non muse: non valere preces.
Dum sic in fontem diris cruciatibus vrgent:
 Turma equitum: peditum plurima turba venit.
Quorum aliqui proceres constanti pectore tédunt
 Nos in cyclopas intrepidiq; ruunt.
Laruceq; comes: quem crati voce priorum
 Portugalsi quisq; vocare solet:
Pace potens: armisq; potens Insigne parentum
 Narratur meritis exuperasse decus.
Sed nil proficiunt: gladius hastilibus instant:
 Feribus haud densis corpora vasta mouent.
Quos inter patruus veniens antonius ardens:
 Qui flectat placidis sacra corda modis:
In libycos totiens fortissimus exitit hostes
 Nos contra geminos debilis exit eques.
Magnus erat cum patre senex ignatius annos
 Uix septem natus: totus in ore pater.
Qua ve patrem poterat pugnantem voce iuuabat:
 Ulla nec etatem preter ca arma decent.
Dic mihi quo censes animo: qua mente cataldum
 Diue comes: dic quo corde fuisse tuum:
Menseq; me vinctum tenuere vel amplius vno:
 Frustra minutatim vilia edenda dabant.
Siccus eram: totus maciem mutatus in atram:
 Indam defunctum diceris aut arabem.
Arrosa v. re nouo folijs: ramoq; nitebat:
 Imbre euulsa solo: sole ve adusta iacet.
Squalenti solite nusq; pro corpore vires:
 Tantum viuacis robor a mentis erant.
Tum vero plorasse noui infortunia casus:
 Et poteras fato condoluisse meo.
Tum mihi quisquis erat vere deflesset amicus:
 Deflesset q; quos laudibus extuleram.
Quis ego centena et millena poemata feci:
 Vnde quibus pedibus scripta soluta dedi.
Morte dionysus nostra tristatus abisset.
 Cum tota moestus marchio menesia.

Et quem ductant manibus colloq; sedentem
 Vestant gaudens per loca amena meo.
 Deniq; si fas sit rectum verumq; fateri:
 Fleuisset crudam gens bona cuncta necem.
 At venerisset gens barbara: et impia musis
 Inuida: que vates non coluere deos.
 Cui neq; pegasides: nec mons beliconis et vnde
 Fontis inexhausti castaliq; placent:
 Cui nec odoriferam laurum: myrtúq; virentem:
 Anxius urbanas dum sibi querit opes.
 Sed deus ex alto: qui recta lance ministrat
 Omnia: prospexit: facta nefanda vetat.
 Nuncius interea veri salomonis ad aures
 Peruenit: et paucis protinus acta refert.
 Is fuit ex cultis ferrandus moribus autor
 Alcauus: vite maxima causa mee.
 Cui soli plusq; centum debemus amicis:
 Sint licet aut comites magnanimiue duces.
 Ille igitur sapiens celesti numine plenus
 His me summersum fluctibus eripuit.
 Nomine martinus: castelli agnomine branchi:
 Primus amor regis: primaq; cura sui.
 Castelli cognomen habet: munimine fultus:
 Virtutum et circum turre potente datus.
 Branchum vulgares: album dixere latini.
 Albior argento candidiorq; niue
 Absens multa facit nutu q; plurima presens:
 Cuius in arbitrio regia summa iacet.
 Alphonso quondam charnis natoq; ioanni
 Tanta illi probitas insita tantas bonos.
 At multo emannel tibi nunc charissimus extat
 Quo sine nil magnis rex bone rebus agis
 Cui merito tua cōmittis secreta superno.
 Consilio pollet feruet amore fide.
 Non tam meo enas orbis tum scepra tenenti.
 Quantum hic acceptus regibus esse solet.
 Hic hic ille virum magnorum aplissimus: amplum
 Obtinet in regno precipuumq; locum.
 Pulcher vt aspectu sic re pulcherrimus ipsa.
 Adnubites extra an pulchrior intus eat.
 Etq; gubernator seruauit vlyx bona et auxit
 Ante tuum genitor dignus bonore bonum.

Sic nunc regnorum seruator: filius oruatur:
 Inq̄ dies dicitur: amplificatq̄ magis:
 Deq̄ viro summo quem non deceptus et amens
 Vere romuleum: semideumq̄ voco:
 Iudicium si forte meum post multa requiris:
 Hoc vnum breuiter sentio: non aliud.
 Quicumq̄ in regno viuatur: vel forsitan extra:
 Seu sit plebeus: seu generosus: eques:
 Diuitiq̄ et stirpe nitens siue aduena: seu sit
 Incola: natalis compatriota loci:
 Hunc adeat: totis studeat conatibus vnum
 Et sibi quo poterit conciliare modo.
 Tutus aget vitam: nullis conflictibus actam:
 Tuta procellosa scymba natabit aqua.
 Hunc quicumq̄ tenet: magnos comitesq̄ ducesq̄
 Quin ipsam regem se retinere putet.
 Immo ego martino seruire libentius vni
 Vallem: q̄ regi principibusq̄ decem:
 Illos me tali sine meo cenate putarem
 Incertos dominos semper habere meos.
 Hoc tamen eternos intercessore tenerem:
 Esset et in nostro pectore firma quies.
 Mentiar: an meritos tanti celebremus honores:
 An maiora canam re monumenta viri:
 Tu mihi testis ades: tu qui celestia calies:
 Nedum corporeis subdita luminibus.
 A primo ad summam nosse sublimia celum:
 Ante oculos nedum continuata tuos.
 Nam sapiens doctus sapientem nouit amicum:
 Ingenium: mores: abdita corda salem.
 Et age clararum scriptorū cupidissime rerum:
 Precor fere rauco guttore: fide manu:
 Pande salutata primum tibi virgine causas:
 Qua sine oberrabit luce viator iter:
 Qua sine naua miser tumidis iactabitur vndis:
 Vita nec in laribus sit cui tuta suis.
 Cur potius patria vir iustus natus in ista
 Postremum mortis viuatur ad vsq̄ diem:
 Quam nec apud validos gallos: italos ve sagaces
 Germanos fortes: moribus horridulos:
 Causa subest manifesta satis de pluribus vna:
 Quam lusitanum noscere quemq̄ decet.

Tempus ab innumeris huc vsq; fluentibus annis:
Cuius non valeat vir memor: esse memor:
Quo luitant reges populiq; sub armis
Exercent vires: corpora corda: suas.
Proq; fide sancta et tutando nomine christi:
Non contra quos vis prelia iusta gerunt.
Debellant nostris inimicos legibus hostes:
Horrida quos gignit aethrica: quosq; tyrus
Cumq; opus aduersus longinqua per equora teneros
Transmittunt classes praefidiumq; ferunt.
Quantq; nunc arabes: persas: parthosq; fugaces:
Phoenices: indos: ethiopesq; domant.
Senti tot meritis et tot virtutibus aucte
Premia ab arce deus digna merente dedit.
Scilicet hunc ipsum martinum sanguine claro:
Maioremq; sua nobilitate virum.
Pace gubernaret: belloq; teneret habenas
Regnorum: recta quo duce cuncta via.
Materna solidos artus vbi fixit in aluo:
Sensibus integrum: consilijq; polit.
Non his contentus maiori munere donat:
Ut actenus humano quale dedisse negant.
Unde nec eloquium: forma: sensusq; profundos:
Nec miror praesentem cum grauitate fidem.
Forte die quadam solitam puerile per aulam
Cum paribus ludens itq; reditq; celer.
Quinq; erat annorum cursu defessus anhelum
Pulvino properat apposuisse latus.
Illic cernebant famule: nutritiq; sedentes:
Totius custos vnica cura domus.
Opprimit infantem somnus: lateq; quiescit:
Subridens secum gaudia summa capit.
Zar fulgore nouo splendens: effundit odorem
Insolitum: quo gens reddita leta stupet.
Membra mouens geminas palmas ad iungit in vnti:
Orantis flexo poplite signa facit.
Obstupere omnes: sopita quid actio portet
Expectant auidi pretrepidijq; pauent.
Erecto capite: et clausis taciturnus ocellis
Ethera suspiciens spissa labella ciet.
 Vox experrectus: vultuq; ardente rubore
Aspicit astantes sanctaq; verba refert.

Jam non humanus facie: aut sermone videtur.
 Esse: sed e celi sedibus etheris:
 Ecce venit genitor: venit et trepidissima mater:
 Atq; rogant: dicat quid sibi facta velint.
 Nil mutire grauis multis presentibus audet.
 Amoris narrat singula utriq; puer-
 Mirantur: gaudentq; simul: dantq; oscula nato:
 Bre nouitate suum vix tamen esse putant.
 Mutata in melius forma est: mutataq; virtus.
 Natura humani cernitur angelici.
 Lota domus leta est: animalia muta: trabeq;
 Exultant: grates omnis alumnus agit.
 Que vero in somnis vidit: memorare iuuabit
 Pauca quibus notis cetera nota scies.
 Alatum puerum et forma vidisse nitentem
 Rettulit et grauib; ista tulisse modis.
 En ego nunc venio celo demissus ab alto.
 Nomine mittentis hec tibi dona feram.
 Do sapere in primis salomonis: apollinis altum
 Ingenium. formam mercuriq; decus.
 Illi si qua tamen fragilis libamina vite
 Attigerint: sophie detrabo inepta date.
 Te castam sanctamq; deus dat ducere vitam.
 Et colere oblatum legitimuq; torum.
 Ex te progenies longos victura per annos
 Nascetur nullis oblita criminibus.
 Foemineo sexu et maribus regnum omne replebis.
 Et vere tanta prole beatus eris.
 His dictis euro gemina velocior alis
 Euolat et celos venerat vnde petit.
 Consaluus genitor natum materq; beatrix
 Ceperunt vlnis letus vterq; suum.
 Non dant amplexus solitos non oscula fronti.
 Illum nescio quod numen habere rati.
 Nec poterant satiare oculos animosq; tuendo.
 Solum dicentis aurea dicta notant.
 Nec mora festinant alphonso tradere regi.
 Tradunt et proprium perpetuumq; dicant.
 Suscipit ille libens et dextra mulcet amica.
 Gaudet et in medio sustinuisse sinu
 Preponit princeps generosis cautus alumnis.
 Tanta inerat virtus gratia forma sophos.

Quem simul aspexit: diu miratus acumen:
De grauibus rebus multa notanda rogat.
Non puer vnus lustris: sed nestore natu
Utq; leontino: socrate maior agit.
Inde colunt stupidi venerantius: utpote lapsum
Lardine suppremo fidereoz polo.
Interea crescebat honos crescentibus annis:
Et socium rerum participemq; facit.
Non minus ac regi: regine charus adibat
Esset opus: quod vis munus et officium
Etas parua nimis non dat grauioribus vti
Ipsa licet veniat grandibus apta nimis.
Utq; puer camere camerã seruabat et aulam:
Uoce hac appellant tale ministerium.
Sed postq; dominũ rapuerunt fata potentẽ:
Seruitium nati iure ioannis inuit.
Equales animis: equales pene figuris:
Etate equales: ingenisq; pares.
Quem veluti fratrem dominus seruabat alũnũ.
Allo nec poterat quo sine stare loco.
In letis secum ducens: et rebus acerbis:
Credebat certa corda tenenda fide.
Preter multa viri sapientis ad ardua stantis:
Auratis res est vna linenda notis.
In ludis ebure quondam festisq; diebus:
Qualia sunt nullis cognita temporibus:
Centum primates induti vestibis aureis:
Siue equites ierint: seu pedites steterint:
Incedens inter turbis mirantibus omnes
Iste videbatur delius alter eques.
Ut sol in medio stellis rutilantibus ardet:
Quo fulgente magis sidera clara latent.
Quinetiam externus si quis non nosset alumnũ:
Regem: hunc regem diceret. haud aliũ.
Hastarum in ludis: quos hastiludia dicunt.
Se talem tanto peetore gessit eques:
Non gallus vaoparga furens: accensus et ira
Nec filuera bonis frater vterq; modis:
Non equites alij: non formosissimus vnus
Barrectus: quo non clarior alter erat:
Se gessere pares: tunc tunc rarissima virtus
Enicuit: timet hunc hostis et ipse probat

Moestior aduersis: nec eo lugubrior alter:
Alphonsi vt patuit principis interitu:
In letis quantum pulcher: speciosus: et acer:
In luctu tantum tristis: amarus adest:
Demissos animos: demissaq; lumina praefert:
 fulgentes habitus exiit ex humeris.
Induit et totum lanato corpus amictu:
A summo extremos verticis vsq; pedes.
Quo tamen inspecto turbis quaesita procoris
 Oblita arsisset penelopea viri:
Rec vestimento valet immutare decorem:
 Heste sub hac maior: fulget ab ore nitor:
Lugubri facie dominum regemq; iohannem
 Air prudens doctis mitigat alloquijs.
Sint quantum multi proceres regi q; propinqui:
 Qui fletu orbatum moesticiaq; leuent:
Non magis vilius dolor intestinus ab egro
 Diuelli poterat pectore subdidjs:
Quam placido aspectu martini: et voce benigna:
 Solus qui ferrum: marmora: mollit ebur.
Non me fallit amor: quem paruo rarus adiui
 Colloquio: nec spes vnde paremus opes
Defano: et diui reficit clementia regis:
 Sumq; senex vno principe letus bero.
Sed quia peccassem contra legemq; deumq;
 Portugalem sum dum pia gesta cano:
Si non que video tango: experiorq; notassem:
 Digna notis longa posteritate meis.
Ne ve quis ingrati gratum me nomine posset
 Carpere quo morbo me procul esse iuuat.
Eripuit crudo leto mortiq; tremende.
 Clade gigantea quid miserabilis!
Terrarum multum nos perlustrasse fatemur.
 Tot nouisse homines multimodosq; viros.
At mihi qui vultu incessu granitate lepore.
 Notorum magis hoc nemo placeret erat.
Nunquid adulamur: nunquid mentimur: vtrūq;
 Quantum exhorremus testificare potes.
Si sum peccator non sum tamen omnia mendax.
 Quiq; hominū iurent milia mille dabo.
Iurabunt nulloq; metu que scripsimus ipsi
 Constantes testes veridiciq; ferent.

Nemo tam sancta vita est: vt murmura lingue
Interdum vitet effugiatq; male:
Demptis: triginta sunt anni: pene duobus
Quo nos hac patria continuiq; sumus:
Eudenter iurare queam: sine labe miselli
Periuri: 7 prauis sacrilegiq; nota:
Quotquot ego audiui scitans arcana maligne
Facta ne sint huius qualia fama tonat:
Maiorem fama rem: famã req; minorem:
Luntorũ vnanimẽ comperimusq; sonum.
Hec bona gangeis opibus meliora putamus:
Et meliora: quibus defluit hermus: aquis.
Quin preciosa magis gẽmis: quas possidet indus:
Quicquid 7 in conchis nascitur assyrus.
Illa diu durant: sed habent mortalia finem:
Judicij saltem sunt peritura die.
Hec eterna dei bona sunt: eterna vigebũt
Iuncta deo: q̃uis machina tota ruat
Laxandi causa curis animũq; lenandi
Hic semel ad mugie venerat oppidulum.
Viuo fonte locus constat: riuoq; perenni:
Cenanti regi propter apros placitus:
Hac vespertinam trãsire circiter horam
Accidit: huncq; puto non adijisse nefas.
Inueni multis comitatũ ad fluminis oram
Letantem: 7 secum natus vterq; minor:
Cumq; salutassem: vultuq; exceptus amico:
Hoc ego de pueris blandior ore rogo.
Anne sciũt aliquid: respondit: plurima uana.
Nescirẽt melius esset 7 vtilius.
Et saeperet quicunq; pater: quẽ cura suorum
Natorum stimulat: verus 7 angit amor:
Editus in lucem fari cum ceperit infans
Aix intellectis pauca verba sonis:
De se: deq; sua curaret tollere matre:
Tutele alterius tradere 7 arbitrio.
Que nostris adeo infedit sententia fibris:
Euellant villo tempora nulla malo.
Diligimus natos nimium: nec scimus amare:
Quodq; malum est illis: credimus esse bonũ.
Dumq; indulgemus: placide blandimur: amantes
Armamus laqueos pestiferamq; lucem.

Quot blandicie molles: stulteq; parentum
Dulcentes natos: morte perenne necant.
Gilliorq; nouerca suo: q̄ mater amica est:
Illa odio prodest: hec pietate nocet.
Si peccat: mentitur amans peccata marito:
Ne bene castiget pignora cara pater.
Amphytrion iades odio iunonis ad astra
Euebitur: missus dum fera mostra domat.
Dum tener est: reprende tuum pater optime natum:
P: incipio monitis: post modo verberibus.
Ni tu castiges: rex castigabit ad unguem:
Carcere: fuste: bonis: morte: vel exilio.
Nec: si percuties virga scutica ve peribit:
Percutendo malis omnibus ei i pies.
Ollita figulus confingit uascula creta:
Que si duruerit: fingere uasa nequit.
Ceraq; tunc poterit signari certa sigillo.
Cum tractata parum redditur vda manu.
Vitis: et omnis item teneris radicibus arbor:
Flectitur ingyrum: quem velit agricola.
Sive velit sursum deducere: siue deorsum:
Seu pars dextra trahat: siue sinistra trahat.
Quod si opportuno cessabis tempore: franges
Succides: nec adhuc ad tua vota trabes.
Terribilis puero paret mira arte molossus:
Sit verbis doctus verberibusq; tener.
Deniq; nullum animal terrenum: siue marinum:
Doctrinam quod non quoq; docente legat.
Sunt duo: que nunq; mansuescunt arte vel vsu:
Imbecilla licet: illa tenella domes.
Furculus mus est: et hirundo domestica nusq;
Cetera homo domito: mitia bruta facit.
Si natura mihi natos aliquando dedisset:
In simul innumeras accumulasset opes:
N: c plures vno: qui sit successor et heres:
Indolis eximie: corporis eximij:
A quarto octauum cum quid peccaret ad annum:
Parte capillacerum: parte darem colaphos.
Nunc quartum ad decimum ferula clunemq; flagello
Torquerem horrendis ore femente minis.

Quarto decimo ad viginti senior vnum.
Laurino errantem tergoze corripere.
Quantū si prima teneraq; etate monerem;
Subiecto vt catulo non opus ista pari.
Utq; meos oculos reliquis seruare studerem
Sanguine productum visceribusq; meis.
Hec homini grauior peiorq; etatibus etas:
Curantis maius postulat auxilium.
Non homo: non puer est: quicumq; existit in illa:
Non metus vt puero: non pudor vtq; viro.
Et que plus alijs nocet infernalis, erinnys:
Et det achilleos becto: eosq; ferox.
Decq; decem nullum complet: si singula pensēs:
Que septem seruat: tradita ne an vetita:
Tempore quo domino scelera: et peccata fatemur:
Sponte sacerdotem nunquid adultus adit:
Inuitus trahitur cogēte pudore metuq;
Scit demon sua si proferat acta deo.
Si virtute dei adiuti venientibus annis
Emendaremur turpibus in melius.
In eccum rueremus ster: baratbrumq; profundum:
Unde esset reditum nulla datura dies.
Verum erit hic illo ingenij melioris et ille
Natura excelleat hunc meliore puer.
An doctrina dei vana est: an dogmata falsum
Sanctorum exemplis admonuere patrum?
Corde patrem matremq; tuum venerabere fili.
Longeuus terram si super esse velis.
Matrem nullum retinet patre natus amicum.
Nil poterit nato peius habere pater.
Et quanto melius quantoq; benignius vrget
Admonet hoc odio cana senecta magis.
Et si diuitijs genitor bonus affluat opat
Ingratus mortem vel mala fata necem.
Interdum sano insipiens aconita parenti
Preparat ante suo pellat ab ore diem.
Heu heu quanta tue seuit vesania mentis.
Cur obseruandies cur homicida patris?
Non homicida patris solum insidiato: opertus
Proditor: et misere seruus auaricie.

Non ego complures: monitus odisse paternos.
 Atq; optasse pium iam sepelire patrem:
An te mali iuvenes atrum subiere sepulchrum:
 Illoꝝ heredes associasse patres.
De noctis dignum referabo annalibus vnum:
 Quem iuuenem discat turba maligna sequi.
Cuius erat diuesq; senex: quem nouimus vrbe
 Felicea: nobis iunctus amicicia
Natus alexander quarundam captus amore
 Quicquid erat: et patrias plus patre amabat opes:
Nomine bernardus genitor: gozadinus alebat
 Natum peiorem nescius angue sinu.
Cumq; aliquod pheretro corpus ferretur bumaduz:
 Suspirans: oculos moestus ad astra leuat.
Nec quid erat senti: credens hoc funere motum:
 Et decet alterius ingemuisse malo.
Exequijs alijs gemitus iterabat ab imo
 Corde graues: rogo quid sic gozadine gemis.
An consanguineus: vel amicus? prohdolor: omnes
 Ille senex nunq; iam moriuntur ait.
Hem qui lais: miserande caue: ni poeniteat te
 Ipse prius perges: quo cupis ire patrem.
Illinc ad mensen furijs comitantibus idem
 Kaprus alexander ad nigra busta venit.
Ingenti genitor plorabat voce superstes.
 Oe miserum: quo nunc nate cadauer abs
Ad fletum multos clamans cogebat amarum:
 Ridebam mecum conscius artifici.
Masellus claudus: cecus mauricius exit:
 Aspera verba patri dixit vterq; suo.
Non ne patri et matri iesus tam subditus ibat:
 Quauis nutritor: non pater ille foret.
Innumerabilibus puerorum autoribus aures
 Nec minus exemplis cedere cesso nouis.
Qui bene moratus: subiectus vtriq; parenti:
 Et nunq; iratus filius extiterit:
Eliet honoratus: vita ditissimus ista:
 Hinc quem migrantem vita beata manet.
Illuc: vnde modo iusta ratione recessi:
 Argente hac ipsa nostra thalia redit.

Martinus voluit regis post fata iohannis
 Linqere regalem regisq; statum.
Moreq; soeratico reliquum traducere vite
 Rure aliquo: superi quam sibi cunq; darent:
Que non tam tribui potuisset longa merenti
 Viuentis meritis quin breuis illa foret.
Luta senectutem seruarent ocia letam.
 Pectora que capta fessa quiete leuant:
Sed rex emanuel viuentum maximus: et quos
 Humida marmoreo pondere terra tegit:
Allexit blandis precibus: ni pene coegit:
 Regnorum ne sic deposuisset onus.
Rouerat expertus totiens mirabile pectus:
 Et tanti ad queuis ardua corda ducis.
Andinus: venusinus item: nasoq; poete:
 Atq; alij tenuis oris et exigui:
Tres illi in primis: qui iam meruere triumphos:
 Et que triumphantum viuit imago trium:
Vno vicerunt omnes sub principe: et vno
 Tempore: nec pariter omnibus vna quies:
Malta relinamato scripsere volumina versu:
 Nullo florebut interitura situ:
 Fecissent multo maiora: et plura: quod esset
 Ingenijs tantis gratia tanta deum:
Illa virum hunc eadem nostrum si secla tulissent:
 His tuba clara magis: buccina plena magis.
Materiam nacti diuinam: diua dedissent
 In lucem: vero complacitura deo.
Lu quoq; magnanime o comitū: vatum vnice princeps:
 Maxime dicendi quolibet in genere:
Sume precor pennam: membranam: siue papyrum:
 Prome ex seriniolo diuite pauca tuo.
Nanq; ego deficio: seruo succede labanti:
 Arripe defessus que gerere arma nequit.
Valgetur virtus: pietas: prudentia: mores:
 Sanctaq; cum vera relligione fides
Non si sit opus tractare hastile: vel ensē:
 Thoracemq; humeris induere horrificam:
Alter homo insurgit: quem vix agnoscere possis:
 Nec nisi pacato victor ab hoste redit.

Vivat in eternum: quē scribere cepimus: eum:
 Nil refert nostro carmine ve alterius.
 Semper in hoc lato florescunt omnia campo:
 Rubra rosa ardescit: et simul alba nitet.
 Lilia canescunt violis distincta decenter:
 Nec desunt fontes leaturientis aque.
 Et fontes riuicq; fluunt amnesq; coloni
 Arua quibus pluvia deficiente rigent.
 Ora quibus satient et viscera sicca canentes:
 Quo magis hinc biberint. hoc magis inde bibent.
 Tollitur educens fructum cum frondibus arbor:
 Et sterilis nulli cernitur agricolae.
 Hunc age facunde o vates tot fructibus agrum:
 Nec minus insignem floribus ingredere.
 Ingressus vario pulchram de flore coronam
 Confice: confecta cinge recente caput.
 Cinge caput: tractaq; manu: vel ponito nari:
 Lactu oculos satia: pectus odore reple.
 Vox ubi tam pulchro sermo satiatus: a cantum
 fastidis violas: lilia amella: rosas:
 Fonte vel ex riuo nitidos asperge liquores.
 Ne siccet phoebus: longa vel aura dies:
 Romanam fratri poteris transmittere in vrbr; n;
 Censores ibi sunt: pontificesq; patres.
 Illic excipient miro letamine docti:
 Bestiet in cupido quisq; tenere finu:
 Oscula mille dabunt: capitiscq; in vertice ponent:
 Amplexam fixis naribus olfacient.
 Post modo seruabunt: celeres et in ede recondent:
 Qua similes sacra sede locantur opes:
 Idq; minor natu flagranti corde iohannes
 Nulla curabit impediēte mora.
 Ultra bis denos rome cum vixerit annos:
 Legatus que sunt emanuelis egit.
 Dignus fratre suo: suppremo dignus honore:
 Cui meritum cingant pilea rubra caput:
 Aut si non extra cupies educere regnum:
 Seruandum in patrie limite malucris:
 Quattuor ex generis multa virtute iohanni
 Offer: quem iuuenem florca serua iuuant.

Qui roditens aui sale cognomen adeptus:
 Maior auo musis: nomineq; alter auus.
 Quicquid erit: medijs hic amplectetur in vlnis:
 Excipietq; animo talia dona pari.
 Lretus in aonio nutritus monte: sororum
 Lacte nouem: venit ad loca nostra puer.
 Formosum formosa decent: est coniuge dignus
 Digna viro coniunt: dignus vtroq; pater.
 Nec primogenitus pharetrato natus amori
 Consalvus: multo natus ad arma magis:
 Franciscus medius: minimusq; etate joannes:
 Dedignabuntur sumere laureolam.
 Sed de flore loqui mittamus: deq; corona:
 Que fieri ex campo fertilioze ualet.
 Martinum celeri penna repetamus eundem:
 Narremus proprium quale sit officium:
 Hoc habet officium cum regibus omnibus heros:
 Audentis genitor quod phaetontis habet.
 Quo sine nec mundus: nec gens existere posset:
 Armenta: aut volucres: quadrupedumq; greges.
 In chaos horrendum ruerent elementa: poliꝑ.
 Alter pene coli debet honore deus.
 Pellit enim tenebras: et pulsa nocte reducit
 Lumen: et adducto trilitia leta facit.
 Dat vim seminibus: cretis rebusq; creandis:
 Aduentuꝑ suo mortua vinificat.
 Cui tanquan regi radiantia sidera parent:
 Deq; sui regis lumine lumen habent.
 Nec habui: que nunc comicum pulcherrime princeps:
 Mitto repentinis illepidisq; sonis.
 Unius ad summum iuro mea lumina mensis.
 Dimidium posui: dimidio ve minus.
 Festinabat herus: rex festinabat in urbem:
 Quilibet accintu hoc corripiebat iter.
 Quando remansurus candenti vere fuisset
 Sancterene: ante alias que mihi grata placet.
 Quas ego debebam: nitebar soluere grates:
 Hoc me plus equo sollicitabat opus.
 Gaudebam presens presenti offerre libellum:
 Et facie ad faciem munera parua darem.

Pinguis ager docet exemplo quid quisq̄ sequatur:
Quid pro collato debeat officio.
Aginti modios vel plures reddit ob vnum.
Dantq̄ parem accepto: aut arida prata nihil.
Illi debemus modiorum milia centum:
Prima mihi per quem fit reparata salus.
Proq̄ vno liber hic modio numeretur: arando
Paulatim solvam debita mancipium.
Nec q̄ nunc tacui aluicti mirere baronem:
Debueram ante omnes quem celebrare viros.
Est opere in quodam nostro cātatus ab ore:
Quale viri virtus clara poposcit opus
Effigies quantus sit perfectissima dicit:
Multa celebrato cum salomone gerit:
Rege hinc missus: iam regia iussa facessit:
Sciret vlyxea si quid in vrbe mali:
Nec nisi rex magni momenti rebus auentem
Que sunt paucorum preposuisse studet.
Interea incolumis tu cum patre: matre: domoq̄
Aliue precor: serui sed memor vsq̄ tui.
Si vero tetrica claudam refecare senectam
Distulerint: paucos prebuerintq̄ dies:
Spero refecturum quod libro deficit: asper
Quipe pedum vetnit ponere plura dolor.
Et dolor: et ratio: quam supra diximus: egit
Ne presens longe longius esset opus.
Sin sua raro bonis mites mihi stamina parce
Assueta rumpent fata seuera manu:
Insurgent alij maiora ad carmina uates:
Grandia qui grandi pectine plura canent.
Carnifices vis scire duos paulo ante notatos
Non proprijs ambos significabo notis.
Qui recipit nummos: soluitq̄ ncophytus vnus:
Quiq̄ senex sacras fonte recepit aquas
Alter qui regis data computat omnia alumnis
Imperium contra quem mediocre tenet.
Idi duo cyclopes vatem to: sere sicanum:
Dum que pro victu rex dat: inane negant.
In quos scripsissem satyras rabiosus acerbas:
Nil lusitano natus vterq̄ solo.

Que gens carminibus cantata est aurea nostris:
 Non secus ac tellus concelebata viget.
 Nunc satis est animum moestis expleffe camenis:
 Zeta dies veniet: carmina leta canam.
 Non mihi leta dies multo triftiffima currit:
 Zetus ago: dum fic concinuiſſe iunat.
 Quo ſine te pacto letus modo viuere quirem?
 Cum procul aſpectu cogar abeſſe tuo:
 Si tamen vt quondam fruere: felicior irem:
 Calcarem pedibus regna ſuperba meis.

¶ Ad comitem de puella tandem
 Daſuefacta et q nulla mulier caſta

HActenus indomitam domui ſtrauiq; leenam:
 O conſumatum perpetuumq; bonum.
 Nunc fortunato nunc fortunatior omni
 Felices reges contero ſub pedibus.
 Jam videoz nixeo celos transcendere curru:
 Celfus et ardentis cernere ſolis equos.
 Que fuit aſſidujs precibus tentata: diuq;
 Venit in amplexus mitis amica meos:
 Tranſierant octo: quo me percuſſerat: anni:
 Aſpetus præter gaudia nulla tuli.
 Vnde modis et mille vix mille artibus vti
 Poſſeſſe amentem ſepe coegit amor.
 Nam modo mittebam blandiffima carmina: tali
 Flectere quo poterant ferrea corda: ſono
 Et modo pulſabam terre citharedus ad umbram
 Ante fores: nullo me comitante: lyram.
 Sub tegete o quotiens ventos contractus et imbres
 Siccaq; nigranti frigo: a nocte tuli.
 Vltibus interdum nitidis indutus obibam
 Vertit ad hec oculos vix ſemel illa ſuos.
 Ecce labella dicata ioui atq; ignita momordi:
 O me felicem ſecula cuncta iouem.
 Oſcula candenti dedimus ſpiſſiffima fronti:
 Poſt oculis: roſeis poſtq; tremendo genis.
 Mor gracili et pleno libaui baſia collo:
 Oreq; contingens pectora: iam cecidi.

BIBLIOGRAFIA

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

- BATTELLI, Guido — «Parisii Cataldi Siculi — Proverbia», *Instituto*, vol. 78, Coimbra, 1929, págs. 621-634.
- CAMÕES, Luís de — *Os Lusíadas*, ed. organizada por RAMIRO DE AGUIAR, Porto, 1964.
- CARVALHO, Joaquim de — *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Séc. XVI*, 2 vols., Coimbra, 1944 e 1948.
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — *Angolorum et Musarum Triumphus Gonsaluo Martini Filio Congratulantium* (incluído nos *Poemata*, Lisboa, s. d.).
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — «Conquestio ad Dominum Ioannem Emmanuelem Regis Emmanuelis Primum Cubicularium» (*Provas da História Genealógica*, VI, ii, pág. 179 e segs.).
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — *De Diuina Censura et Verbo Humanato liber primus* (ms. da Biblioteca e Arquivo Municipal de Évora).
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — *Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi Siculi*. Lisboa, 1500.
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — *Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*. Lisboa, s. d.
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — *Poemata*. Lisboa, s. d.
- CATALDO PARÍSIO SÍCULO — *Visionum Libri*. Lisboa, s. d.
- CAVALEIRO, Estêvão — *Noua Grammatices Mariae Matris Dei Virginis Ars*. Lisboa, 1516.
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves — *O Renascimento em Portugal — Clenardo (com tradução das suas principais cartas)*, Coimbra, 1918.
- CÍCERO, Marco Túlio — *Epistolae — Discursos*, Les Belles-Lettres, Paris.

- Diccionario Del Mundo Clasico*, 2 vols., dir. por P. IGNACIO ERRANDONEA, S. I., Barcelona, 1954.
- DU CANGE — *Glossarium ad Scriptores Mediae et Infimae Latinitatis*, Parisiis, MDCCXXXIII-VI.
- Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*. Instituto G. Treccani, Roma, 1929 e segs.
- ERASMO, Desidério — *Opera Omnia* (In decem tomos distincta), Hildesheim, 1961 (reprod. da ed. de Leida, 1703), 1.º tomo.
- ERNOU, Alfred et THOMAS, François — *Syntaxe Latine*, Paris, 1953.
- FERREIRA, Francisco Leitão — *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*. Edição de JOAQUIM DE CARVALHO, 5 vols., Coimbra, 1937-1956.
- FORCELLINI, Aegidius — *Lexicon Totius Latinitatis*, 6 vols., Patavii, MCMXXXX.
- FREIRE, A. Braamcamp — *Vida e Obra de Gil Vicente, «Trovador e Mestre da Balança»*, ed. da Rev. *Ocidente*, Lisboa, 1944.
- FREIRE, A. Braamcamp — *Brasões da Sala de Sintra*, 3 vols., 2.ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973.
- Gavetas da Torre do Tombo*, Centro de Estudos Históricos e Ultramarinos, 7 vols., Lisboa, 1960-1968.
- GÉLIO, Aulo — *Noctes Atticae*, Col. des Auteurs Latins, Paris, MDCCCLXV.
- Genealogia dos Reis de Portugal, Casa de Bragança e Outras Famílias* — Manuscrito n.º 2964 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- GÓIS, Damião de — *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Nova edição conforme a primeira de 1566, 4 vols., Coimbra, 1949-1955.
- HORÁCIO — *Epodos — Sátiras — Odes*, Col. Hachette, Paris.
- Livro de Linhagens do Séc. XVI* — Introdução pelo Académico Correspondente ANTÓNIO MACHADO DE FARIA. Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1956.
- MACHADO, Barbosa — *Bibliotheca Lusitana*, 4 vols., Lisboa, 1741-59.
- MARGOLIN, J. C. — *Érasme par lui-même*, Paris, 1965.
- MARROU, Henri Irénée — *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*, Paris, 1965.
- MATOS, Luís de — *Les Portugais en France au XVI^e Siècle*. Coimbra, 1952.
- MATOS, Luís de — *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500-1550*. Coimbra, 1950.
- MATOS, Luís de — «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo», *A Cidade de Évora*, vol. 35-36 (1954), págs. 3-13.
- MENESES, Miguel Pinto de e SÁ, A. Moreira de — *D. Pedro de Meneses, Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa (Oratio habita in Scholis Ulixbonae)* Lisboa, 1964.

- MERGUET, H. — *Lexikon Zu Vergilius*, Hildesheim, 1960.
- MORAIS, Cristóvão Alão de — *Pedatura Lusitana* (Nobiliário de Famílias de Portugal), VI tomos, Porto, 1943 e segs.
- MONNIER, Philippe — *Le Quattrocento*, 2 vols., Paris, 1931.
- OSÓRIO, Jorge Alves — *M.^o João Fernandes, A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas de... Instituto de Estudos Clássicos. Coimbra, 1967.
- Ovídio — *Metamorfoses*, Les Belles Lettres, Paris.
- Oxford (The) Classical Dictionary* — Oxford, 1970.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa — *História da Literatura Portuguesa*, vol. I, 2.^a ed., Coimbra, 1959.
- PINA, Ruy de — *Croniqua delrey Dom Joham II*. — Nova edição com prefácio e notas de ALBERTO MARTINS DE CARVALHO, Coimbra, 1950.
- RAMALHO, Américo da Costa — *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 1969.
- RAMALHO, Américo da Costa — «O mito de Actéon em Camões», *Humanitas* XIX-XX, Coimbra, 1967-68, 51-72.
- RAMALHO, Américo da Costa — «A Idade de João Rodrigues de Sá de Meneses», *Humanitas* XXI-XXII, Coimbra, 1969-70, 414-416.
- RAMALHO, Américo da Costa — «A Introdução do Humanismo em Portugal», *Humanitas* XXIII-XXIV, Coimbra, 1971-72, 435-452.
- RAMALHO, Américo da Costa — «IV—*Tituvilensis* em Cataldo; V — Três documentos respeitantes a Salvador Fernandes», *Ibidem*, 475-480.
- RAMALHO, Américo da Costa — «Um elogio em latim, contemporâneo de Miguel Corte Real», *Humanitas* XXV-XXVI, 1973-74, 3-16.
- RAMALHO, Américo da Costa — «MENESES (D. Pedro de)», «NORONHA (D. Leonor de)», «SÍCULO (Cataldo Parisio)», *Enciclopédia Verbo*, s. vv.
- RESENDE, Garcia de — *Cancioneiro Geral*, ed. de GONÇALVES GUIMARÃES, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1910-1917, 5 vols.
- RESENDE, Garcia de — *Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del Rey Dom Joam II*, Coimbra, 1798. Reimpressão da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1973.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos — *Cataldo Áquila Parisio Siculo e a princesa S. Joana*, Sep. da Secção VII das Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, 1960.
- SILVA, Luiz Augusto Rebello da — *Corpo Diplomatico Portuguez*, 14 vols., Lisboa, MDCCCLXII, I tomo.

- SILVA, Luiz Augusto Rebello da — *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo...*, 19 vols., Paris, 1842-1860.
- SILVESTRE, Maria Beatriz — *A Correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*. Tese de Licenciatura em Filologia Clássica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1965.
- SOUSA, António Caetano de — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Nova edição revista por M. LOPES DE ALMEIDA e CÉSAR PEGADO, 14 vols., Coimbra, Atlântida, 1946-1955.
- SOUSA, António Caetano de — *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Nova edição revista por M. LOPES DE ALMEIDA e CÉSAR PEGADO, 12 vols., Coimbra, Atlântida, 1946-1954.
- VASCONCELOS, Basílio de — «Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer», *O Instituto*, 80, Coimbra (1930), 541-569.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — *Notas Vicentinas*, ed. da Rev. *Ocidente*, Lisboa, 1949.
- Verbo—Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Editorial Verbo, Lisboa, 1963 e seguintes.
- VIRGÍLIO — *Eneida — Geórgicas — Bucólicas*, Col. Hachette, Paris.
- VIGENTE, Gil — *Obras Completas*. Com prefácio e notas do Prof. MARQUES BRAGA. Col. Clássicos Sá da Costa, 6 vols., Lisboa, reimpressão de 1968.

ÍNDICES

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS *

- ABRANTES, 2.^{os} condes de — 50
 ABRANTES, marquês de — 21 n. 18
 AFONSO, D., conde de Noronha e Gijón — 10
 AFONSO, D., príncipe (filho de D. João II) — 36, 41, 47, 50, 95 nn. 61, 62 e 65, 97
 AFONSO V, D. — 34, 51, 81, 91
 AFONSO, D. (filho de D. Dinis, conde de Lemos) — 54
 ÁFRICA — 41, 43, 75 n. 18, 85
 AGANPE, fonte de — 115 n. 104
 ALCÂNTARA — 41
 ALCÁÇOVA, Fernando de — 79, 79 n. 32
 ALCOUTIM, 1.^o conde de (*vide* Meneses, D. Fernando de) — 77 n. 25
 ALCOUTIM, 2.^o conde de (*vide* Meneses, D. Pedro de) — 9, 10, 10 n. 5, 12, 17 (*bis*), 19 n. 14, 33, 34, 69, 69 nn. 1 e 3, 83 nn. 40 e 41, 93 n. 56, 111 n. 97, 117 n. 109, 121 n. 118
 ALGARVE — 117 n. 107
 ALGARVE, bispo do (*vide* Mascarenhas, D. Francisco Martins) — 33
 ALMEIRIM — 18
 ALVITO — 49 (*ter*)
 ALVITO, 2.^o barão de (*vide* Lobo, D. Diogo) — 49, 50 (*bis*), 119
 ALVITO, 3.^o barão de (*vide* Lobo, D. Rodrigo) — 50
 ALVITO, 2.^a baronesa de (*vide* Noronha, D. Joana de) — 50
 ALVOR — 35
 ANDES — 111 n. 91
 ANDINO, poeta (*vide* Virgílio) — 111
 ANFITRIÃO — 101
 ANTÃO (escravo preto) — 73
 ÁON, rei — 115 n. 104
 AÓNIO, monte — 115
 APOLO — 36, 71 n. 7, 77 n. 21, 79 n. 29, 89, 93 n. 60
 AQUILES — 105
 ARAGÃO — 53
 ARZILA — 19, 21 n. 19
 ASENSIO, Eugenio — 19 n. 13
 ATAÍDE, D. Isabel de — 46 (*bis*)
 AUGUSTO, Octaviano César — 81 n. 34 111 n. 94
 AVEIRO, ria de — 61
 AVEIRO — 61 n. 76, 77 n. 26
 AZAMOR — 21 n. 19
 BARRETO, Nuno — 95 n. 65
 BARRETO, Rui — 95, 95 n. 65
 BASTO, A. de Magalhães — 19 n. 13, 20 n. 16
 BATALHA, mosteiro da — 35
 BEÓCIA — 115 n. 104
 BIONDO, Flavio — 22, 24 (*ter*)
 BITÍNIA — 89 n. 51
 BODLEIAN Library — 33
 BOLONHA, cidade de — 107 nn. 86 e 87 (*bis*)
 BRAGA — 45
 BRAGANÇA — 51
 BRAGANÇA, duque de (*vide* Fernando, D.) — 51 (*bis*)
 BRAGANÇA, duque de (*vide* Jaime, D.) — 51, 52, 53, 54, 77 n. 24

* Elaborado pela Lic.^a Nair de Castro Soares.

- ÊNIO** — 89 n. 50
ENTRE-Douro e Minho — 25, 29
ERASMO, Desidério — 57, 58, 61
ESPAÑA — 21 n. 20, 27, 36
ESTRASBURGO — 23 n. 23
ETNA — 97 n. 69
EURISTEU — 101 n. 78
EURO — 77 n. 24, 91
ÉVORA — 22, 25, 35, 47, 50, 93, 95
 nn. 61, 62 e 63
ÉVORA, Biblioteca Pública de — 33, 37

FAETONTE — 117, 117 n. 108 (*bis*)
FARIA, António Machado de — 9 n. 1
FARO, alcaide-mor de (*vide* Barreto, Rui) — 95 n. 65
FEBO — 113
FEDRO — 107 n. 88
FÉLSINA, cidade de (*vide* Bolonha) — 107
FELTRE, Vittorino Rambaldoni da — 57 (*ter*), 58, 61
FERNANDO, D. (duque de Bragança) — 51 (*bis*)
FERNANDO, infante D. — 51 (*bis*)
FERNANDES, Nuno — 19
FERNANDES, Salvador — 10 n. 5
FERNÁNDEZ, M.^e Juan — 23 n. 24, 25
FEZ — 19
FLORENÇA — 21, 22 (*bis*), 25, 29
FOGAÇA, João — 41
FORCELLINI — 85 n. 46
FRANÇA — 34
FREIRE, A. Braamcamp — 12, 33 n. 2, 34 n. 6, 35, 35 n. 7, 36, 41 n. 21, 42 n. 26, 43, 49, 50, 50 n. 54, 54, 79 n. 31, 81 n. 37, 95 n. 65, 119 nn. 110 e 115
FREIRE, D. Maria (2.^a marquesa de Vila Real) — 44, 69 n. 1
FUNCHAL, 2.^o capitão do (*vide* Câmara, João Gonçalves da) — 10
FÚRIAS — 109

GAIA, Vila Nova de — 21 n. 16
GÁLIA — 60
GALIZA — 54
GAAMA, Vasco da — 46

GANGES — rio — 99
GARDA, lago de — 89 n. 51
GIJÓN, conde de Noronha e (*vide*, Afonso, D.) — 10
GIL, Branca — 43
GIOCOSA, La Casa — 57, 58
GODINHO, Vitorino Magalhães — 23 n. 25
Góis, Damião de — 21 n. 19 (*bis*), 21 nn. 20 e 21, 36 n. 12, 42 n. 25, 52, 52 n. 60, 53
GONZAGA, Gian Francesco — 57
GÓRGIAS — 91 n. 57
GOZADINO, Alexandre — 107, 107 n. 87 (*bis*), 109 (*bis*)
GOZADINO, Bernardo — 107
GOZZADINI, família — 107 n. 87
Goyos, Manuel de — 18
GUIMARÃES, Gonçalves — 18 n. 12
GUSMÃO, D. João de (conde de Niebla) — 51

HALLE — 19 n. 13, 20 n. 16
HEITORES — 105
HÉLICON — 71 n. 7, 79, 79 n. 28
HENRIQUE, Cardeal D. — 25
HENRIQUE II, D., de Castela — 10
HÉRCULES — 101 n. 78 (*bis*)
HERMO, rio — 99, 99 n. 72
HERODES — 123 n. 118
HIPOCRENE, fonte de — 79 n. 27
HISPÂNIA — 60
HORÁCIO — 27, 60 (*ter*), 71 n. 7, 87 n. 48, 111 n. 92
HUMANISMO — 57

ÍNDIA — 46, 99 n. 71, 99 n. 73
INDO, rio — 99
INÊS, D. (filha de D. Francisco de Lima) — 19 n. 13
ISABEL, D. (esposa do príncipe D. Afonso) — 95 n. 62; (1.^a mulher de D. Manuel) — 36, 41, 53 (*bis*), 53 n. 64
ISABEL, D. (filha de D. Dinis, conde de Lemos) — 54

- ISABEL, D. (filha do infante D. Fernando) — 51, 52, 54
- ITÁLIA — 20 (*ter*), 20 n. 16, 21, 22 (*sezies*), 25, 27 (*ter*), 29, 57, 60, 117 n. 108
- JAIME, D. (duque de Bragança) — 21 n. 51, 52 (*ter*), 53, 77 n. 24
- JERUSALÉM — 52
- JESUS CRISTO — 34, 85, 109
- JOÃO II, rei D. — 9, 12 (*bis*), 17 n. 10 (*bis*), 20, 34, 35 (*quater*), 36, 41, 50, 51, 60, 77 n. 26, 81, 93, 95 n. 61, 97, 97 n. 66, 109
- JOÃO III, rei D. — 9, 21 n. 20, 42, 43 46 (*bis*), 115 n. 106
- JOÃO MANUEL, D. (camareiro-mor de D. Manuel) — 17 n. 10, 105 n. 81, 121 n. 118, 123 n. 118
- JORGE, D. (duque de Coimbra) — 48, 60, 77 n. 26
- JÚLIO II, papa — 113 n. 101
- JUNO — 101, 101 n. 78
- JÚPITER — 89 n. 50 (*ter*)
- LÁCIO — 60
- LEMONS, casa de — 52
- LEMONS, conde de (*vide* Dinis, D.) — 51, 53, 54
- LEMONS, 2.º conde de (*vide* Osório, D. Rodrigo Henriques) — 52
- LEMONS, vila de Monforte de — 54
- LENTINI — 93 n. 57
- LEONOR, rainha D. — 54
- LEONTINO — 91, 93 n. 57
- LIGÚRIA — 22
- LIMA, D. Francisco de — 19 n. 13
- LIMA, rio — 27
- LINCEI, Academia dei — 33
- LINHARES — 46 (*ter*)
- LINHARES, 1.º conde de (*vide* Noronha, D. António de) — 45 (*bis*), 75 n. 17
- LISBOA — 9 n. 1, 11 n. 9, 19 n. 13, 21 nn. 18 e 21, 23 nn. 23 e 25, 33, 34, 45, 46, 53, 81, 81 n. 38, 119, 119 n. 110
- LISBOA, Ribeira de — 11 n. 9
- LOBO, D. Diogo (2.º barão de Alvito) — 49, 50 (*quater*), 119 nn. 113 e 115
- LOBO, D. Rodrigo (3.º barão de Alvito) — 49
- MACHADO, Barbosa — 21 nn. 16 e 18
- MACRÓBIO — 25
- MADEIRA, 2.º capitão da ilha da (*vide* Câmara, João Gonçalves da) — 36
- MALVEZZI, Bessáron — 107 n. 87 (*bis*)
- MANDAMENTOS, Dez — 105 n. 82
- MANTUA, duque de (Gian Francesco Gonzaga) — 57
- MANUEL, D. Nuno — 37
- MANUEL, rei D. — 9, 11, 17 n. 10, 21 n. 20, 36, 41, 42, 50, 51, 52 (*bis*), 53, 62, 64, 73, 81, 105 n. 81, 109, 115
- MARÃO, Serra do — 69 n. 2
- MARCIAL — 27, 91 n. 41
- MARIA, rainha D. — 11
- MASCARENHAS, D. Francisco Martins (bispo do Algarve) — 33
- MATOS, Luís de — 17 n. 10, 33, 99 n. 70
- MAURÍCIO — 109
- MECENAS — 33, 81, 81 n. 34, 83
- MÉCIA, D. (filha de D. Dinis, conde de Lemos) — 54
- MÉDIA, Idade — 69 n. 3
- MENDONÇA, D. Leonor de — 52
- MENESES, casa dos — 77
- MENESES, D. Duarte de — 41
- MENESES, Eduardo de — 113 n. 101
- MENESES, D. Fernando de (2.º marquês de Vila Real) — 10, 17, 69 n. 1, 77 n. 25
- MENESES, Fernão Teles de — 41
- MENESES, D. Henrique de — 43 (*bis*), 44
- MENESES, D. João de — 41 (*quater*), 42, 43 (*ter*), 75 n. 16
- MENESES, João Rodrigues de Sá de — 10, 17, 18 (*ter*), 19 (*bis*) 19 nn. 13 (*quater*) e 14, 20 (*quater*), 20 n. 16, 21 (*bis*), 21 n. 18, 22 (*bis*), 23 nn. 23 e 24, 115, 115 n. 102

- MENESES, D. João de Vasconcelos e — 37
- MENESES, D. Pedro — (*vide* Vila Real, 1.º marquês de)
- MENESES, D. Pedro de (conde de Alcoutim) — 9, 10, 10 n. 12, 17, 19 n. 14, 33, 34, 60, 69 nn. 1, 2 e 3, 75 n. 17, 121 n. 118
- MENOR, Ásia — 99 n. 72
- MERCÚRIO — 91
- MESSIAS — 69 n. 3
- MICHAELIS DE VASCONCELOS, D. Carolina — 19, 19 n. 13 (*bis*), 20 n. 16
- MIGUEL, príncipe D. — 52 n. 64
- MINA — 18
- MINHO, rio — 27
- MIRANDA, Francisco de Sá de — 19, 19 n. 13, 22
- MONCORVO, Santa Maria da Torre de — 46
- MONDEGO, rio — 79 n. 28
- MONNIER, Philippe — 58 n. 70
- MORAIS, Cristóvão Alão de — 10 n. 7, 37 n. 15, 41 nn. 20 e 22, 42 n. 28
- MORÁVIA, Valentim Fernandes da — 117 n. 109
- MORDOMO, Conde Prior (*vide* Meneses, D. João de) — 42 (*ter*)
- MUGE, rio — 101 n. 75
- MUGE, vila de — 101, 101 n. 75
- MUJA, vila de — 101 n. 75
- MÜNZER, Dr. Jerónimo — 61
- MUSAS — 73 n. 10, 79, 79 nn. 27, 28 (*bis*) e 29, 83 n. 42 (*bis*), 115, 123
- NASÃO, poeta (*vide* Ovídio) — 111
- NASELO — 109
- NEBRIJA, António de — 27 (*bis*)
- NEGRO, Mar — 111 n. 96
- NEPTUNO — 73 n. 13
- NESTOR — 77 n. 21, 91
- NESTORES — 63
- NIEBLA, conde de (*vide* Gusmão, D. João de) — 52
- NORONHA, D. Afonso de (filho de D. Fernando de Meneses) — 69 n. 1
- NORONHA, D. António de (1.º conde de Linhares) — 45 (*ter*), 75, 75 n. 17
- NORONHA, D. Brites de — 10 n. 7
- NORONHA, D. Camila de — 18 (*bis*), 19 n. 13 (*ter*), 115 n. 102
- NORONHA, D. Diogo de (filho de D. António de Noronha) — 45
- NORONHA, D. Fernando de (filho de D. António de Noronha) — 45
- NORONHA, D. Francisco de (filho de D. António de Noronha) — 46 (*bis*)
- NORONHA, D. Inácio de (filho de D. António de Noronha) — 45 (*bis*), 46 (*sexties*), 75, 75 n. 19
- NORONHA, D. Joana de — 50 (*bis*)
- NORONHA, D. João de (filho de D. António de Noronha) — 45
- NORONHA, D. João de (filho de D. Fernando de Meneses) — 60, 69 n. 1
- NORONHA, D. Leonor de (filha de D. Fernando de Meneses) — 45, 69 nn. 1 e 3 (*bis*), 71
- NORONHA, D. Maria de — 36
- NORONHA, D. Mécia de — 10 (*bis*), 21 n. 18, 36
- NORONHA, D. Nuno de (filho de D. Fernando de Meneses) — 69 n. 1
- OLIMPO — 73 n. 14
- ORIENTE — 77 n. 21
- OSÓRIO, Álvaro — 54
- OSÓRIO, D. Brites de Castro — 52
- OSÓRIO, D. Luís — 54
- OSÓRIO, D. Rodrigo Henriques — 52
- OSÓRIO, D. Teresa — 52
- OURA, Porta da — 11 n. 9
- OURENSE — 54
- OVÍDIO — 23, 107 n. 85, 111 nn. 93 e 96, 121 n. 118
- OXFORD — 33
- PACTOLO, rio — 99 n. 72
- PADRES, Santos — 105
- PALAS — 73
- PANTOJA — 10 n. 7 (*bis*)
- PARCAS — 121, 121 n. 116
- PARIS — 58 n. 70
- PARNASO, Monte — 79 n. 29
- PEDRO (escravo preto) — 73

- PEDRO, D. (filho de D. Dinis, conde de Lemos) — 53
 PEGÁSIDES — 79, 79 n. 27
 PÉGASO — 79 n. 27
 PELOPONESO — 23 n. 23
 PENELA, conde de (*vide* Meneses, D. João de Vasconcelos e) — 37
 PENÉLOPE — 97
 PIÉRIDES — 73
 PILATOS — 123 n. 118
 PIMPÃO, A. J. da Costa — 41 n. 23
 PINA, Rui de — 35, 35 n. 9, 36 n. 10, 93 n. 59, 95 n. 61
 PINHO, Sebastião Tavares de — 22
 PIRCKHEIMER — 23 n. 23
 PLAUTO — 121 n. 118
 PLÍNIO — 25, 27
 Pó, rio — 117 n. 108
 POLICIANO, Ângelo — 20 (*quinquies*), 20 n. 16 (*bis*), 21, 21 n. 16
 POLIFEMO — 73 n. 13
 POLIFEMOS — 73, 121 n. 118
 PORTALEGRE, 1.º conde de (*vide* Silva, D. Diogo da) — 44
 PORTIMÃO (*vide* Vila Nova de Portimão)
 PORTO — 10 n. 7, 19 n. 13
 PORTO, alcaide-mor do (*vide* Meneses, João Rodrigues de Sá de) — 19 n. 13
 PORTUGAL — 17, 17 n. 10, 19, 24, 22 n. 22, 52 (*ter*), 53 (*bis*) 54, 95 n. 63
 PORTUGAL, D. Francisco de (conde de Vimioso) — 19

 QUARTEIRA, Senhor da (*vide* Barreto, Rui) — 95 n. 65

 RAMALHO, Américo da Costa — 10 nn. 4 e 5, 20 n. 15, 21 n. 17, 23 nn. 23 e 24, 29, 33, 38 n. 19, 54 n. 65, 61 n. 75, 69 n. 3, 73 n. 11, 83 n. 41, 89 n. 50, 97 n. 68, 103 n. 80, 113 n. 101, 115 n. 102
 REAL PORTUGUESA, Casa — 34
 RELAÇÃO, Casa da — 42
 RENASCIMENTO — 9, 20 n. 16
 RESENDE, Garcia de — 18, 23, 34, 41 n. 24, 95 n. 63 (*bis*), 97 n. 66

 RODES — 85 n. 46
 RODRIGUES, Álvaro — 123 n. 118
 RODRIGUES, Justa — 17 n. 10
 ROMA — 33, 51, 77 n. 23, 113, 113 n. 101, 115
 RÓMULO — 81
 ROTERDÃO, Sábio de (*vide* Erasmo, Desidério) — 58
 RUCELLAI, João — 25
 RUGGIERI, Jole — 41

 Sá, António de — 19 n. 13
 SÁ, D. Camila de — 19 n. 13
 SÁ, João Rodrigues de — 115 n. 103
 SABÓIA — 12, 21 (*bis*)
 SAFIM — 19
 SALOMÃO, rei — 63, 77 n. 21, 79, 89, 93 n. 56 (*bis*), 119
 SALVATERRA — 101 n. 75
 SANTA CLARA, mosteiro de (Lisboa) — 46
 SANTARÉM — 10, 33 (*bis*), 45, 69, 101 n. 75, 119, 119 n. 110
 SANTO ANTÓNIO, convento de — 54
 SANTO ANTÓNIO DOS PORTUGUESES, igreja de — 113 n. 101
 SANTO TIRSO — 25
 SARAGOÇA — 53
 SEBASTIÃO, rei D. — 117 n. 107
 SIBILA — 69 n. 3, 71
 SICÍLIA — 103 n. 80
 SIENA, Bulgarino de — 107 n. 87
 SILVA, Aires Gomes da — 29
 SILVA DIAS, José Sebastião da — 22 n. 22
 SILVA, D. Diogo da (1.º conde de Portalegre) — 45
 SILVA, D. Joana da — 45
 SILVA, D. Miguel da — 25, 29 (*bis*)
 SILVEIRA, D. Diogo da — 47, 48, 95, 95 n. 64
 SILVEIRA, Fernão da — 47
 SILVEIRA, D. Francisco da — 47 (*bis*), 95, 95 n. 64
 SILVEIRA, Dr. João Fernandes da — 49 (*ter*)
 SILVEIRA, D. Jorge da — 47
 SILVES — 35

- SILVESTRE, Maria Beatriz — 18, 45
nn. 34 e 36, 69 n. 3, 75 n. 17, 77
n. 25, 79 n. 32, 115 n. 102
- SÍLVIO (*vide* Silva, D. Miguel da) — 25
- SIMÃO (escravo preto) — 73
- SÍRMIO — 89 n. 50
- SÓCRATES — 77 n. 21, 91
- SORTELHA, 1.º conde de — 50
- SOUSA, D. António Caetano de —
46, 51, 95 n. 64
- SOUSA, Frei Luís de — 21 n. 20
- SOUSA, D. Maria de — 49
- SUPPLICAÇÃO, Casa da — 47, 49
- TALIA** — 109
- TAROUCA, conde de (*vide* Meneses,
D. João de) — 41, 42 (*bis*), 44, 75
- TÁRTARO — 97 n. 69
- TEIXEIRA, Luís — 20, 25 (*bis*)
- TEJO, rio — 11, 101 n. 75
- TÍRO — 85
- TOMI — 111 n. 96
- TOOSA — 73 n. 13
- TORO — 12
- TORO, batalha de — 34
- TOSCANA — 22 (*bis*), 27 (*bis*)
- TOURS, S. Gregório de — 77 n. 22
- VALENTE, D. Beatriz** — 34, 91
- VAOPARGA — 95
- VENTUROSO, Rei (*vide* Manuel, D.)
— 41, 51
- VENÚSIA — 111 n. 92
- VÉNUS — 89 n. 50
- VENUSINO, poeta (*vide* Horácio) — 111
- VEOPARGAS, Monseor de (*vide* Vao-
parga) — 95 n. 63
- VERONÊS (*vide* Catulo) — 89 n. 50
- VIANA, conde de (*vide* Meneses,
D. Duarte de) — 41
- VICENTE, Gil — 42, 42 nn. 27 e 29,
43, 50, 50 n. 53, 69 n. 3
- VIEIRA, Dulce da Cruz — 23
- VILA NOVA DE CERVEIRA, 3.º visconde
de (*vide* Lima, D. Francisco de)
— 19 n. 13
- VILA NOVA DE PORTIMÃO — 81 n. 37,
115 n. 106
- VILA NOVA DE PORTIMÃO, conde de
(*vide* Castelo Branco, D. Martinho
de) — 9, 12, 33, 34 (*bis*), 35, 36,
37 (*bis*), 43, 62, 77 n. 21, 95 n. 61,
115 nn. 102 e 106
- VILA REAL — 10 (*bis*), 33, 69 n. 2
- VILA REAL, 1.º marquês de (*vide*
Meneses, D. Pedro de) — 75 n. 17
- VILA REAL, 2.º marquês de (*vide*
Meneses, D. Fernando de) — 10, 45,
69 n. 1, 77, 77 n. 25
- VILA REAL, 2.ª marquesa de (*vide*
Freire, D. Maria) — 45
- VILA REAL, 3.º marquês de (*vide* Mene-
ses, D. Pedro de, conde de Alcou-
tim) — 10 n. 5, 19 n. 14, 69 n. 1
- VILHENA, D. Joana de — 41 (*bis*)
- VILHENA, D. Leonor de — 50
- VILHENA, D. Maria de — 41
- VIMIOSO, conde de (*vide* Portugal,
D. Francisco de) — 19
- VIRGEM MÃE — 71, 83
- VIRGÍLIO — 60, 83 n. 42, 89 n. 50,
89 n. 51, 91 n. 53, 111 n. 91, 113
n. 100
- VIRGÍLIO, Marcelo — 27
- VISEU — 25
- VLIBONA (*vide* Lisboa) — 81 n. 38
(*bis*)
- ZEUS** — 117 n. 108
- ZOIOSA, La — 57
- ZURARA, aldeia de — 29 (*bis*)



(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

	Págs.
Introdução	7
<i>De Platano</i>	24
Prólogo	31
D. Martinho de Castelo Branco	33
Outras Personagens Portuguesas do Século XVI, mencionadas no Poema	39
D. João de Meneses, conde de Tarouca	41
D. Inácio de Noronha	45
Os Irmãos Silveiras	47
O Barão de Alvito	49
D. Dinis, conde de Lemos	51
Cataldo e a Educação	55
Verus Salomon, Martinus	67
Fotocópias	125
Bibliografia	145
Índice de Nomes Próprios	153
Índice Geral.	161

(Página deixada propositadamente em branco)

CORRIGENDUM

Na página 25, linha 32, onde se lê Silvio, leia-se Silva

Na página 20, linha 22, onde se lê Luís, leia-se João

*Na página 33, linha 11, onde se lê Francisco, leia-se Fernão.
Fazer idêntica emenda na página 156, 2.^a coluna, linha 21.*

(Página deixada propositadamente em branco)

PUBLICAÇÕES
DO
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS — COIMBRA — PORTUGAL

PEREIRA, Maria Helena da Rocha — **Hélide** (Antologia da Cultura Grega). Coimbra, 3.^a edição, 1972.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha — **Greek Vases in Portugal**. Coimbra, 1962.

FERNANDES, João — **A oração sobre a Fama da Universidade (1548)**. Introdução, tradução e notas de JORGE ALVES OSÓRIO. Coimbra, 1967.

ÉSQUILO — **As Suplicantes**. Introdução, tradução e notas de ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR. Coimbra, 1968.

EURÍPIDES — **Andrómaca**. Introdução, tradução e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. Coimbra, 1971.

(Página deixada propositadamente em branco)

PUBLICAÇÕES
DO
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
(*INSTITUTO DE ALTA CULTURA*)

FACULDADE DE LETRAS — COIMBRA — PORTUGAL

PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira — **Problemática da tragédia sofocliana**, Coimbra, 1968.

RAMALHO, Américo da Costa — **Estudos sobre a época do Renascimento**, Coimbra, 1969.

FREIRE, José Geraldes — **A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apophtegmata Patrum»**. *Tomo I*: Introdução cultural; Pascásio como tradutor; texto crítico. *Tomo II*: Descrição dos manuscritos; genealogia dos códices. Coimbra, 1971.

Actas do «Colóquio sobre o ensino do latim», Coimbra, 1973.

FREIRE, José Geraldes — **Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de apotegmas**. Estudo filológico; texto crítico. Coimbra, 1974.

EURÍPIDES — **Ifigénia em Áulide**. Introdução e tradução de CARLOS ALBERTO PAIS DE ALMEIDA, Coimbra (*a sair brevemente*).

Composto e impresso nas oficinas da
GRÁFICA DE COIMBRA
Bairro de S. José, 2 — Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

